



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Arquitetura | Universidade de Lisboa

A Nova Museologia como impulsionadora da Reabilitação do Património Arquitetónico

A proposta de Revitalização da Frente Ribeirinha de Coruche e a reinvenção do “Novo Museu” Municipal

José Miguel Santos Cardoso Ferreira

(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado elaborado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Professor Doutor António Miguel Leite

Lisboa, FA Ulisboa, Setembro de 2020

Resumo

O objetivo deste trabalho centra-se no estudo das práticas da Nova Museologia aplicadas a um projeto de Arquitetura. Os principais elementos deste são o novo museu para Coruche, o redesenho do espaço público da frente ribeirinha e a reabilitação de uma habitação do séc. XIX localizada entre o novo edifício e o museu existente. Este projeto visa complementar o Museu Municipal de Coruche e revitalizar a zona histórica da vila, dada a sua importância na paisagem local.

Os problemas identificados nesta área urbana incluem, entre outros, uma pobre vivência com o rio e a margem oposta, quer do ponto de vista de fruição, quer do ponto de vista de simples observação. A pré-existência de alguns elementos arquitetónicos, necessários noutros tempos, têm limitado a permeabilidade e a facilidade em experienciar a Avenida Luís de Camões a nível pedonal.

Do ponto de vista de projeto, a nível urbano, elaborou-se uma solução que visa resolver os percursos pedonais e a fruição do rio e da paisagem. Relativamente ao edifício projetado, tem como objetivo suprir as necessidades da vila para as quais o atual museu não tem capacidade de resposta por si só. À luz das práticas da Nova Museologia, um museu é mais do que uma simples coleção, devendo englobar outros tipos de cultura, como exposições temporárias, salas multimédia e atividades lúdicas ou outras mais próximas da comunidade.

No que diz respeito à reabilitação, as alterações propostas à casa do séc. XIX, doravante denominada Casa do Rio, têm na sua génese a intenção de serem complementares ao edifício proposto, assim como ao Museu Municipal, tornando-se um espaço destinado a exposições temporárias.

Palavras-Chave: Museologia, revitalização, frente ribeirinha e reabilitação.

Abstract

The goal of this work is focused on the study of the practices of the New Museology applied to an architecture project. Its main elements are the new museum for Coruche, the redesign of the public space in the riverside and the rehabilitation of a XIX century house between the new building and the existing museum. This project aims to complement the Museu Municipal de Coruche and to revitalize the historical area of the town, given its importance in the local landscape.

The identified problems in this urban area include, among others, a poor living with the river and the opposite riverside, either from the standpoint of fruition or simple observation. The pre-existence of some architectonic elements, necessary in the past, have been limiting the permeability and the easiness to experiment the Luís de Camões Avenue on a pedestrian level.

From the project point of view, on an urban level, a solution was elaborated aiming to solve the pedestrian courses and the fruition of the river and the landscape. The goal of the projected building is to supply the needs of the town which the current museum has no ability of answering on its own. In the light of the practices of the New Museology, a museum is more than a simple collection and should encompass other kinds of culture, such as temporary exhibitions, multimedia rooms and ludic activities or others closer to the community.

Regarding rehabilitation, the proposed changes to the XIX century house, from now on referred to as Casa do Rio, have in their genesis the intention of being complementary to the proposed building, as to the Municipal Museum, in order to become a space destined to temporary exhibitions.

Key-words: Museology, revitalization, riverside and rehabilitation.

Agradecimentos

À minha família e amigos, que se mantiveram presentes ao longo do desenvolvimento deste trabalho durante um período de pandemia, em que durante muito tempo não foi possível sequer uma visita. Obrigado.

Índice Geral

Resumo	V
Abstract	VII
Agradecimentos	IX
Índice de figuras	XV
1. Introdução	1
1.1. Tema e questões de investigação	2
1.2. Hipóteses e objetivos	3
1.3. Metodologia	5
2. A Nova Museologia	9
2.1. Museu e Museologia – Conceitos	10
2.2. A evolução da Nova Museologia	17
2.2.1. A Nova Museologia durante a pandemia do COVID-19	24
2.3. O contexto português	26
2.4. O Novo Museu como espaço de interação sociocultural	28
2.5. A Arquitetura adaptada às novas ideias museológicas	31
3. A Nova Museologia e a reabilitação do património	37
3.1. A preservação do património e da identidade	38
3.2. O programa do novo museu como desencadeante de uma ideia de valorização patrimonial	41
4. Casos de Estudo	47
4.1. Praça de Lisboa	48
4.2. MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia	52
4.3. Casa da Música	56
4.4. Museu Nacional de Soares dos Reis	60
4.5. Museu da Comunidade Concelhia da Batalha	64

5. Leitura do lugar de intervenção	69
5.1. Enquadramento histórico-geográfico do território	70
5.1.1. O castelo de Coruche	75
5.1.2. A ermida de Nossa Senhora do Castelo	79
5.2. A vila de Coruche	82
5.2.1. A frente de rio	84
5.2.2. O Museu Municipal de Coruche	86
5.2.3. A Casa do Rio	89
6. O Novo Museu de Coruche	93
6.1. Programa	94
6.2. Conceito	97
6.3. Proposta Urbana	99
6.4. Proposta Arquitetónica	101
7. Conclusões finais	105
8. Bibliografia e fontes	111
8.1. Bibliografia geral	112
8.2. Webgrafia	114
8.3. Autores vários e catálogos	122
9. Anexos	125
9.1. Registos fotográficos	126
9.2. Maquetes	132
9.3. Esquícios	142
9.4. Painéis Síntese	147

Índice de figuras

Fig. 1 – Galeria das vistas de Roma moderna (detalhe). p.11

Giovanni Paolo Pannini, 1757. Charles Potter Kling Fund.

Fonte: <https://www.mfa.org/collections/europe>, acedido a 05/04/2020.

Fig. 2 – Grand Gallery of the Louvre, Thomas Allom c. 1844. p.15

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grande_Galerie_Louvre_by_Thomas_Allom.jpg, acedido a 05/04/2020.

Fig. 3 – Crianças em atividades pedagógicas no Museu de vizinhança de Anacostia (Washington D.C.). p. 17

Autor desconhecido.

Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Children_at_Anacostia_Neighborhood_Museum.jpg, acedido a 05/04/2020.

Fig. 4 – Workshop de geologia no ecomuseu de Villa Greta, Polónia. p.18

Autor desconhecido.

Fonte: <https://www.villagreta.pl/en/ecomuseum/>, acedido a 05/04/2020.

Fig. 5 – Workshop de gravação de vidro no ecomuseu de Villa Greta, Polónia. p.19

Autor desconhecido.

Fonte: <https://www.villagreta.pl/en/ecomuseum/>, acedido a 05/04/2020.

Fig. 6 – Exposição digital no Museu de Arte Digital de Mori, em Tóquio, Japão. p.22

Autor desconhecido.

Fonte: <https://borderless.teamlab.art/>, acedido a 25/08/2020.

Fig. 7 – Tour virtual da exposição “Founding Myths: From Hercules to Darth Vader” no museu do Louvre. p.24

Imagem criada pelo autor a partir da tour virtual em https://petitegalerie.louvre.fr/visite-virtuelle/saison1/#/petite_galerie_9/, acedido a 25/08/2020.

Fig. 8 – Museu de Mértola. p. 26

Autor desconhecido.

Fonte: <https://visitmertola.pt/mertola-vila-museu/>, acedido a 05/04/2020.

Fig. 9 – Exposição permanente no museu PO.RO.S. – Museu Portugal Romano em Sicó. p. 29

Autor desconhecido.

Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/condeixa-a-nova/cultura/poros-museu-portugal-romano-em-sico>, acedido a 25/08/2020.

Fig. 10 – Praça de Lisboa, Porto. p. 48

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 11 – Praça de Lisboa, Porto, vista da Torre dos Clérigos. p. 48

Fotografia de Pedro Alves.

Fonte: <http://archquisition.blogspot.com/2014/02/praca-de-lisboapasseio-dos-clerigos.html>, acedido a 03/04/2020.

Fig. 12 – Praça de Lisboa, Porto. p. 49

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 13 – Planta de localização da Praça de Lisboa, Porto. p. 49

Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.

Fonte: <http://archquisition.blogspot.com/2014/02/praca-de-lisboapasseio-dos-clerigos.html>, acedido a 03/04/2020.

Fig. 14 – Planta do piso térreo da Praça de Lisboa, Porto. p. 50

Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.

Fonte: <https://architizer.com/idea/429026/>, acedido a 03/04/2020.

Fig. 15 – Alçado Sul da Praça de Lisboa, Porto. p. 51

Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.

Fonte: <https://architizer.com/idea/429025/>, acedido a 03/04/2020.

Fig. 16 – Corte Transversal da Praça de Lisboa, Porto. p. 51

Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.

Fonte: <https://architizer.com/idea/429022/>, acedido a 03/04/2020.

Fig. 17 – Praça de Lisboa, Porto.

p. 51

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 18 - Edifício MAAT, Lisboa.

p. 52

Fotografia de Joel Filipe.

Fonte: https://www.archdaily.com/872611/the-textural-geometric-surfaces-of-al-as-maat-in-lisbon/592f3cbfe58ece98ac00040b-the-textural-geometric-surfaces-of-al-as-maat-in-lisbon-photo?next_project=no, acedido a 20/04/2020.

Fig. 19 – Edifício MAAT, Lisboa.

p. 52

Fotografia de Joel Filipe.

Fonte: https://www.archdaily.com/872611/the-textural-geometric-surfaces-of-al-as-maat-in-lisbon/592f3c6ce58ece98ac000407-the-textural-geometric-surfaces-of-al-as-maat-in-lisbon-photo?next_project=no, acedido a 17/04/2020.

Fig. 20 – Edifício MAAT, Lisboa.

p. 53

Fotografia de Francisco Nogueira.

Fonte: www.francisconogueira.com/maat/, acedido a 03/04/2020.

Fig. 21 – Edifício MAAT, Lisboa.

p. 53

Fotografia de Francisco Nogueira.

Fonte: www.francisconogueira.com/maat/, acedido a 03/04/2020.

Fig. 22 – Planta de coberturas do MAAT, Lisboa.

p. 54

Autor: AL_A.

Fonte: https://www.archdaily.com/796913/maat-al-a/57f7b887e58ece6dad00001c-maat-al-a-roof-plan?next_project=no, acedido a 03/06/2020.

Fig. 23 – Planta do piso térreo do MAAT, Lisboa.

p. 54

Autor: AL_A.

Fonte: https://www.archdaily.com/796913/maat-al-a/57f7b8abe58ece3e7b000046-maat-al-a-floor-plan?next_project=no, acedido a 03/06/2020.

Fig. 24 – Planta do primeiro piso do MAAT, Lisboa. p. 55

Autor: AL_A.

Fonte: https://www.archdaily.com/796913/maat-al-a/57f7b89fe58ece3e7b000045-maat-al-a-floor-plan?next_project=no, acedido a 03/06/2020.

Fig. 25 – Alçado Oeste do MAAT, Lisboa. p. 55

Autor: AL_A.

Fonte: https://www.archdaily.com/796913/maat-al-a/57f7b8c1e58ece6dad00001f-maat-al-a-west-elevation?next_project=no, acedido a 03/06/2020.

Fig. 26 – Corte do MAAT, Lisboa. p. 55

Autor: AL_A.

Fonte: https://www.archdaily.com/796913/maat-al-a/57f7b8b3e58ece6dad00001e-maat-al-a-section?next_project=no, acedido a 03/06/2020.

Fig. 27 – Casa da Música, Porto. p. 56

Fotografia de OMA – Office for Metropolitan Architecture.

Fonte: https://www.archdaily.com/619294/casa-da-musica-oma/552c8eaae58ece2cfd0001ae-casadamusica-jpg?next_project=no, acedido a 26/08/2020.

Fig. 28 – Casa da Música, Porto. p. 57

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 29 – Planta de implantação da Casa da Música, Porto. p. 58

Autor: OMA – Office for Metropolitan Architecture.

Fonte: https://www.archdaily.com/619294/casa-da-musica-oma/552c90ade58ecebf5400018d-site-plan?next_project=no, acedido a 26/08/2020.

Fig. 30 – Alçado sudoeste da Casa da Música, Porto. p. 58

Autor: OMA.

Fonte: https://www.archdaily.com/619294/casa-da-musica-oma/552c90d0e58ece2cfd0001be-elevation?next_project=no, acedido a 26/08/2020.

Fig. 31 – Casa da Música, Porto. p. 59

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 32 – Casa da Música, Porto.

p. 59

Fotografia de Philippe Ruault.

Fonte: https://www.archdaily.com/619294/casa-da-musica-oma/552c8ddce58ece2cfd0001a2-92770_-_philippe_ruault-jpg?next_project=no,
acedido a 26/08/2020.

Fig. 33 – O desterrado – obra de António Soares dos Reis (1872).

p. 60

Autor desconhecido.

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-nacional-de-soares-dos-reis/>, acedido a 17/04/2020.

Fig. 34 – Exemplo de luz zenital. Estátua do Conde de Ferreira ao fundo, obra de António Soares dos Reis (1876).

p. 61

Autor desconhecido.

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-nacional-de-soares-dos-reis/>, acedido a 17/04/2020.

Fig. 35 – Entrada principal do Museu Nacional de Soares dos Reis.

p. 62

Fotografia de Filipa Brito.

Fonte: <http://www.porto.pt/noticias/ciclo-sobre-poesia-artes-e-conhecimento-comeca-com-sophia-de-mello-breyner>, acedido a 20/04/2020.

Fig. 36 – Rua de Dom Manuel II.

p. 63

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 37 – Rua de Dom Manuel II (detalhe do pavimento).

p. 63

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 38 – Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.

p. 64

Autor desconhecido.

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-da-comunidade-concelhia-da-batalha/>, acedido a 26/08/2020.

Fig. 39 – Exposição permanente Passado no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha. p. 65

Autor desconhecido.

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-da-comunidade-concelhia-da-batalha/>, acedido a 26/08/2020.

Fig. 40 – Exposição interativa no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.p.66

Imagem retirada de uma reportagem do Jornal Região de Leiria.

Fonte: <http://www.museubatalha.com/video/3/museu-da-comunidade-concelhia-da-batalha>, acedido a 26/08/2020.

Fig. 41 – Réplica de tíbia de stegossaurio com legenda em Braille, imagem relevada e marca no chão para accionamento de audioguia. p. 67

Fotografia de Josélia Neves.

Fonte: NEVES, Josélia – *Novos, recentes e renovados: Museu da comunidade concelhia da Batalha (MCCB)*, in: *Boletim ICOM Portugal*, Série II, n.º 13 (Jun-Ago), 2011, pp. 14-18, p. 17, disponível em https://icom-portugal.org/multimedia/info%20II-13_jun-ago11.pdf, acedido a 26/08/2020.

Fig. 42 – Observação de quadro com auxílio de audioguia. p.67

Fotografia de Josélia Neves.

Fonte: NEVES, Josélia – *Novos, recentes e renovados: Museu da comunidade concelhia da Batalha (MCCB)*, in: *Boletim ICOM Portugal*, Série II, n.º 13 (Jun-Ago), 2011, pp. 14-18, p. 17, disponível em https://icom-portugal.org/multimedia/info%20II-13_jun-ago11.pdf, acedido a 26/08/2020.

Fig. 43 – Planta tátil do museu. p. 67

Fotografia de Josélia Neves.

Fonte: NEVES, Josélia – *Novos, recentes e renovados: Museu da comunidade concelhia da Batalha (MCCB)*, in: *Boletim ICOM Portugal*, Série II, n.º 13 (Jun-Ago), 2011, pp. 14-18, p. 18, disponível em https://icom-portugal.org/multimedia/info%20II-13_jun-ago11.pdf, acedido a 26/08/2020.

Fig. 44 – Centro da vila de Coruche e paisagem, vista do miradouro de Nossa Senhora do Castelo. p. 70

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 45 – Feira Internacional da Cortiça, Coruche.

p. 71

Autor desconhecido.

Fonte: <http://www.ficor.com.pt/galeria/>, acedido a 04/06/2020.

Fig. 46 – Rede Hidrográfica do Vale do Sorraia e respetiva rede hidrométrica. p. 72

Fonte: SIMÕES, Joana; OLIVEIRA, Rodrigo Proença de – “*Modelos de gestão de bacias hidrográficas: aplicação do IRAS-2010 e do AQUATOOL ao aproveitamento hidroagrícola do Vale do Sorraia*”, in: Recursos Hídricos: Revista da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos, volume 35, nº 2, pp. 29-39, p. 33, 2014, disponível em https://www.aprh.pt/rh/pdf/rh35_n2-3.pdf, acedido a 04/06/2020.

Fig. 47 – Festival Internacional de Balonismo de Coruche, 2018.

p. 73

Autor desconhecido.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BnPMIIJFDsl/>, acedido a 04/06/2020.

Fig. 48 – Principais sítios arqueológicos da era romana no vale do Sorraia. p. 74

Fonte: ROQUE, José Joaquim – *A Morfologia Urbana da Vila de Coruche*, Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação, 2016, p. 46.

Fig. 49 – Tipos de ânforas encontradas nos sítios arqueológicos do vale do Sorraia. p. 74

Fonte: ROQUE, José Joaquim – *A Morfologia Urbana da Vila de Coruche*, Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação, 2016, p. 46.

Fig. 50 – Domínio das ordens militares no Centro e Sul e a Reconquista. p. 76

Fonte: AA.VV. – *Coruche: O Céu, a Terra e os Homens*, coord. geral Cristina Calais, coord. executiva Ana Maria Correia, Cristina Calais, textos Ana Catarina Sousa, Ana Maria Correia, A. Nunes Pinto, Elin Figueiredo, José Antunes, Miguel Carvalho, Nuno Calado, Rosário Caeiro, Sónia Codinha, Vasco Gil Mantas, Victor S. Gonçalves, Vincent Debut, Câmara Municipal de Coruche/Museu Municipal de Coruche, p. 99.

Fig. 51 – Guarita e ruínas da muralha do lado sul do castelo anteriores à construção do miradouro. p. 78

Fonte: RIBEIRO, Margarida - *Estudo histórico de Coruche*, Câmara Municipal de Coruche, 2009, p. 89.

Fig. 52 – Retrato de D. Afonso Henriques (atribuído) existente na Ermida de Nossa Senhora do Castelo. Pintura a óleo sobre tela. p. 79

Autor desconhecido.

Século XVIII (?).

Fonte: AA.VV. – *500 Anos: Procissão em Honra de Nossa Senhora*, coord. geral Ana Maria Correia, textos Ana Maria Diamantino Correia, Ana Kol, António Camões Gouveia, António Gil Malta, Aurélio Lopes, Diana Rafaela Pereira, Jorge de Brito e Abreu, Mário Justino Silva, Miguel Gonçalves Ferreira SJ, Câmara Municipal de Coruche/Museu Municipal de Coruche, p. 73.

Fig. 53 – Miradouro da Ermida de Nossa Senhora do Castelo. p. 80

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 54 – Fotografias dos militares chamados para combater no Ultramar português na sacristia da Ermida de Nossa Senhora do Castelo, Coruche. p. 81

Fonte: AA.VV. – *500 Anos: Procissão em Honra de Nossa Senhora*, coord. geral Ana Maria Correia, textos Ana Maria Diamantino Correia, Ana Kol, António Camões Gouveia, António Gil Malta, Aurélio Lopes, Diana Rafaela Pereira, Jorge de Brito e Abreu, Mário Justino Silva, Miguel Gonçalves Ferreira SJ, Câmara Municipal de Coruche/Museu Municipal de Coruche, p. 135.

Fig. 55 – Zona histórica da vila de Coruche e paisagem, vista do miradouro de Nossa Senhora do Castelo. p. 83

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 56 – Zona histórica da vila de Coruche vista a partir da margem sul do rio Sorraia. p. 84

Fotografia do autor, 2020.

Fig. 57 – Pátio do Museu Municipal de Coruche. p. 87

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 58 – Pátio do Museu Municipal de Coruche.

p. 88

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 59 – Pátio do Museu Municipal de Coruche.

p. 89

Fotografia do autor, 2019.

Fig. 60 – Casa do Rio, vista da rua Júlio Maria de Sousa.

p. 90

Fotografia do autor, 2019.

1. Introdução

1.1. Tema e questões de investigação

Tema A arquitetura da Nova Museologia como impulsionadora da reabilitação do património

A respeito da Vila de Coruche e da zona que se pretende estudar é possível fazer o seguinte enquadramento: a frente ribeirinha de Coruche encontra-se adjacente à zona histórica da vila, com proximidade ao Jardim 25 de Abril. A proposta de projeto consiste na reabilitação de uma casa do séc. XIX confinante ao museu municipal, e visa resolver alguns problemas claros que esta zona da vila apresenta. Estes problemas dizem respeito, essencialmente, à reduzida qualidade da circulação pedonal e ao abandono da zona por parte da população como resultado da escassez de atrações.

O fato de existir um muro que incompatibiliza a fruição do espaço público com a admiração da paisagem ao longo da Avenida Luís de Camões e por esta separar todos os edifícios e espaços públicos do rio impossibilita o aproveitamento das suas potencialidades enquanto elemento de fruição. Apesar da proximidade de poucos metros entre o espaço público e o rio, é esta avenida que os separa. Não obstante os esforços contínuos desenvolvidos pela Câmara Municipal de Coruche no sentido de resolver estes problemas, parte deles mantêm-se. É também evidente a necessidade de desenvolver a zona histórica no sentido de potenciar a sua atratividade, quer em termos habitacionais, quer para comércio, cultura e lazer.

A revitalização desta área urbana possui um caráter de extrema importância, visto ser crucial ao crescimento desta sede de Concelho. Pretende-se aumentar a sua atratividade, especialmente aos olhos dos jovens, no sentido de potenciar a sua fixação na região. Sendo que atualmente o dito centro da vila se considera a zona do Rossio próxima à Praça de Touros de Coruche e ao Parque da Água, não se pode considerar de

menor importância a zona histórica, visto que a Avenida Luís de Camões é um dos principais pontos de acesso à vila e constitui a sua primeira imagem ao chegar às sete pontes vindo de Sul.

Considerando então esta importância a nível social e arquitetónico, com impacto direto e evidente na vida dos residentes, assim como a responsabilidade acrescida de poder potenciar o regresso de jovens à terra natal, torna-se clara a necessidade de trabalhar estes elementos no sentido de suprimir ou diminuir os problemas existentes anteriormente elencados.

1.2. Hipóteses e objetivos

Esta zona da Vila tem características específicas passíveis de serem alteradas com a finalidade de melhorar a qualidade de vida dos moradores e expandir o leque de opções do que é possível fazer no dia-a-dia, tentando eliminar as restrições que possam existir. Os objetivos passam então por:

1. Analisar e compreender as limitações/condicionantes impostas pelo edificado existente, pela Avenida Luís de Camões, pelo muro que a percorre e pelos espaços públicos.
2. Perceber de que modo estas limitações e condicionantes podem ser alteradas/eliminadas, de modo a permitir uma fruição do espaço público de maior qualidade e uma experiência social mais rica.
3. Transformar o espaço público e as estruturas viárias de modo a permitir uma relação mais franca com o rio e possibilitando uma mobilidade pedonal mais livre.

4. Conjugar a reabilitação da casa do séc. XIX com o museu adjacente, de modo a permitir a criação de um edifício que visa suplantar as necessidades destes quarteirões.
5. Revitalizar a área em estudo de modo a torná-la um novo centro de desenvolvimento urbano, à semelhança das antigas casas senhoriais, conforme referido no enunciado do Laboratório de Projeto VI.

As hipóteses arquitetónicas que visam resolver ou mitigar o impacto que os problemas identificados provocam quer no local de intervenção quer no quotidiano dos habitantes e visitantes podem ser conjugadas numa única proposta, que passa pelo projeto de um edifício que enquadra tanto o Museu Municipal como a Casa do Rio e a sua reabilitação, assim como uma requalificação do espaço público. As alterações à via rodoviária e aos passeios, tais como a criação de espaços verdes, escadas e pontes pedonais que ligam a cobertura do edifício ao espaço público de ambos os lados da avenida Luís de Camões, assim como o espaço público à outra margem do rio têm como objetivo facilitar os acessos pedonais, assim como distanciar os percursos da estrada. Para além disso, permitem uma experiência pedonal mais agradável, tornando possível contemplar a paisagem das lezírias em conforto e segurança.

Relativamente ao edifício, este integra tanto espaços de exposições permanentes como de exposições temporárias, sala multimédia para exposições vídeo ou outras (tendo em conta as práticas da nova museologia) e um auditório, visto a capacidade do auditório do Museu Municipal de Coruche ser reduzida. Este edifício pretende funcionar como centro cultural, trabalhando em paralelo com o Museu Municipal de Coruche e com a Casa do Rio reabilitada, contendo também estes espaços expositivos.

Este conjunto procura assim responder a necessidades locais como por exemplo um eventual espaço expositivo para os melhores trabalhos da Bienal de Coruche, que são expostos por toda a vila ao ar livre durante o evento, caindo no esquecimento

após o término deste. A relação destes edifícios com a praça requalificada contribui fortemente para uma nova imagem da vila, por se encontrarem localizados numa das primeiras zonas avistadas ao entrar nesta pelo principal acesso, marcando inevitavelmente a primeira impressão que se tem da mesma.

1.3. Metodologia

O trabalho final de mestrado é dividido entre uma componente teórica e uma componente prática indissociáveis. Inicialmente é feita uma recolha de dados bibliográficos que serve de ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho, paralelamente a informações recolhidas através de entrevistas informais a residentes e profissionais locais de diversas áreas, assim como a recolha de dados relevantes fornecidos pela Câmara Municipal de Coruche. Toda esta recolha de dados valida a sua posterior análise e tratamento, com o intuito de compreender a perceção que os moradores têm relativamente à sua relação com o rio e com o espaço público e procurando identificar outros problemas e eventuais sugestões. Esta sequência de passos constitui assim a primeira fase.

Numa segunda fase, é desenvolvida a base teórica do trabalho final de mestrado, abordando e aprofundando o tema da Nova Museologia e os novos conteúdos programáticos de museus desta natureza. Este estudo tem como objetivo estabelecer um paralelismo com os conteúdos programáticos de projeto, desenvolvendo tanto o desenho urbano como o desenho arquitetónico com base nos conhecimentos adquiridos.

Passando à ideia de projeto e tendo em mente os conceitos e objetivos do trabalho, é efetuado um estudo do local, complementado com informação documental teórica pertinente. Desenvolve-se então uma solução arquitetónica que permita

suplantar os problemas identificados, tendo em vista uma melhoria do local de estudo em todos os aspetos discutidos até aqui. Esta deverá ter como objetivo base conseguir transformar o edifício projetado e a área envolvente num novo polo urbano agregador, que permita potenciar a atratividade da Vila e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes.

2. A Nova Museologia

Os museus tais como os conhecemos hoje são fruto de uma evolução de práticas ao longo dos anos, que teve início no final do séc. XX com o aparecimento de um novo conjunto de ideais que constituem a “Nova Museologia”. São atualmente entendidos pela maioria das pessoas como lugares de cultura, arte e conhecimento acessíveis a todos, sendo este o resultado dessa evolução. Ao iniciar este tema é necessário fazer a diferenciação entre a designada Nova Museologia enquanto movimento social e a Nova Museologia enquanto movimento de novas práticas museológicas, compreender os termos e a sua evolução. Para o estudo em questão, importa-nos o segundo, visto que o conhecimento e entendimento das novas práticas museológicas são fulcrais para a conceção de um projeto de arquitetura que visa explorá-las em todo o seu potencial.

2.1. Museu e Museologia - Conceitos

Museu

O ICOM (International Council of Museums), criado em 1946, é uma organização não-governamental internacional sem fins lucrativos, com estatuto de órgão consultivo do Conselho Económico e Social das Nações Unidas e mantém uma relação formal com a UNESCO¹.

*O ICOM é a maior organização internacional de museus e profissionais de museus dedicada à preservação e divulgação do património natural e cultural mundial, do presente e do futuro, tangível e intangível.*²

Esta instituição organiza anualmente, a 18 de maio, um evento mundial com o objetivo de sensibilizar o público acerca do papel dos museus na sociedade e no seu desenvolvimento. Segundo o ICOM:

*O museu é uma instituição permanente, não-lucrativa ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o património tangível e intangível da humanidade e do seu meio com os propósitos da educação, estudo e fruição.*³

¹ Informação retirada do website <http://icom-portugal.org/icom-portugal-quem-somos/>, acedido a 10/03/2020.

² Informação retirada do website www.icom-portugal.org, acedido a 10/03/2020.

³ Tradução livre do autor, "A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.". Informação retirada do website

No entanto, segundo os autores André Fesvallées e François Mairesse,

*O termo ‘museu’ tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a selecção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio.*⁴

Com estas definições, considera-se o Museu como um lugar de preservação, de produção de conhecimento e, segundo Pierre Nora⁵ na sua obra “*Les Lieux de Mémoire*”, um “*lugar de memória*”.⁶



Fig. 1 – Galeria das vistas de Roma moderna (detalhe).
Giovanni Paolo Pannini, 1757.
Charles Potter Kling Fund.

<https://icom.museum/en/standards-guidelines/museum-definition/>, acedido a 10/03/2020.

⁴ DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François - *Conceitos-Chave de Museologia*, (Tradução de B. Soares e M. Cury), ICOM/Armand Colin, Paris, 2010, p.64, disponível em <https://icom-portugal.org/multimedia/Conceitos-Chave%20de%20Museologia.pdf>, acedido a 04/06/2020.

⁵ Pierre Nora (1931 -) é um historiador francês com trabalhos desenvolvidos no âmbito da identidade e da memória.

⁶ Afirmção proferida por NORA, Pierre - *Les Lieux de Mémoire*, 1984, referenciada em DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François - *Conceitos-Chave de Museologia*, (Tradução de B. Soares e M. Cury), ICOM/Armand Colin, Paris, 2010, p.65, disponível em <https://icom-portugal.org/multimedia/Conceitos-Chave%20de%20Museologia.pdf>, acedido a 04/06/2020.

Museologia

Ao iniciarmos a definição do conceito de Museologia, não poderíamos deixar de destacar a relevância do contributo do ICOFOM e da publicação de André Desvallées⁷ e François Mairesse⁸ intitulada “Conceitos-Chave de Museologia”. Esta obra foi apresentada em 2010 pelo ICOFOM sob a direcção destes autores com o intuito de elucidar o público acerca dos termos museológicos, servindo de referência e constituindo-se como a base para um Dicionário de Museologia a ser publicado.

Na obra, os autores definem vários conceitos do âmbito museológico, tendo especial destaque a distinção efetuada entre os termos museologia e museografia. A primeira refere-se ao pensamento teórico e crítico dos museus, enquanto que a segunda se refere às práticas desenvolvidas.

Apesar do termo museografia ter surgido pela primeira vez no séc. XVIII e de ser mais antigo que o termo museologia, é atualmente a aplicação prática dos resultados obtidos pela museologia enquanto ciência. A museografia estuda aspetos técnicos como a arquitetura do edifício, a instalação das coleções e os aspetos administrativos. Utiliza-se o termo em português para designar a arte da exposição, conciliando diversas áreas tais como a preservação do património, a arquitetura, a cenografia, a perceção das necessidades e procura do público e a sua apreensão intelectual⁹.

⁷ André Desvallées (1931-) é um museólogo francês notável pelos seus contributos para o desenvolvimento da disciplina da museologia, assim como para a criação e definição de vários conceitos, entre eles a “Nova Museologia”. É Conservador Geral Honorário do Património e trabalhou como Consultor do Ministério da Cultura de França, integrando simultaneamente o quadro diretivo do ICOFOM. Foi assistente de Georges Henri Rivière, um dos maiores impulsionadores da nova museologia.

⁸ François Mairesse (1968-) é um museólogo belga, presidente do ICOFOM de 2013 até 2019 e professor universitário em Paris.

⁹ NUNES, Bernardo Miguel Amaral Lucas – *A “Nova Museologia” na Reabilitação do Património Industrial – Uma Proposta de Intervenção nos Armazéns Abel Pereira da Fonseca*, Projecto/Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2017, p. 9.

Segundo o ICOFOM, o termo museologia apresenta cinco acepções diferentes, apesar de o termo se definir etimologicamente pelo “estudo do museu”. Estas acepções são as seguintes:

1. A acepção da palavra museologia mais disseminada é a sua aplicação num sentido amplo, referindo-se a tudo o que se relaciona com museus. É sobretudo nos países anglo-saxónicos e nos países latino-americanos que se utiliza neste sentido, visto existirem menos termos diferentes para definir os diversos aspetos relacionados com museus.

2. Outra interpretação da palavra é geralmente utilizada no meio universitário ocidental e refere-se ao “estudo do museu”, aproximando-se da etimologia do termo. Em 1981, numa publicação intitulada “Museologia”, Georges Henri Rivière¹⁰ propõe uma definição do termo museologia mais próxima da primeira acepção referida acima:

*Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu. A museologia estuda o museu na sua história e no seu papel na sociedade, nas suas formas específicas de pesquisa e de conservação física, de apresentação, de animação e de difusão, de organização e de funcionamento, de arquitectura nova ou musealizada, nos sítios herdados ou escolhidos, na tipologia, na deontologia.*¹¹

¹⁰ Georges Henri Rivière (1897-1985) foi um museólogo francês de referência que contribuiu para a evolução do conceito de museu na segunda metade do séc. XX. Foi o primeiro diretor do ICOM - International Council of Museums em 1948, tendo desenvolvido a museologia como uma disciplina através das suas ideais revolucionárias, levando a experiências museológicas sociais na década de 70.

¹¹ Tradução livre do autor, “Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu. Ela o estuda em sua história e no seu papel na sociedade, nas suas formas específicas de pesquisa e de conservação física, de apresentação, de animação e de difusão, de organização e de funcionamento, de arquitetura nova ou musealizada, nos sítios herdados ou escolhidos, na tipologia, na deontologia”. Afirmção proferida por RIVIÈRE, George H. - “*Muséologie*”, 1981, referenciada em DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François - Conceitos-Chave de Museologia, (Tradução de B. Soares e M. Cury),

3. Uma terceira perspetiva teve origem nos países ocidentais na década de 60, influenciando o ICOFOM nas décadas de 80 e 90. Esta encara a museologia como uma ciência que estuda a relação entre o Homem e a realidade, sendo esta materializada pelo museu. Destacam-se aqui dois autores: Zbyněk Stránský¹² e Anna Gregorová¹³. O primeiro foi fortemente criticado, ao afirmar que

*A museologia é uma disciplina científica independente, específica, cujo objecto de estudo é uma atitude específica do Homem sobre a realidade, expressão dos sistemas mnemónicos, que se concretiza por diferentes formas museais ao longo da história.*¹⁴

A partir desta afirmação depreende-se que o museu não é o objeto central do estudo da museologia, tornando-se assim alvo de críticas. A segunda autora escreveu uma definição de museologia numa publicação do jornal MuWop (Museological Working Papers) do ICOFOM intitulada “Museology - science or just practical museum work?”, que acabou por ser abandonada devido à associação da museologia a uma ciência. Esta afirmação definiu a museologia como:

ICOM/Armand Colin, Paris, 2010, p. 61, disponível em <https://icom-portugal.org/multimedia/Conceitos-Chave%20de%20Museologia.pdf>, acedido a 04/06/2020.

¹² Zbyněk Stránský (1926-2016) foi um museólogo checoslovaco que integrou o ICOFOM.

¹³ Anna Gregorová é uma museóloga checa que participou como investigadora assistente na Administração Central dos Museus e Galerias em Bratislava, na antiga Checoslováquia, como investigadora assistente.

¹⁴ Afirmação proferida por STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. - “*Museology as a Science (a thesis)*” referenciada em DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François - *Conceitos-Chave de Museologia*, (Tradução de B. Soares e M. Cury), ICOM/Armand Colin, Paris, 2010, p. 62, disponível em <https://icom-portugal.org/multimedia/Conceitos-Chave%20de%20Museologia.pdf>, acedido a 04/06/2020.

Museologia é a ciência que estuda a relação específica entre o Homem e a realidade, consistindo no colecionamento propositado e sistemático e na conservação de objetos inanimados, materiais, móveis, e principalmente tridimensionais, documentando o desenvolvimento da natureza e da sociedade, utilizando-os extensivamente para fins culturais, educacionais e científicos.¹⁵

4. Numa quarta aceção da palavra, o ICOFOM define a nova museologia como tendo surgido em França, fruto da discussão entre teóricos franceses, estabelecendo-se na década de 80 e difundindo-se internacionalmente mais tarde¹⁶. O comité define assim a nova museologia como um movimento ideológico, resultado de publicações de artistas revolucionários que alertavam para novas formas de arte e de expressão, ao mesmo tempo enfatizando o aspeto social dos museus. A museologia era assim vista como um movimento interdisciplinar, existindo uma necessidade de revolução nos museus ditos tradicionais, que se focavam em coleções permanentes, procurando deste modo utilizar o património em prol da sociedade e do desenvolvimento local. Esta perspetiva culminou finalmente no aparecimento dos ecomuseus e museus da sociedade onde ganhava expressão o discurso crítico sobre o papel dos museus nas comunidades, assim como o seu papel social e político.

¹⁵ Tradução livre do autor, "Museology is a science studying the specific relation of man to reality, consisting in purposeful and systematic collecting and conservation of selected inanimate, material, mobile, and mainly three-dimensional objects documenting the development of nature and society and making a thorough scientific and cultural-educational use of them.". GREGOROVÁ, Anna, in: ICOFOM, *International Committee for Museology - MuWop no.1: Museology - science or just practical museum work?*, Vinos Sofka, Estocolmo, 1980, p. 20, disponível em [http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWop%20\(1980\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWop%20(1980)%20Eng.pdf), acedido a 04/06/2020.

¹⁶ DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François - *Conceitos-Chave de Museologia*, (Tradução de B. Soares e M. Cury), ICOM/Armand Colin, Paris, 2010, p. 62, disponível em <https://icom-portugal.org/multimedia/Conceitos-Chave%20de%20Museologia.pdf>, acedido a 04/06/2020.

5. Finalmente, a quinta e última perspetiva engloba todas as anteriores, afirmando que o termo museologia tem em comum a relação entre o Homem e a realidade em todas as acepções acima enumeradas. Assim sendo, a museologia define-se como um conjunto de tentativas de teorização ou reflexão, incidindo sobre o campo museal.

Concluimos então que o termo museologia está em constante evolução e que a sua definição pode ser mais ou menos abrangente, consoante os idiomas, devido à existência ou inexistência de termos que definam outros conceitos. Ainda assim, considera-se que esta é o conjunto de reflexões acerca das temáticas museológicas.



Fig. 2 – Grand Gallery of the Louvre.
Thomas Allom c. 1844.

2.2. A evolução da Nova Museologia

Nos anos sessenta, os museus de todo o mundo depararam-se com vários problemas. Em maio de 1968, em Paris, os estudantes exigiam a dispersão das coleções dos museus por espaços públicos, enquanto um grupo de profissionais de museus contestava as instituições museológicas, considerando-as “instituições burguesas”. O número de visitantes dos museus decrescia em vários países europeus, tornando-se evidente que se atravessava um problema transversal. Enquanto isso, nos Estados Unidos da América, eram os próprios artistas que se revoltavam contra os museus e rejeitavam a sua arte. Estes artistas procuravam alternativas às práticas museológicas tradicionais, expondo as suas obras em espaços diferentes, como armazéns abandonados, pondo de lado a ideia de coleção museológica através das suas expressões artísticas¹⁷.

A participação dos museus nos movimentos sociais, juntamente com as alterações dos tipos de exploração das coleções, levou à criação de duas ideologias de renovação que resultaram, nos anos 80, na vertente francófona e na vertente anglo-saxónica da Nova Museologia.

É no início da década de 70 que surge uma linha de pensamento, constituindo um conjunto de práticas museológicas como a *museologia participativa*, *museologia prática* e a *museologia popular*¹⁸. Estas práticas ganharam ainda mais

¹⁷ DUARTE, Alice - “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, in: *Revista Museologia e Património*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 100, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

¹⁸ DUARTE, Alice - “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, in: *Revista Museologia e Património*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 103, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

expressão em 1971, ao serem designadas de forma abrangente pelo termo “ecomuseu”.

Marcado pelo debate que cruza as questões da interdisciplinaridade, do ambiente e da comunidade, este conceito foi criado por Hugues de Varine-Bohan¹⁹ (então Diretor do ICOM), na IX Conferência Geral de Museus do ICOM, realizada em Grenoble, França, dedicada à discussão das funções dos museus, com o tema *O Museu a Serviço do Homem, Atualidade e Futuro – O Papel Educativo e Cultural*. Nesta conferência, percebeu-se a preocupação em avaliar a qualidade dos serviços prestados pelos museus, que não tinham na altura capacidade de responder ao elevado número de visitantes, especialmente professores e estudantes²⁰.



Fig. 3 – Crianças em atividades pedagógicas no Museu de vizinhança de Anacostia (Washington D.C.).
Autor desconhecido.

¹⁹ Hugues de Varine-Bohan (1935-) é um administrador e consultor francês e foi diretor do ICOM de 1965 a 1974. Trabalhou vários anos em Portugal na ação cultural da Embaixada francesa. Hoje em dia é consultor internacional de desenvolvimento local, dirigindo uma associação do mesmo cariz.

²⁰ SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura - “Reflexões sobre a nova museologia”, in: *Cadernos de Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, nº18, pp. 93-139, 2002, p. 99, disponível em <https://revistas.ulusofoa.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>, acedido a 04/06/2020.

Relativamente a questões pedagógicas, já nesta altura havia uma preocupação em transformar as visitas guiadas em momentos de aprendizagem, estabelecendo relações entre o velho e o novo, contextualizando e comparando civilizações e obras de arte. As exposições começaram desde esse momento a ter preocupações interdisciplinares. Foi ainda neste evento que se reconheceu o modelo de museu denominado *museu de vizinhança*, que se servia de práticas museológicas que contemplassem a construção da história das suas comunidades, em colaboração com os cidadãos, visando resolver problemas sociais e urbanos²¹.

O modelo de *ecomuseu* (que engloba vários outros) centra-se na interação entre a cultura e a natureza. Este surge em França, anos após a II Guerra Mundial, fruto dos esforços de Hugues de Varine-Bohan e Georges Henri Rivière, os primeiros secretários gerais do ICOM. A criação deste tipo de museu está ligada às transformações sociais francesas ocorridas nos anos 60²².



Fig. 4 – Workshop de geologia no ecomuseu de Villa Greta, Polónia.
Autor desconhecido.

²¹ SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura - “Reflexões sobre a nova museologia”, in: *Cadernos de Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, nº18, pp. 93-139, 2002, p. 99-100, disponível em <https://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>, acedido a 04/06/2020.

²² DUARTE, Alice - “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, in: *Revista Museologia e Património*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p.100, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

Foi nestes anos que se verificou uma política de ordenamento do território focando-se no turismo das zonas rurais, o que levou à criação de vários parques naturais. É de realçar também a contribuição de diversos museus de ar livre bastante presentes no norte da Europa, onde se procuravam representar as formas de vida das comunidades rurais.



Fig. 5 – Workshop de gravação de vidro no ecomuseu de Villa Greta, Polónia. Autor desconhecido.

A utilização de recursos locais para o desenvolvimento é um dos princípios do conceito de *ecomuseu*. Aliado ao conceito de *museu de comunidade*, cujo foco está na mobilização da comunidade visando o desenvolvimento, constituem uma das bases da Nova Museologia – o alargamento da definição de objeto museológico²³.

Porém, o modelo de *museu integral* é aprimorado apenas no ano seguinte, durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada por iniciativa da UNESCO. Nesta, debateram-se a importância e o papel dos museus da América Latina, evidenciando o desconhecimento, por parte dos profissionais, acerca dos museus onde trabalhavam e as respetivas

²³ LEITE, Pedro Pereira - *A Nova Museologia e os movimentos sociais em Portugal*, 2014, p. 11, disponível em https://www.academia.edu/10013326/A_nova_museologia_e_os_movimentos_sociais_em_Portugal, acedido a 04/06/2020.

comunidades²⁴. As práticas dos museus integrais contemplam uma atuação junto de grupos sociais e uma participação nas atividades culturais e educativas junto das escolas e bibliotecas. Nestas participações, promovem-se oficinas culturais dentro e fora do museu, parcerias com outras entidades geralmente relacionadas com a educação e podem desenvolver-se museus de rua.

Outra linha de pensamento paralela acerca das instituições museológicas foi desenvolvida a partir do final da década de 60, colocando os museus e as suas práticas sob um ponto de vista crítico, onde passaram a ser tidos como campos de reflexão teórica e epistemológica. É neste seguimento que surge a percepção de que o conhecimento é inevitavelmente uma construção política, histórica e social, existindo uma necessidade de compreender e questionar as implicações políticas e de poder²⁵.

Este ponto colocou em causa os fundamentos e concepções dos museus, ao serem escrutinados e alvos de questionamento. Os objetos museológicos de diversas áreas disciplinares começam então a ser entendidos como merecedores de reavaliações, onde são ponderados os seus valores sociais, ao deixarem de ser tidas como verdades absolutas as narrativas que definiam esses mesmos objetos até essa altura. A responsabilidade social do museu ganha uma nova dimensão, ao ser discutido o significado das coleções, as suas formas de representação cultural, os seus objetivos e mensagens perante as comunidades, assim como a própria natureza das instituições museológicas. Os museus tornam-se

²⁴ DUARTE, Alice - *"Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora"*, in: *Revista Museologia e Patrimônio*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 103, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

²⁵ DUARTE, Alice - *"Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora"*, in: *Revista Museologia e Patrimônio*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 105, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

então lugares de discussão acerca de questões teóricas e epistemológicas, incluindo académicos de áreas disciplinares até então negligenciadas, ao mesmo tempo que se torna evidente que os objetos museológicos dependem de um contexto e que devem ser discutidos a vários níveis pelas diferentes áreas do conhecimento²⁶.

O museu passa a ser visto como objeto de estudo, pela sua capacidade de produzir significados e de os comunicar, mesmo existindo a noção de que os discursos narrativos e as construções de valores por eles criados não são verdades absolutas e estão associados a contextos sociais, temporais e políticos. Assim sendo, o valor do objeto museológico é posto em causa, visto que o seu entendimento não tem um significado intrínseco, variando de acordo com vários fatores externos.

É finalmente na década de oitenta que se fala em *Nova Museologia*, uma designação criada com o intuito de se diferenciar das práticas anteriores, marcada pela reflexão e pensamento crítico, englobando novas áreas do conhecimento. Estas práticas tornam-se o objetivo da Nova Museologia, que abrange e cruza esta linha de pensamento com a anterior, considerando-as complementares²⁷.

Em 1992, na “Declaração de Caracas”, surge a preocupação dos processos museológicos estarem envolvidos com as questões da globalização, ao mesmo tempo que se ganha consciência de que um museu é mais do que um espaço de preservação de objetos, começando então a ser entendido como um espaço de comunicação. Nesta dualidade das práticas museológicas relativamente à comunicação e preservação

²⁶ DUARTE, Alice - “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, in: *Revista Museologia e Patrimônio*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 105, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

²⁷ DUARTE, Alice - “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, in: *Revista Museologia e Patrimônio*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 108, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

desenvolve-se a conceção de que a museologia é um instrumento de construção da relação entre os objetos, as comunidades e os territórios, impulsionando a operação museológica a deixar de ser executada apenas por peritos, começando assim as comunidades a terem um papel ativo nestas operações²⁸.

Assim, considera-se que as práticas da museologia tradicional se centravam no edifício do museu, nas suas coleções e nos seus visitantes. A Nova Museologia, no entanto, deve relevar como características de destaque: a integração de relações com o território nas suas várias escalas; a participação da comunidade e o questionamento sobre problemas sociais; assumir a pluralidade de disciplinas, objetos, memórias e heranças, contribuindo para o conhecimento. Os seus processos museológicos desenvolvem-se quer em espaços de organizações como em museus e centros culturais, quer em ações no espaço público ou em espaços como escolas e bibliotecas. Não se considera a Nova Museologia como tendo apenas uma única metodologia, sendo que cada região contém características específicas, devendo esta desenvolver-se a nível local, tendo em conta as necessidades identificadas.



Fig. 6 – Exposição digital no Museu de Arte Digital de Mori, em Tóquio, Japão.
Autor desconhecido.

²⁸ LEITE, Pedro Pereira - *A Nova Museologia e os movimentos sociais em Portugal*, 2014, p. 9, disponível em https://www.academia.edu/10013326/A_nova_museologia_e_os_movimentos_sociais_em_Portugal, acedido a 04/06/2020.

2.2.1. A Nova Museologia durante a pandemia do COVID-19

Uma parte considerável deste trabalho foi desenvolvida durante a pandemia mundial do novo corona vírus COVID-19, não tendo esta terminado antes da finalização do mesmo. Apesar das inconveniências que esta situação provocou em toda a sociedade à escala mundial a vários níveis, concedeu-nos a oportunidade de podermos assistir em tempo real às alterações que os museus por todo o mundo fizeram para se conseguirem adaptar à nova realidade, ainda que, esperemos, temporária.

Neste sentido, vários museus nacionais e internacionais tentaram (com sucesso numa quantidade considerável dos casos) formular novas estratégias de divulgação do material expositivo, principalmente através da internet. Tendo em conta a velocidade a que o vírus se espalhou e continua a espalhar, assim como a emergência e urgência em criar estas novas alternativas num espaço de tempo demasiado curto para se poderem planear e desenvolver novas estratégias museológicas, é importante realçar a dificuldade acrescida deste esforço.

As novas estratégias museológicas de divulgação de obras e património passaram inicialmente, por grande parte dos museus por todo o mundo, por uma catalogação (principalmente através de fotografias) nos seus websites das obras e publicações existentes no seu espaço físico. Esta é a adaptação mais simples e foi adotada principalmente por museus de menor dimensão e importância em Portugal. No entanto, foram também desenvolvidas outras ferramentas, especialmente nos grandes museus internacionais, que permitem fazer por exemplo, passeios virtuais, como é o caso do Museu Britânico em Londres. Para além disso, dispõe de galerias de objetos online, galerias virtuais de desenhos, esculturas e até objetos

em 3D, assim como recursos escolares para crianças²⁹. O Museu Guggenheim, da autoria de Frank Lloyd Wright, em Nova Iorque, permite uma visita virtual à sua famosa escadaria, assim como tours virtuais e aulas de arte para crianças online³⁰. Por sua vez, o maior museu de arte do mundo, o Louvre em Paris, distingue-se por ter criado, em parceria com a Nintendo, um guia áudio e uma aplicação para smartphones. Os comentários informativos criados por curadores e conferencistas, aliados a uma visita ao Louvre em alta definição 3D permitem visitar este museu a partir de casa, quer através de um smartphone ou da Nintendo 3DS³¹, apelando ao público mais jovem.

Mais de 500 museus e galerias por todo o mundo fizeram uma parceria com a Google Arts & Cultura. Deste modo, para além das ofertas que cada museu oferece no seu próprio website, a Google elenca todos os museus parceiros e respetivas coleções no seu próprio website, facilitando aos visitantes a tarefa de escolha. Deste modo, basta aceder a uma plataforma única, ao invés de aceder a cada website de cada museu individualmente, facilitando a pesquisa.

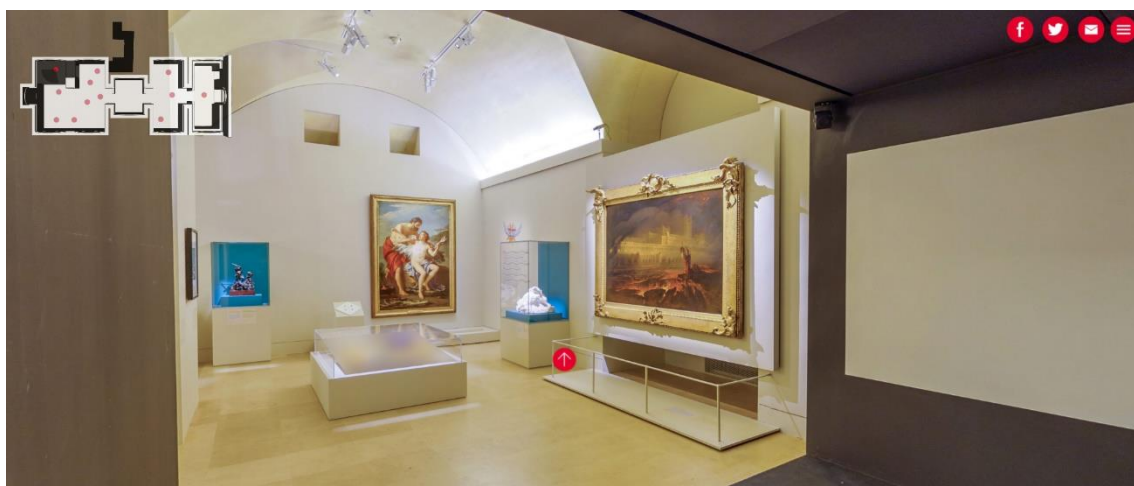


Fig. 7 – Tour virtual da exposição “Founding Myths: From Hercules to Darth Vader” no museu do Louvre.
Imagem criada pelo autor a partir da tour virtual.

²⁹ Informações retiradas do webiste <https://www.britishmuseum.org/closure>,
acedido a 03/06/2020.

³⁰ Informações retiradas do webiste <https://www.guggenheim.org/at-large>,
acedido a 03/06/2020.

³¹ Informações retiradas do website <https://www.louvre.fr/en/audio-guide>,
acedido a 03/06/2020.

2.3. O contexto português

Em Portugal, a Nova Museologia surge intrinsecamente ligada a movimentos sociais. Estes movimentos mantiveram, desde os processos revolucionários de 25 de abril de 1974, uma enorme atividade social. Verificou-se o desenvolvimento de diversos movimentos sociais, muitos deles focados em ações de divulgação cultural, animação, educação, geralmente organizados por associações e grupos de moradores, colocando as questões de património e educação patrimonial em foco³². O aumento de interesse nas problemáticas das culturas locais, assim como o seu aproveitamento museográfico, estão na origem do desenvolvimento da Nova Museologia no nosso país. Posteriormente, em 1985, a museologia social resulta do vigor da evolução social, caracterizada pelo aparecimento de novas ideias e novas formas de organização de uma museologia envolvida com as comunidades e os territórios onde estão inseridas. É neste âmbito que surge o Movimento Internacional para Uma Nova Museologia (MINOM), tendo como objetivo refletir e debater as novas práticas museológicas.

Estas práticas resultam de um diálogo entre o indivíduo e o grupo, criando um afastamento da ideia do objeto patrimonial e centrando-se na relação que este pode estabelecer entre os indivíduos e entre estes e os territórios. Assim se compreende a necessidade de os museus estarem ao serviço das comunidades e dos territórios, como mencionado na “Declaração de Santiago”, de 1972. De referir que a mesma posição foi reforçada, doze anos mais tarde, na “Declaração do Quebec”, que ao estabelecer uma relação entre o movimento da Nova Museologia e a Mesa Redonda de Santiago do Chile, destaca a necessidade de envolver as comunidades nos processos museológicos e a importância da função social dos

³² LEITE, Pedro Pereira - *A Nova Museologia e os movimentos sociais em Portugal*, 2014, p. 11, disponível em https://www.academia.edu/10013326/A_nova_museologia_e_os_movimentos_sociais_em_Portugal, acedido a 04/06/2020.

museus, abrangendo outros processos museológicos na Nova Museologia.

A ideia de ecomuseu foi trazida para Portugal por Hugues de Varine-Bohan, o então conselheiro cultural da embaixada francesa em Lisboa e por Georges Henri Rivière. O segundo visitou, em 1977, o Parque Natural da Serra da Estrela, por iniciativa do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, com o intuito da criação de um *ecomuseu*³³. À semelhança da situação francesa, existe uma associação destas práticas museológicas às áreas protegidas. Este conceito faz com que surja em 1979 a ideia da criação de um ecomuseu no Parque Natural da Serra da Estrela, com o intuito da integração cultural, associada ao Parque Natural da Serra da Estrela que havia sido criado em 1976. Alguns dos ecomuseus de destaque em território lusitano são o Museu do Casal de Monte Redondo, o Ecomuseu de Barroso, o Ecomuseu do Zêzere, o Ecomuseu de Rio Maior e o Ecomuseu da Lousã. Os ecomuseus foram desenvolvidos em várias localidades, tendo nalgumas uma maior participação da comunidade e integração do território. São talvez os exemplos mais relevantes o Museu da Comunidade da Batalha e o Museu de Mértola.



Fig. 8 – Museu de Mértola.
Autor desconhecido.

³³ TEIXEIRA, David José Varela - *O Ecomuseu de Barroso – A nova museologia ao serviço do desenvolvimento local*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2005, p.6.

2.4. O Novo Museu como espaço de interação sociocultural

A Nova Museologia passa a ser compreendida como um serviço prestado às comunidades³⁴, surgindo novos tipos de museus como os museus de comunidade e os ecomuseus, resultado do aparecimento de novos objetos museológicos como narrativas biográficas, objetos gerados a partir do processo de conhecimento e patrimónios imateriais. Os museus tomam então em consideração os problemas das comunidades que os abrigam, sendo que a participação destas comunidades desempenha um papel essencial na animação do museu, mantendo o foco num desenvolvimento sustentado e afastando-se cada vez mais da ideia da gestão exclusiva por parte de profissionais. Assim sendo, valorizam-se as comunidades e as culturas locais e fomenta-se o diálogo e a participação ativa dos indivíduos, permitindo um aprofundamento do conhecimento da sua própria identidade e potenciando a discussão entre os problemas locais e globais. Desta forma, facilita-se a criação de ligações entre as comunidades, contribuindo para o aparecimento de novos espaços e interações e impulsionando assim o desenvolvimento social.

A função social do museu estende-se a parcerias com bibliotecas, escolas e outras associações das comunidades locais, visando reverter o seu afastamento em relação a estas³⁵. O foco é então atribuído às temáticas fraturantes para as comunidades e às suas histórias, ao invés de exclusivamente às coleções. Tendo os museus o objetivo de se manterem atualizados e pertinentes relativamente aos interesses da

³⁴ LEITE, Pedro Pereira - *A Nova Museologia e os movimentos sociais em Portugal*, 2014, p. 8, disponível em https://www.academia.edu/10013326/A_nova_museologia_e_os_movimentos_sociais_em_Portugal, acedido a 04/06/2020.

³⁵ DUARTE, Alice - *"Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora"*, in: *Revista Museologia e Património*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 114, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

população, os processos museológicos abordam novas estratégias, estando mais permeáveis a novas ideias e tentando obter opiniões de fontes mais diversificadas. Deste modo, os museus conseguem manter uma estreita relação com os diferentes estratos sociais e faixas etárias das suas comunidades, ampliando a noção de *objeto de museu*³⁶.

As representações de contextos socioculturais geram novos significados dos objetos, existindo necessidade de acolher essas novas representações, simultaneamente afastando a ideia de coleções de objetos isolados. Os novos suportes expositivos passam a englobar objetos que materializam novas narrativas expositivas, resultantes dos processos participativos das comunidades nas exposições, quer através da cedência de materiais ou da sua participação direta enquanto curadores³⁷. As práticas de conservação das coleções perdem importância em detrimento da animação e dinâmica expositiva de objetos culturais.

Segundo Hugues de Varine-Bohan, os museus devem escolher ser *uma* das principais três formas: museu-espetáculo, museu-coleção ou museu-comunitário. O *museu-espetáculo* destina-se maioritariamente a turistas e grupos escolares guiados. Tendem a ser cada vez maiores e dispendiosos, sendo em última instância parecidos entre si pela quantidade de cultura diferente que englobam. O *museu-coleção* destina-se a pesquisas e produções complexas, tendo como público alvo pessoas mais especializadas, focadas nas coleções. Em comparação com as redes universitárias, estes museus estabelecerão entre si redes de cooperação, visto o seu caráter

³⁶ DUARTE, Alice - “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, in: *Revista Museologia e Patrimônio*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 114, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

³⁷ DUARTE, Alice - “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, in: *Revista Museologia e Patrimônio*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, p. 113-114, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

único, procurando atrair público mais culto através da utilização de métodos de comunicação cada vez mais sofisticados. Por fim, o *museu-comunitário* não distingue público senão a sua comunidade em todos os seus estratos. Este museu pode ter carácter global ou integral, implicando uma participação ativa da comunidade que vive tanto no centro como na periferia³⁸.



Fig. 9 – Exposição permanente no museu PO.RO.S. – Museu Portugal Romano em Sicó.
Autor desconhecido.

³⁸ CHAGAS, Mário – “Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas”, in: *Cadernos de Sociomuseologia*, nº5, pp. 5-18, 1996, p. 11-12, disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/248>, acedido a 04/06/2020.

2.5. A arquitetura adaptada às novas ideias museológicas

*Em face à crescente patrimonialização de todo o existente e à consequente musealização do espaço urbano, a função social e a hermenêutica da arquitetura dos edifícios de museus adquirem importância singular.*³⁹

Ao iniciarmos este tema, é importante relembrarmos as mudanças que os museus sofreram durante o séc. XX e, consequentemente, a sua arquitetura. A crescente quantidade de objetos musealizáveis e patrimonializáveis e as respetivas preservações exigiram uma resposta multidisciplinar. No sentido de dar esta mesma resposta, as instituições da cultura sentiram a necessidade de produzir relações entre si, numa tentativa de contextualização dos objetos e património. Deste modo, os museus tornaram-se comunicadores de massas, tendo a sua arquitetura, quer do ponto de vista do edifício, quer do ponto de vista da cidade, refletido as mudanças políticas e sociais do séc. XX.⁴⁰

Atendendo às novas práticas museológicas, um projeto de arquitetura deverá ter em conta as especificidades dos novos museus. Para tal, deve integrar os diversos conceitos de museologia e ter em conta as especificidades dos espaços necessários ao seu desenvolvimento, sendo estes espaços

³⁹ GUIMARAENS, Cêça – *Arquitetura, Patrimônio e Museologia*, in: *Simpósio 59 ENANPARQ*, 2010, p. 1, disponível em <http://anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-746-1-SP.pdf>, acedido a 20/08/2020.

⁴⁰ GUIMARAENS, Cêça – *Arquitetura, Patrimônio e Museologia*, in: *Simpósio 59 ENANPARQ*, 2010, p. 2, disponível em <http://anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-746-1-SP.pdf>, acedido a 20/08/2020.

permanentes ou temporários.⁴¹ O abandono do tradicional modelo de museu como espaço de exposição permanente de uma coleção, aliado aos novos modelos de gestão não hierarquizados e ao alargamento da definição de “objeto museológico” são fatores preponderantes na arquitetura dos novos museus.

A nova geração de museus engloba tanto o tradicional modelo de exposição permanente como instituições que exercem atividades educativas, de documentação e de investigação e outras relacionadas com a museologia. Os seus programas de atividades são planeados visando o desenvolvimento, tendo em conta as novas temáticas sociais e políticas, procurando reforçar a identidade e responder a problemas atuais, promovendo o turismo e a indústria⁴². Por isso, um projeto de arquitetura deverá ser planeado de acordo com as necessidades específicas de cada museu, considerando a possível mutabilidade das suas atividades ao longo do tempo.

*(...)os desafios para a arquitectura são aqueles que resultam da necessidade de reconhecer que os museus no tempo contemporâneo não correspondem aos velhos estereótipos.*⁴³

⁴¹ MOUTINHO, Mário – “Por uma arquitetura ao serviço da museologia contemporânea”, in: *Cadernos De Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, n.º 57(13), pp. 61-67, 2019, p. 63, disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6622>, acedido a 20/08/2020.

⁴² MOUTINHO, Mário – “Por uma arquitetura ao serviço da museologia contemporânea”, in: *Cadernos De Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, n.º 57(13), pp. 61-67, 2019, p. 64, disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6622>, acedido a 20/08/2020.

⁴³ MOUTINHO, Mário – “Por uma arquitetura ao serviço da museologia contemporânea”, in: *Cadernos De Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, n.º 57(13), pp. 61-67, 2019, p. 62, disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6622>, acedido a 20/08/2020.

Uma das críticas mais pertinentes do professor, arquiteto, doutorado em antropologia cultural e membro fundador do International Movement for a New Museology MINOM-ICOM Mário Moutinho é o fato de, em edifícios novos, o objeto arquitetónico ser desenvolvido independentemente dos programas museológicos, procurando uma forma com valor próprio devido à pressão pública relativamente à aprovação do edifício⁴⁴. O autor elenca casos como o Museu de Bilbao onde afirma que o conteúdo é secundário relativamente ao edifício e também que no famoso Museu de Arte Moderna de Niterói, da autoria de Oscar Niemeyer, as funções museológicas não estão asseguradas, apesar de reconhecer a qualidade arquitetónica.

*A incorporação de novas funções e atitudes sociais às clássicas do museu oitocentista, a inclusão da tecnologia construtiva para solucionar novos espaços no programa enriquecido do museu moderno e a resposta aos requisitos –cada vez mais exigentes– de conservação das coleções, modelaram uma nova forma arquitetónica, espaços de exposição distintos e uma oferta cultural inovadora.*⁴⁵

⁴⁴ MOUTINHO, M. – “Por uma arquitetura ao serviço da museologia contemporânea”, in: *Cadernos De Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, n.º 57(13), pp. 61-67, 2019, p. 65, disponível em <https://revistas.ulusofoa.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6622>, acedido a 20/08/2020.

⁴⁵ Tradução livre do autor, “La incorporación de nuevas funciones y actitudes sociales a las clásicas del museo decimonónico, la inclusión de la tecnología constructiva para solucionar espacios nuevos en el programa enriquecido del museo moderno y la respuesta a los requerimientos –cada vez más exigentes– de conservación de las colecciones, modelaron una nueva forma arquitectónica, espacios de exhibición distintos y una innovadora oferta cultural.” HERREMAN, Yani – *Arquitectura y museología: del MOMA al Guggenheim de Bilbao o los inicios del museo moderno y su arquitectura*, in: *Alteridades* 19(37), pp. 103 – 115, p. 114, disponível em https://www.researchgate.net/publication/262540484_Arquitectura_y_museologia_del_MOMA_al_Guggenheim_de_Bilbao_o_los_inicios_del_museo_moderno_y_su_arquitectura, acedido a 28/08/2020.

A mutabilidade dos conteúdos dos museus ao longo do tempo assim como a versatilidade que os seus programas precisam são características que os museus modernos possuem. As novas funções, não só ao nível expositivo, mas também relativamente a acervos digitais, modificaram a própria arquitetura do espaço.

A arquiteta pós-graduada em museologia e filiada ao ICOM-BR Bianca Lupo analisou alguns museus brasileiros, o seu programa e a forma como o projeto de arquitetura foi desenvolvido. No seu artigo *O museu como espaço de interação: arquitetura, museografia e museologia*, a autora alerta para a discrepância temporal entre o início da conceção do projeto arquitetónico e a elaboração do plano do museu. Esta diferença temporal demonstra que existe uma assincronia entre as duas disciplinas que pode ser prejudicial para ambas: para a arquitetura por não ter ao seu dispor todas as ferramentas necessárias à elaboração de um projeto arquitetónico que responda às necessidades exigidas e para os museus por correrem o risco de o resultado final não conter características espaciais que lhes permitam desenvolver as suas atividades com qualidade.

A relação entre interatividade-arquitetura aparece timidamente tanto do ponto de vista teórico, como a partir dos depoimentos do público. O desafio de criação de um museu desassociado de coleções materiais enfrenta o baixo grau de definição sobre seu próprio tema e programa de necessidades. Essas incertezas, que vão se definindo aos poucos no decorrer do processo de projeto, podem guiar a constituição de um caminho interpretativo para encarar a arquitetura como invólucro para museografias cambiantes, considerando a necessidade de o edifício garantir a infraestrutura técnica

*e funcional para viabilizar a apresentação da exposição audiovisual ao público.*⁴⁶

É evidente que existe a necessidade de a arquitetura reconhecer as carências dos novos museus, de modo a proporcionar um projeto que assegure o desenvolvimento das suas atividades. O diálogo entre ambas as partes é fundamental, assim como um planeamento prévio por parte dos museus com foco nas atividades que pretendem desenvolver e nas especificidades das mesmas, de modo a fornecer aos arquitetos as ferramentas necessárias à conceção de um objeto arquitetónico de qualidade que responda às exigências do museu ao longo do tempo.

⁴⁶ LUPO, Bianca - *O museu como espaço de interação: arquitetura, museografia e museologia*, in: *Revista CPC*, nº 27, pp. 217-243, 2019, p. 236, disponível em https://www.researchgate.net/publication/335217899_O_museu_como_espaco_de_interacao_arquitetura_museografia_e_museologia, acedido a 20/08/2020.

3. A Nova Museologia e a reabilitação do património

O conceito de património evoluiu drasticamente ao longo do séc. XX. Atualmente, este é muito mais abrangente, extendendo-se a objetos culturais materiais e imateriais. Para o estudo em questão, abordaremos a temática da reabilitação de edifícios antigos situados em zonas históricas, assim como a preservação da identidade que dela resulta.

3.1. A preservação do património e da identidade

Ao iniciarmos este subcapítulo é importante procedermos ao enquadramento da evolução da definição de património e de identidade. A dada altura, o debate acerca desta temática centrava-se na preservação e conservação do património. Hoje em dia, a discussão alargou-se ao que alguns autores denominam tripla extensão do conceito: a tipológica, a cronológica e a geográfica.⁴⁷ Para além da evolução do conceito ao longo do tempo, é importante também realçar que a noção de património cultural, as suas funções e valores dependem das sociedades, das estratégias e dos lugares. São as comunidades locais que atribuem relevância e determinam aquilo que é ou não património, que por sua vez valoriza e define a identidade local.

Segundo Vítor Ferreira em *Olhares sobre o Património Cultural*, a evolução do conceito de património dividiu-se em três fases. A primeira etapa começou em 1850, centrada na preservação de edifícios antigos e de artefatos, cingindo-se à preservação dos mesmos, focando-se na beleza e idade das obras.

A segunda etapa começou nos anos 60 do séc. XX, observando-se uma mudança de paradigma, havendo uma preocupação na reutilização e conservação do património. Assim sendo, a preocupação passou a ser mais abrangente, centrando-se no todo ao invés da parte, com a noção de que o objeto patrimonial está integrado num ambiente.

Finalmente a terceira, com início no final da década de 80, surge outra mudança de paradigma, sendo esta focada numa conceção ativa, dando utilidade ao património a vários níveis, ao invés de ser um mero objeto contemplativo. Esta utilidade engloba a sua valorização para diversos fins como os

⁴⁷ FERREIRA, Vítor - *Olhares Sobre o Património Cultural*, in: *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte* nº7, 2011, p. 1, disponível em https://www.researchgate.net/publication/260247302_Olhares_Sobre_o_Patrimonio_Cultural, acedido a 22/08/2020.

pedagógicos, económicos e funcionais. O novo olhar acerca da utilidade do património em toda a sua extensão é indissociável do turismo cultural nas sociedades modernas, dado que os objetos contribuem para a construção de narrativas e evidenciam a identidade.

As questões de identidade são indissociáveis do Património Cultural, na medida em que a memória e a identidade dos lugares dependem das escolhas patrimoniais efectuadas. Para além da formação de uma identidade cultural, o património é hoje essencial à construção das imagens dos territórios, em especial das cidades.⁴⁸

Tendo em conta o valor do património em diversas áreas, tornou-se cada vez mais importante a sua conservação. A Carta de Cracóvia é um documento de elevada importância nesta matéria e o seu aparecimento foi motivado pela emergência da preservação do património e da identidade. Segundo esta carta, devido à crescente diversidade cultural europeia, a pluralidade de valores fundamentais associados ao património móvel, imóvel e intelectual implicou conflitos de interesse. Assim, cada comunidade passa a ter uma responsabilidade pela identificação e gestão do seu património, protegendo a sua memória coletiva e o seu passado.

No entanto, a mutabilidade dos valores dos monumentos e de outros elementos individuais ao longo do tempo é uma certeza, sendo esta uma das particularidades do património. No

⁴⁸ FERREIRA, Vítor - *Olhares Sobre o Património Cultural*, in: *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte* nº7, 2011, p.10, disponível em https://www.researchgate.net/publication/260247302_Olhares_Sobre_o_Patrimonio_Cultural, acedido a 22/08/2020,

processo de alteração dos valores, as comunidades desenvolvem uma consciência relativamente à necessidade de preservar os seus patrimónios construídos. Para isso, a Carta de Cracóvia propôs catorze princípios para a conservação e restauro do património construído, respeitando os valores da Carta de Veneza.

Com a definição dos centros históricos das cidades, estes passaram a ser entendidos como lugares de memória. Por sua vez, vários museus foram criados nestas áreas urbanas, muitas vezes através da reabilitação de edifícios antigos, procurando dar à sociedade um retorno cultural e educativo pelo investimento neles efetuado. Este tipo de estratégia é motivado pelo fato destas áreas terem sido o centro fundador da cidade e de haver a necessidade de lhes dar significado histórico.⁴⁹ Por isso, a arquitetura preservou os eixos e as malhas dos centros históricos, enquanto simultaneamente criava ou reabilitava um edifício com importância cultural.

Numa época em que o turismo cultural está cada vez mais presente nas práticas de lazer, esta relação entre o antigo e o novo é de extrema importância. Ao primeiro foi dado valor e consequentemente passou a ser entendido como património aos olhos da comunidade, enquanto o segundo cria condições para que este património possa ser contemplado por pessoas não pertencentes à comunidade local. A harmonia entre ambos permite preservar o existente e a revitalização da sua envolvente aumenta a qualidade do espaço público. Esta, aliada à atratividade gerada pela construção de um novo edifício ou à reabilitação de outro existente, contribuem para o alargamento da extensão cultural do património.

⁴⁹ YUNES, Gilberto Sarkis – *Os novos museus e espaços culturais e as antigas centralidades: Instrumentos de unificação e valorização de fragmentos urbanos*, in: *Simpósio 69 ENANPARQ*, 2010, p. 3, disponível em <http://anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-749-1-SP.pdf>, acedido a 20/08/2020,

3.2. O programa do museu como desencadeante de uma ideia de valorização patrimonial

Um dos principais objetivos dos museus é tornar públicos o conhecimento e a cultura, servindo a comunidade e a sua educação através da participação ativa. Ambos são o resultado das exposições, conservação, restauro e recolha de objetos. Contudo, o tipo de ensino dos museus considera-se informal, complementando o sistema de ensino formal e universitário⁵⁰. Serve assim como um espaço de oferta de diferentes modos de aprendizagem e entretenimento, promovendo o debate e novas perspetivas sobre variadas matérias. Deste modo, o planeamento do programa de um museu deverá ter em consideração a abrangência do público tanto em termos de idades como de estratos sociais, assim como diferentes graus de escolaridade.

Para os museus relacionados com a comunidade, é de extrema importância o conhecimento das tradições locais e da cultura regional, de modo a poder estabelecer as práticas museológicas que combinem o trabalho educativo e curatorial do museu⁵¹. Dada a rápida mudança de valores da sociedade atual, é fácil atingir um ponto de esquecimento ou negligência em relação à história e às tradições culturais, sendo a responsabilidade do museu ajudar a preservar essas narrativas, construindo e conservando a identidade.

Os museus modernos elevam-se a uma nova escala através da globalização de projetos culturais, desempenhando um papel fundamental para o desenvolvimento local⁵². Segundo

⁵⁰ BRÜNINGHAUS-KNUBEL, Cornelia – *A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas*, in: *Como gerir um Museu: Manual Prático*, ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, pp. 129-144, p. 129, disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184713>, acedido a 27/08/2020.

⁵¹ BRÜNINGHAUS-KNUBEL, Cornelia – *A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas*, in: *Como gerir um Museu: Manual Prático*, ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, pp. 129-144, p. 130, disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184713>, acedido a 27/08/2020.

⁵² PONTE, António – *Os modelos de gestão dos museus e do património cultural como processos de valorização patrimonial*, in: *Museologia e Património - Volume 2*, Instituto Politécnico de Leiria, 2019, pp. 37-83, p. 40,

António Ponte em *Os modelos de gestão dos museus e do património cultural como processos de valorização patrimonial*, a criação dos museus tem como objetivo atingir novas dinâmicas urbanas, dinamizando as abordagens socioculturais e os fluxos turísticos através da captação da atenção. Assim, os museus são tidos como elementos da regeneração urbana e social, desempenhando um papel fundamental na revitalização da economia através da criação de imagens de marca e de projetos de museus com maior dimensão.

*Os novos modelos de análise patrimoniais determinam que os bens móveis e imóveis não sejam isolados dos seus contextos envolventes e a sua boa gestão deverá potenciar a valorização ambiental e paisagística, incrementando a qualidade de vida e contribuindo para um desenvolvimento mais harmonioso.*⁵³

A cooperação entre os museus e outras entidades permite a existência de análises multidisciplinares dos objetos. A valorização destes é feita através da educação e investigação, promovendo a divulgação da informação através de novas estratégias comunicativas, captando a atenção do público. As respostas a estes novos desafios passam pela dinamização dos museus e das exposições, em toda a abrangência dos seus suportes expositivos e de comunicação.

disponível em <https://www.ipleiria.pt/esecs/wp-content/uploads/sites/15/2019/11/museologiapatrimonio-volume-2-corrigido.pdf>, acedido a 27/08/2020.

⁵³ PONTE, António – *Os modelos de gestão dos museus e do património cultural como processos de valorização patrimonial*, in: *Museologia e Património - Volume 2*, Instituto Politécnico de Leiria, 2019, pp. 37-83, p. 43, disponível em <https://www.ipleiria.pt/esecs/wp-content/uploads/sites/15/2019/11/museologiapatrimonio-volume-2-corrigido.pdf>, acedido a 27/08/2020.

As exposições dos museus atuais dividem-se em duas categorias principais: as exposições permanentes e as exposições temporárias. As exposições permanentes devem tirar partido de abordagens que evitem cansar o visitante, utilizando materiais que suportem a duração⁵⁴. As exposições temporárias podem ser expostas em períodos mais ou menos longos e podem beneficiar de estratégias expositivas mais inovadoras, mantendo-se atuais e pertinentes ao nível tecnológico. Segundo Yani Herreman em *Exposição, Exibições e Mostras*, o processo básico de planeamento e projeção de uma exposição passa por cinco passos: o planeamento, a investigação/interpretação, o projeto, a produção e finalmente a instalação. Todos estes processos resultam de um trabalho complexo e interdisciplinar, de modo a tirar o maior partido do objeto museológico.

Uma das preocupações dos museus modernos é a acessibilidade do seu conteúdo a todo o tipo de público, independentemente de qualquer fator discriminatório. Logo, a compreensão das necessidades dos visitantes é uma prioridade. Só respondendo a estas carências será possível atrair um maior número de visitantes e consequentemente valorizar o património.

Para um museu ser orientado para o visitante, deve focar a sua atenção no serviço prestado aos visitantes atuais e aos que deseja atrair no futuro, assim como aos visitantes virtuais caso tenha uma página de internet⁵⁵. Deve ainda evitar ter quaisquer tipos de barreiras, sejam elas físicas que impeçam o acesso a pessoas com mobilidade condicionada, quer sejam financeiras caso os preços sejam demasiado elevados ou

⁵⁴ HERREMAN, Yani – *Exposição, Exibições e Mostras*, in: *Como gerir um Museu: Manual Prático*, ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, pp. 99-112, p.100, disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184713/PDF/184713por.pdf.multi>, acedido a 28/08/2020.

⁵⁵ WOOLLARD, Vicky – *Acolhimento do Visitante*, in: *Como gerir um Museu: Manual Prático*, ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, pp. 113-128, p.117, disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184713/PDF/184713por.pdf.multi>, acedido a 28/08/2020.

sociais e psicológicas. Nesse sentido, devem adotar-se estratégias expositivas que permitam eliminar ou aliviar certas condicionantes. Com o intuito de tornar o material expositivo acessível a pessoas com necessidades especiais e em simultâneo aumentando a qualidade da experiência para o restante público, existem alguns métodos ou atividades que os museus podem adotar.

A autora Cornelia Brüninghaus-Knubel elenca algumas destas estratégias em *A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas*. Destas, destacaremos as seguintes: visitas guiadas, meios auditivos e audiovisuais, exposições didáticas e oficinas de trabalho práticas.

As visitas guiadas são de extrema relevância nesta matéria, possibilitando uma relação de proximidade entre o visitante e as obras. O discurso deverá ser simples e pouco formal, especialmente se for adaptado a crianças e jovens ou pessoas com menos formação. A participação ativa e a interação deverão substituir o estilo escolar pergunta-resposta, promovendo a auto-expressão, deixando o público explorar e descobrir experimentando ao invés de explicar e descrever.

Os meios auditivos e audiovisuais podem substituir os guias humanos. Vários museus dispõem atualmente de aplicações para smartphones que oferecem suporte multimédia às exposições e atividades museológicas. Estas informações podem também estar disponíveis em altifalantes nas áreas expositivas. Os suportes de imagem ou vídeo permitem ao visitante visualizar e compreender processos que são impossíveis de replicar numa imagem ou noutro tipo de suporte. A criação de suportes interativos pode complementar a exposição, fornecendo informações adaptadas às escolhas do visitante, assim como sendo utilizados para visitas virtuais através da internet.

As exposições didáticas e oficinas de trabalho práticas têm como foco os estilos de ensino ativo e participativo. Ambas podem ser geridas por especialistas independentes,

demonstrando e promovendo as suas áreas. As artes tradicionais são uma tema muito abordado para este tipo de atividades, onde o visitante pode ver e experimentar os processos de trabalho de um artista.

Os processos de valorização do património e da identidade são atualmente mais complexos, apesar do aumento de ferramentas disponíveis para atingir esse objetivo. As sociedades são mais permeáveis e pluralistas, contatando com culturas diferentes através da globalização, que apesar de todas as vantagens inerentes, dificulta os processos de definição identitária⁵⁶.

A valorização do património começa ao nível local, desempenhando um papel fundamental num desenvolvimento sustentável apoiado na preservação da identidade. É tanto mais eficaz quanto mais abrangente for o público que consegue atrair, fazendo-o tanto através do conteúdo museológico de que dispõe e respetivas estratégias como pela própria arquitetura do edifício.

*Paralelamente, o edifício dos museus, tais como outros imóveis públicos de carácter cultural, tende a ser elementos marcantes no espaço urbano, tanto do ponto de vista funcional como do ponto de vista simbólico, assumindo, frequentemente, o estatuto de monumentos capazes de atrair verdadeiras multidões de visitantes, e de atuar como um fator de prestígio e promoção, tanto para a instituição museológica como para a cidade.*⁵⁷

⁵⁶ CAFÉ, Daniel Calado – *Património, Identidade e Memória: Proposta para a criação do Museu do Território de Alcanena*, Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007, p. 47.

⁵⁷ FERNANDES, Gilson – *Arquitetura de Museus: entre tradição e modernidade*, in: *Ensaio e Práticas em Museologia*, vol. 2, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012, pp. 143-162, p. 151, disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10521.pdf>, acedido a 28/08/2020.

4. Casos de estudo

Ao iniciarmos este capítulo é importante referir que os casos de estudo a seguir mencionados destacam-se em diferentes aspetos, úteis no desenvolvimento do projeto do novo museu para Coruche. Estes fatores incluem a caracterização do espaço público, a reabilitação de património e de casas senhoriais, jardins urbanos acima da cota da rua e design da frente ribeirinha.

4.1. Praça de Lisboa



Fig. 10 – Praça de Lisboa, Porto.
Fotografia do autor, 2019.

A Praça de Lisboa (também conhecida como BASE, Passeio dos Clérigos ou Jardim das Oliveiras), situada na Baixa do Porto junto à Torre dos Clérigos, tem como base o princípio de que o espaço público deve ter uma forma aberta para a cidade, apelando aos pedestres a relação com a envolvente⁵⁸. O edifício engloba três níveis programáticos, sendo composto por uma galeria comercial ao nível térreo, um parque de estacionamento subterrâneo e um jardim na cobertura ao longo de todo o edifício, marcado pela relva e as oliveiras. De formato triangular, é limitado por três ruas adjacentes: uma de nível e duas descendentes, sendo a entrada para o estacionamento efetuada nas cotas mais baixas.



Fig. 11 – Praça de Lisboa, Porto, vista da Torre dos Clérigos.
Fotografia de Pedro Alves.

⁵⁸ Informações retiradas do website <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>, acedido a 03/04/2020.

Este edifício é um ótimo exemplo de ligação entre espaço público, comércio, serviços e espaços de lazer. A zona ajardinada na sua cobertura, situando-se apenas um piso acima da rua de cota mais alta, confere aos seus visitantes uma proteção da confusão do trânsito e barulho da rua. Neste espaço de lazer existe uma esplanada e decorrem ao longo do ano várias atividades de carácter lúdico, como concertos musicais, atividades para crianças, DJ's ou yoga. São vários os locais ao longo da zona ajardinada onde as pessoas se podem sentar e desfrutar de uma tarde de sol, quer em bancos, quer em puffs espalhados pelo local, ou simplesmente na relva.



Fig. 12 – Praça de Lisboa, Porto.
Fotografia do autor, 2019.

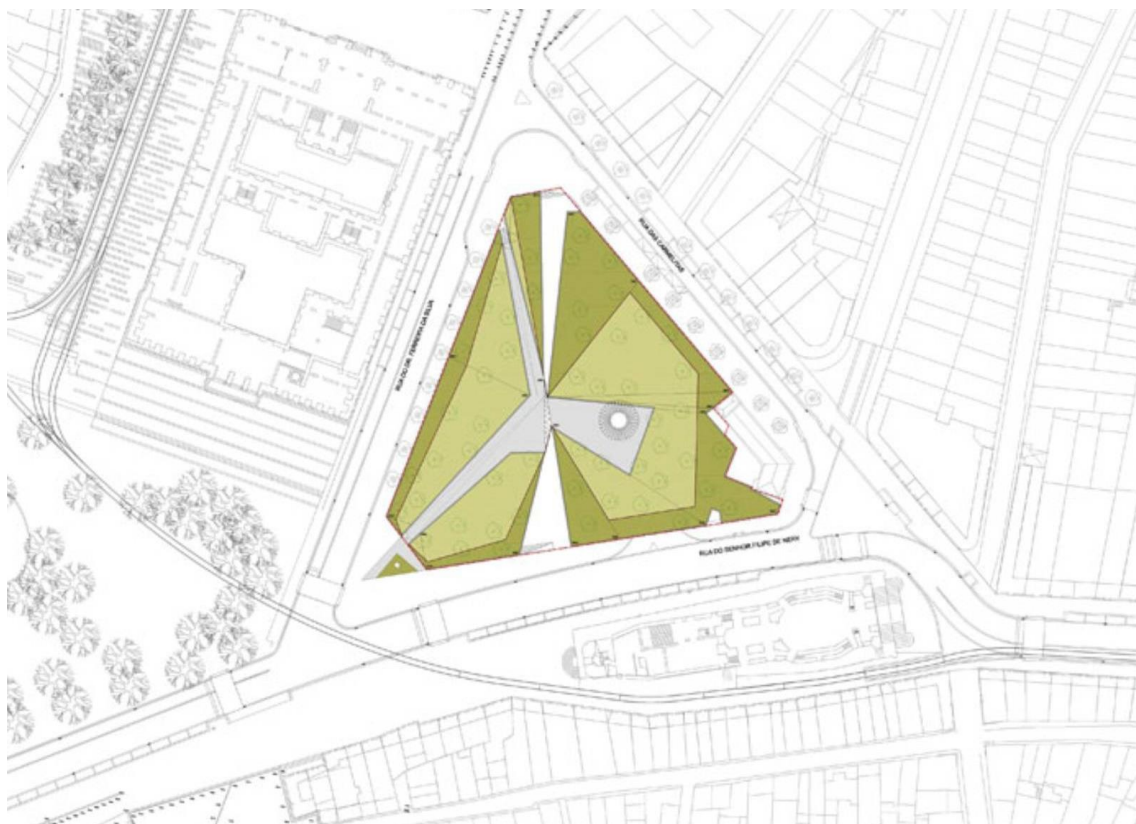


Fig. 13 – Planta de localização da Praça de Lisboa, Porto.
Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.

O paralelismo que se pode fazer entre este caso de estudo e o projeto é de facto a questão do tratamento da cobertura e a forma como esta pode ser mais do que um simples espaço de restauração, servindo de palco para atividades que podem ser complementares àquelas de um museu, aos olhos das práticas da Nova Museologia. O estreitamento desta relação, para além da simbiose que pode ser estabelecida, deve potenciar o desejo de visitar o interior do museu, despertando a curiosidade.

A proximidade entre a vida que existe na cobertura do edifício e os edifícios existentes na envolvente próxima à mesma demonstram que ambos podem coexistir com qualidade.

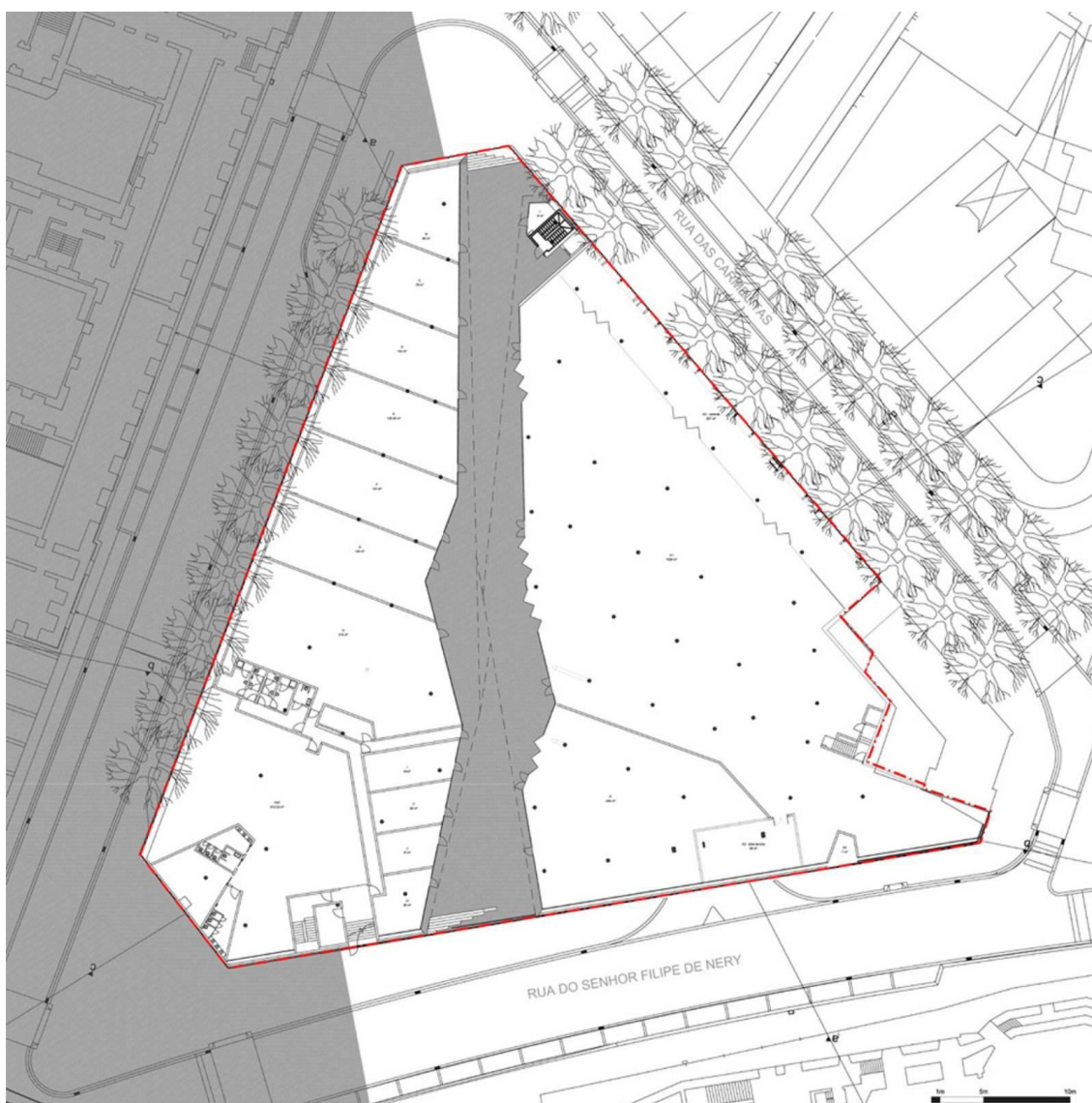


Fig. 14 – Planta do piso térreo da Praça de Lisboa, Porto.
Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.



Fig. 15 – Alçado Sul da Praça de Lisboa, Porto.
Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.

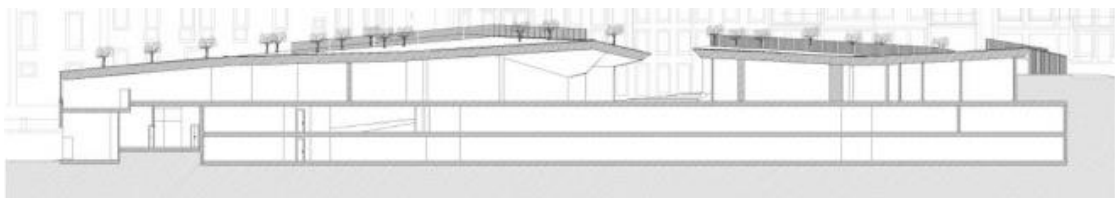


Fig. 16 – Corte Transversal da Praça de Lisboa, Porto.
Balonas & Menano – Architectural and Urban Concept.



Fig. 17 – Praça de Lisboa, Porto.
Fotografia do autor, 2019.

4.2. MAAT – Museu da Arte, Arquitetura e Tecnologia

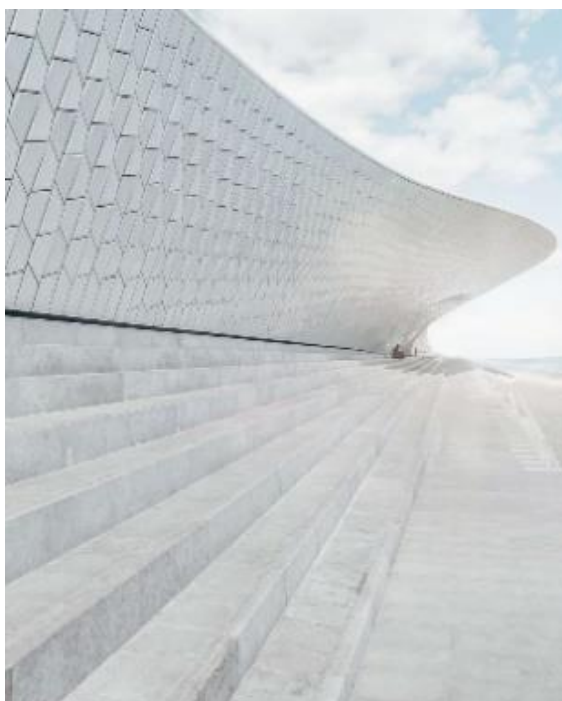


Fig. 18 - Edifício MAAT, Lisboa.
Fotografia de Joel Filipe.

O Museu da Arte, Arquitetura e Tecnologia, situado em Belém, Lisboa, comunica com a Central Tejo, um dos pólos museológicos mais visitados de Portugal⁵⁹. A sua forma permite aos visitantes caminhar sobre, sob e através do edifício, sendo vários os pontos de vista diferentes a partir dos quais se pode observar o mesmo, assim como a envolvente. Localizado junto ao rio, é palco de um miradouro sobre o Tejo, imediatamente acima de uma fachada marcada pela sua estereotomia complexa que reflete a água e a luz de variadas formas.

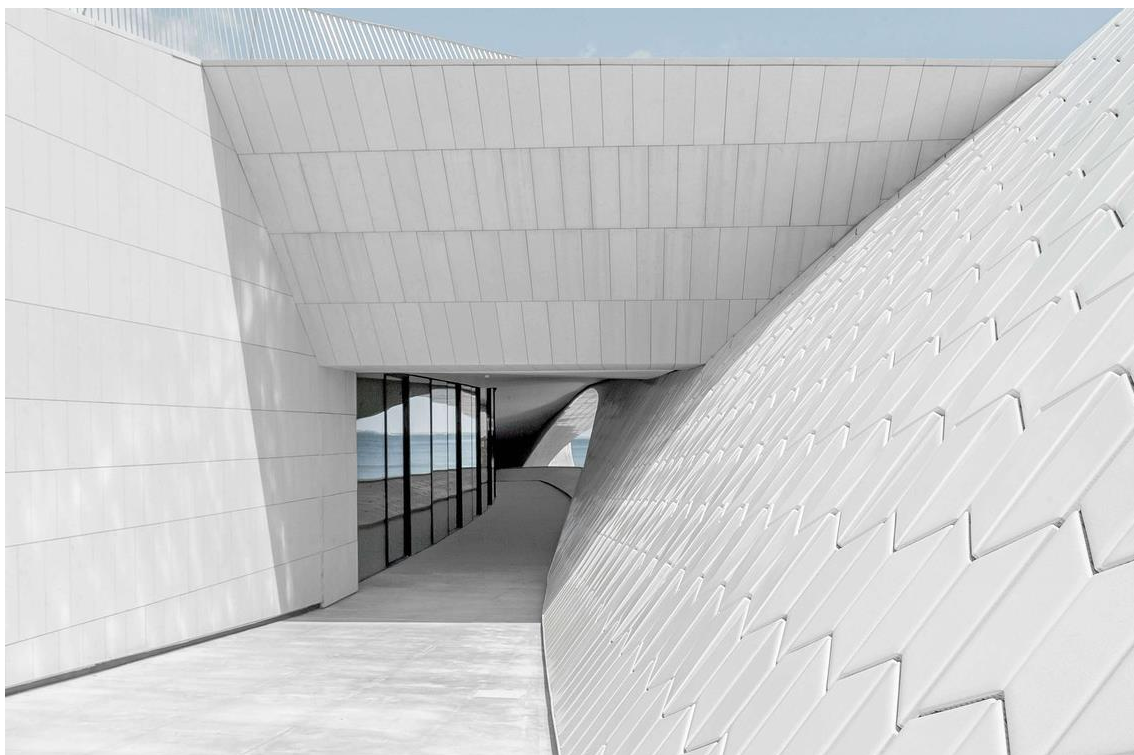


Fig. 19 – Edifício MAAT, Lisboa.
Fotografia de Joel Filipe.

⁵⁹ www.fundacaoedpt.pt/pt/conteudo/o-maat, acedido a 02/04/2020.

Este edifício tem vindo a ganhar notoriedade pelo seu design característico, pela cobertura percorrível e pelas pontes pedonais que fazem a ligação com o lado oposto da Avenida da Índia e da Avenida Brasília. O espaço público adjacente ao rio e por onde é feito o acesso à entrada principal do edifício é amplamente vivido e completamente pedonal. É a partir daqui que é possível entrar no edifício, aceder à sua cobertura ou à ponte pedonal.

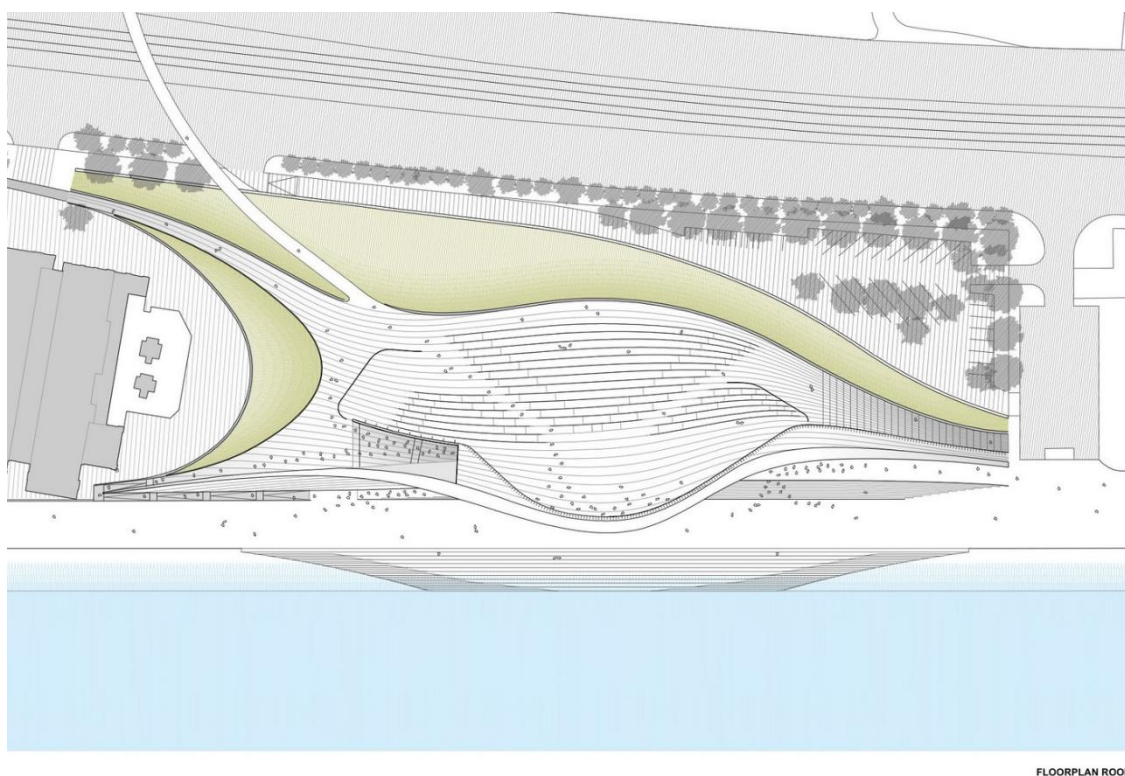
A entrada é marcada pela própria forma do edifício, lembrando o movimento de uma onda do mar, abrançando e convidando à passagem para o seu interior no topo da escadaria. As suas exposições nacionais e internacionais contemplam temas trazidos por artistas, arquitetos e pensadores contemporâneos, assim como elementos da Coleção de Arte da Fundação EDP.



Fig. 20 – Edifício MAAT, Lisboa.
Fotografia de Francisco Nogueira.

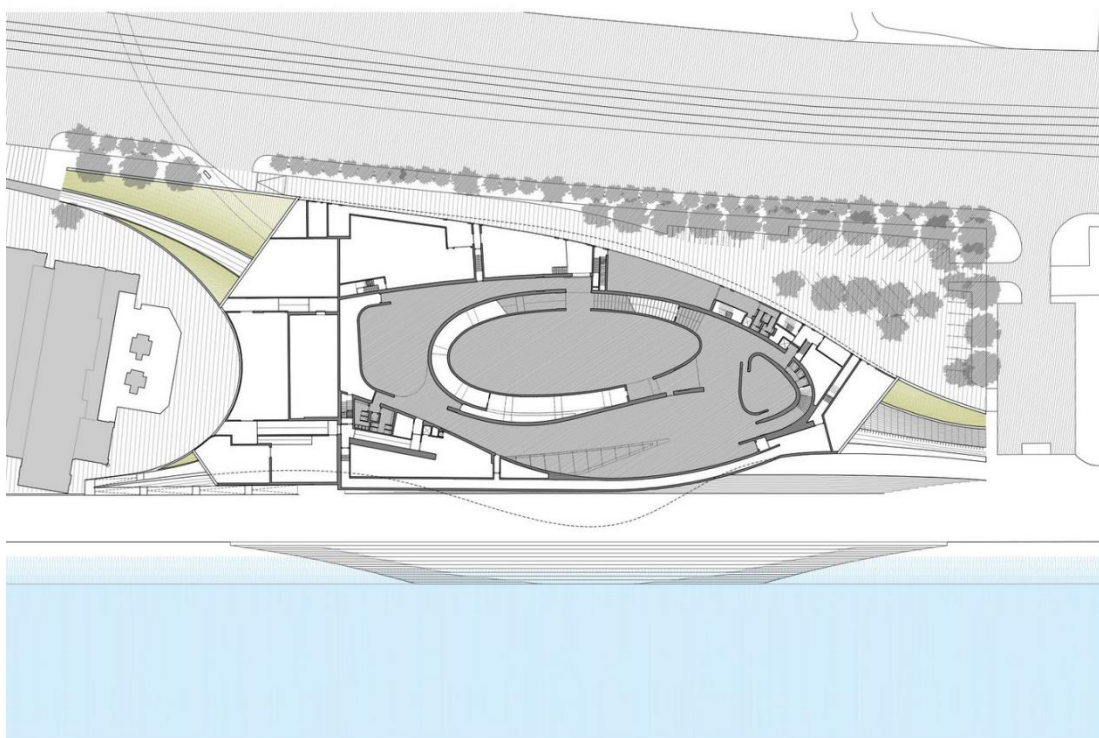


Fig. 21 – Edifício MAAT, Lisboa.
Fotografia de Francisco Nogueira.



FLOORPLAN ROOF

Fig. 22 – Planta de coberturas do MAAT, Lisboa.
Autor: AL_A.



FLOORPLAN LEVEL 00

Fig. 23 – Planta do piso térreo do MAAT, Lisboa.
Autor: AL_A.

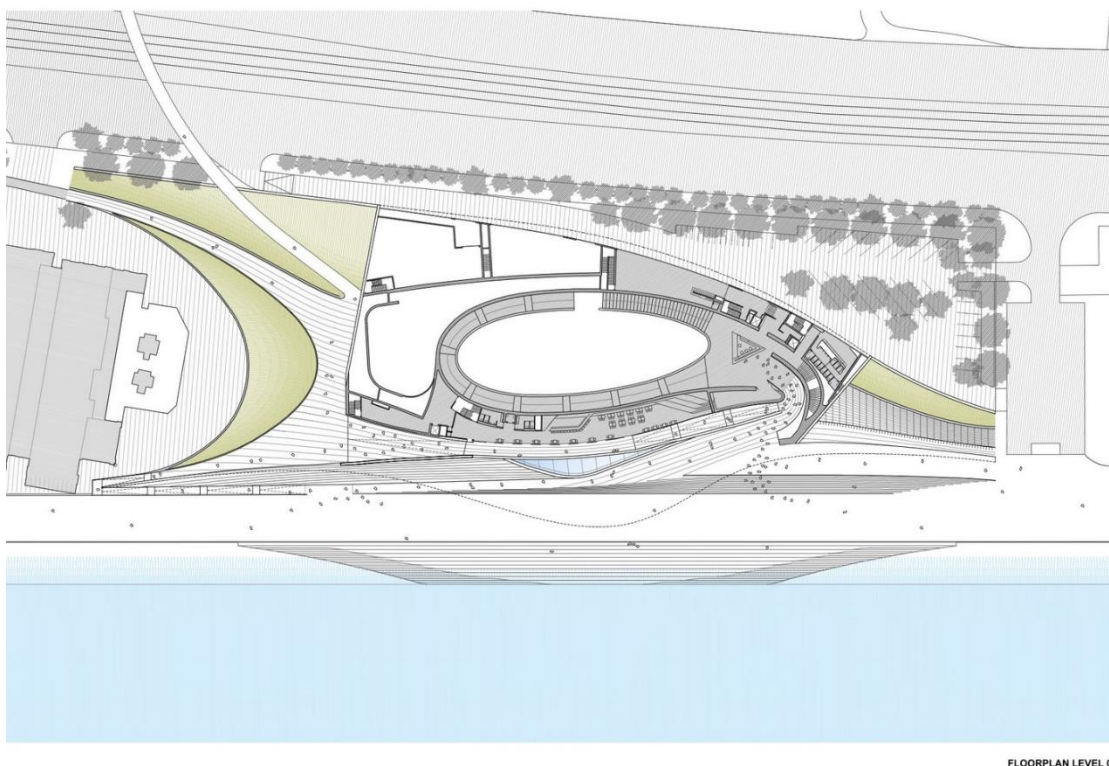


Fig. 24 – Planta do primeiro piso do MAAT, Lisboa.
Autor: AL_A.

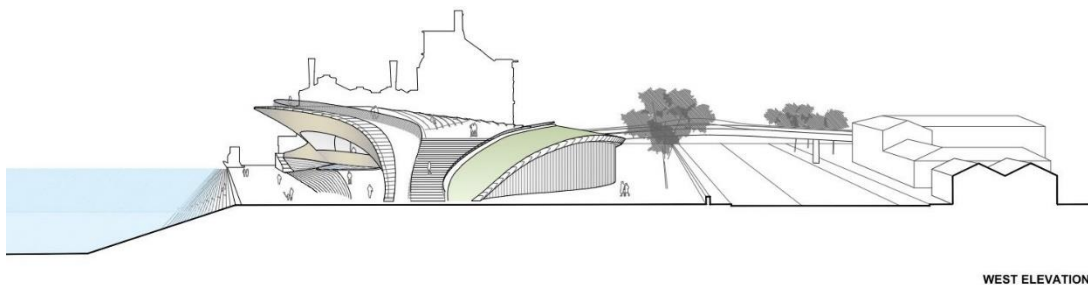


Fig. 25 – Alçado Oeste do MAAT, Lisboa.
Autor: AL_A.

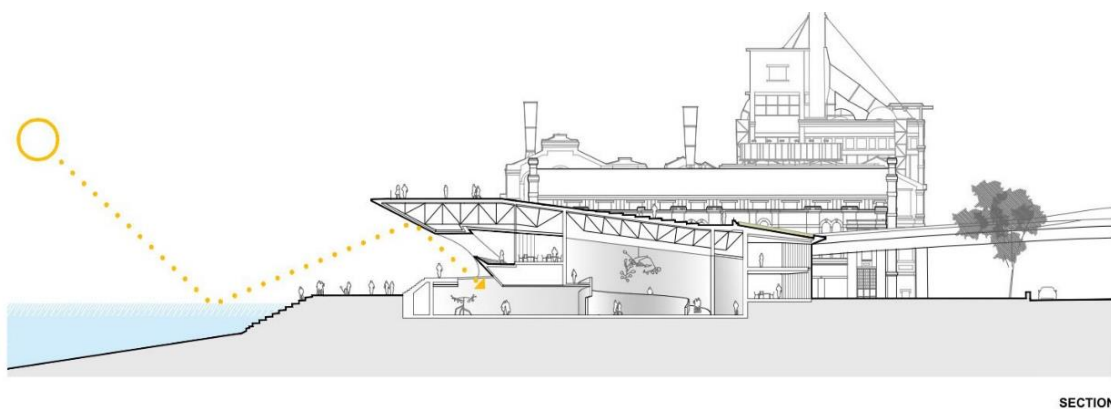


Fig. 26 – Corte do MAAT, Lisboa.
Autor: AL_A.

4.3. Casa da Música

A Casa da Música, situada junto à rotunda da Boavista (Praça de Mouzinho de Albuquerque), no Porto, é um edifício icónico desta cidade. Inaugurada em 2005⁶⁰, esta obra da autoria do arquiteto holandês Rem Koolhaas⁶¹ foi alvo de alguma controvérsia inicial. Localizada numa zona de excelência da cidade, é composta por algumas das salas de espetáculos com melhor acústica nacionais⁶², um restaurante no topo e um café no piso térreo⁶³.



Fig. 27 – Casa da Música, Porto.
Fotografia de OMA – Office for Metropolitan Architecture.

⁶⁰ Informação retirada do website <http://portoby.livrarialello.pt/conheca-casa-da-musica/>, acedido a 07/04/2020.

⁶¹ Informação retirada do website <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/casa-da-musica>, acedido a 09/04/2020.

⁶² Informação retirada do website <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/casa-da-musica>, acedido a 09/04/2020.

⁶³ Informação retirada do website <https://www.timeout.pt/porto/pt/musica/casa-da-musica>, acedido a 09/04/2020.

Nas suas várias salas decorrem concertos desde a música clássica até à eletrónica, sejam elas grandes projetos internacionais ou pequenos projetos experimentais. De especial destaque deve referir-se a Sala Suggia, com capacidade de 1238 lugares, sete janelas que a ligam tanto ao exterior como a outros espaços e sendo o único concert hall onde é possível ler partituras exclusivamente através de luz natural⁶⁴. A título de curiosidade, foi nesta sala que a 19 de Março de 2011 se conquistou o recorde do Guinness para maior conjunto de cordas a tocar em simultâneo, com 321 músicos a interpretar Tchaikovsky e Lecomte⁶⁵.

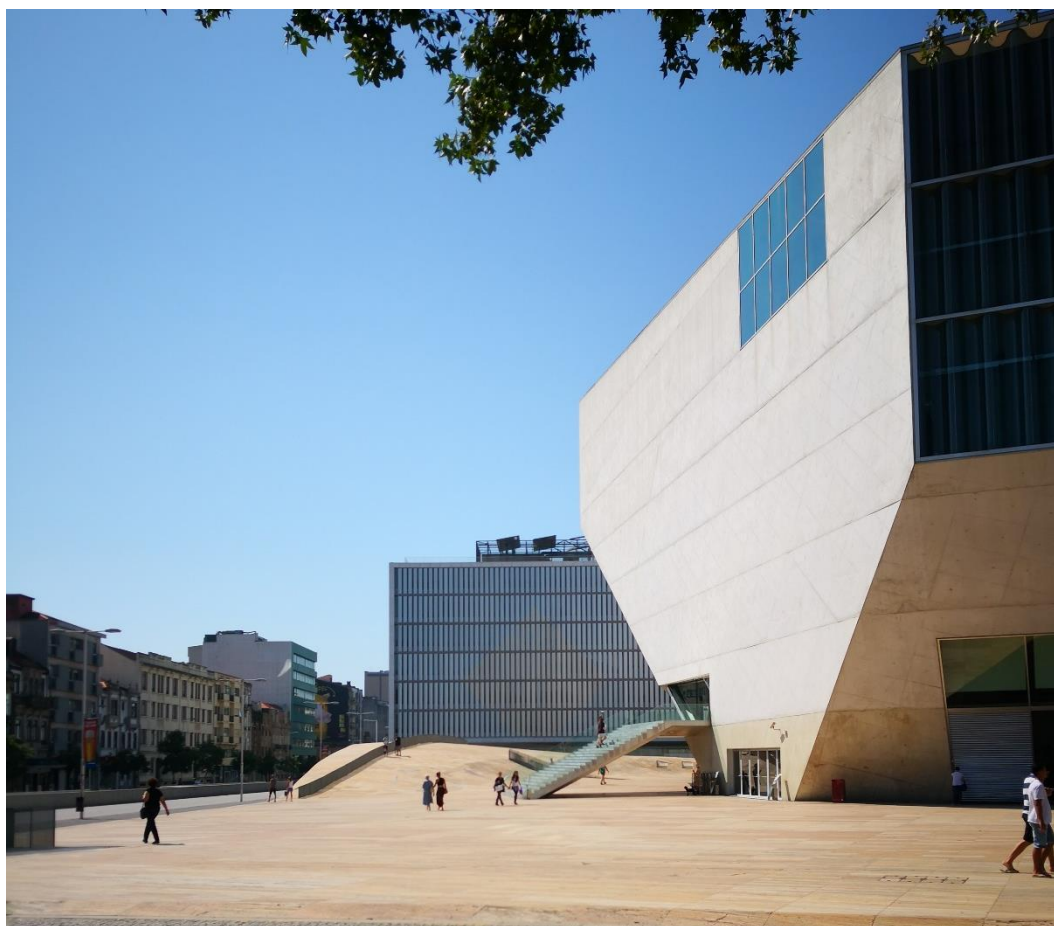


Fig. 28 – Casa da Música, Porto.
Fotografia do autor, 2019.

⁶⁴ Informação retirada do website <https://www.casadamusica.com/pt/a-casa-da-musica/espacos/sala-suggia/?lang=pt>, acedido a 09/04/2020.

⁶⁵ Informação retirada do website <http://portoby.livrarialello.pt/conheca-casa-da-musica/>, acedido a 14/04/2020.

O espaço público adjacente a esta obra coexiste em harmonia com o edifício e a envolvente. Trata-se de uma área generosa, tendo no centro a Casa da Música, constituída por zonas altas e zonas baixas. As zonas baixas e planas correspondem ao lado da rotunda da Boavista (Praça de Mouzinho de Albuquerque) e ao lado oposto do edifício, enquanto as zonas altas correspondem aos restantes cantos do quadrado. É debaixo destas zonas altas que existe comércio virado para a rua, sendo completamente invisível a partir das imediações do edifício.

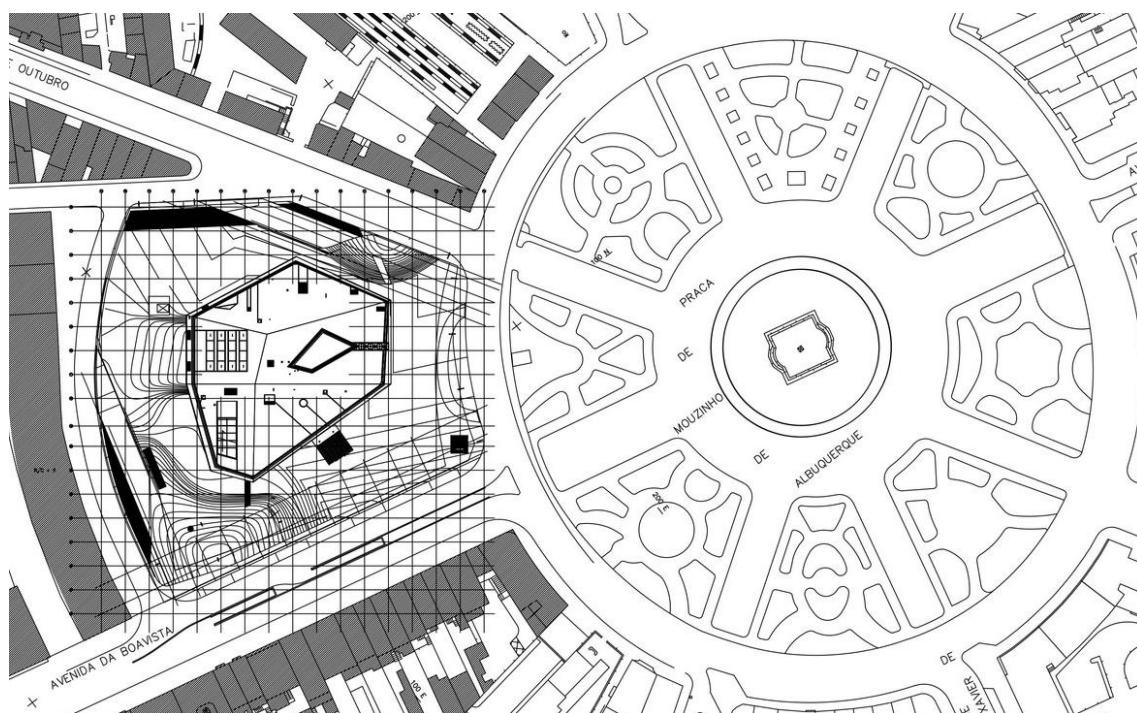


Fig. 29 – Planta de implantação da Casa da Música, Porto.
Autor: OMA.

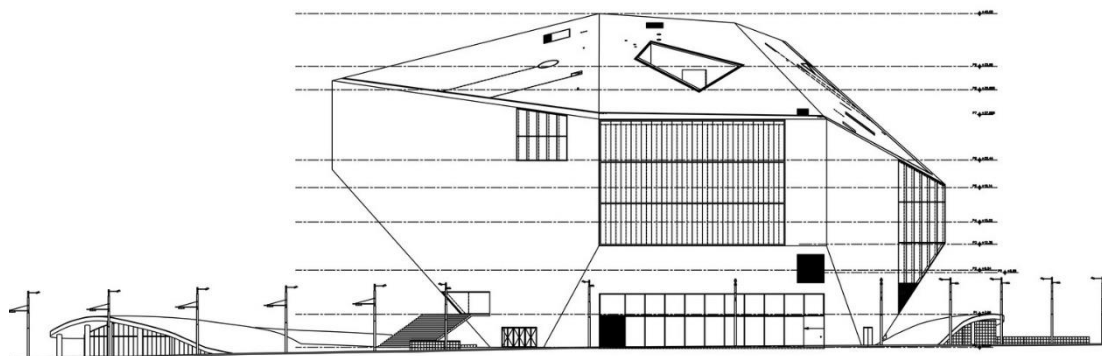


Fig. 30 – Alçado sudoeste da Casa da Música, Porto.
Autor: OMA.

A estética deste edifício, apesar de controversa, confere a esta zona da cidade do Porto um caráter único, e o volume e espaço público adjacente contribuem para o aumento da atratividade do local. As escolhas técnicas ao nível da iluminação natural tanto no próprio edifício como no comércio e serviços situados debaixo das curvas foram uma das inspirações para a resolução de algumas situações do projeto proposto neste trabalho.



Fig. 31 – Casa da Música, Porto.
Fotografia do autor, 2019.



Fig. 32 – Casa da Música, Porto.
Fotografia de Philippe Ruault.

4.4. Museu Nacional de Soares dos Reis



Outro projeto de especial importância relativamente ao desenho do espaço público é o Museu Nacional de Soares dos Reis⁶⁶. Este museu funciona no Palácio dos Carrancas, uma construção do final do séc. XVIII que sofreu várias adaptações para poder desempenhar este tipo de programa⁶⁷.

Fundado em 1833, foi o primeiro museu público de arte de Portugal, funcionando inicialmente no Convento de Santo António (Porto) sob a designação de Museu Portuense de Pinturas e Estampas. Apenas em 1940 se deu a instalação no Palácio dos Carrancas, após várias alterações que seguiam as tendências museográficas de iluminação zenital, adquirindo também diversas condições de preservação nas galerias de arte, evocando estilos ou épocas no andar nobre⁶⁸.

Fig. 33 – *O desterrado* – obra de António Soares dos Reis (1872).
Autor desconhecido.

⁶⁶ António Soares dos Reis (1847-1889) foi um escultor português, natural de Vila Nova de Gaia, tendo estudado na Academia de Belas-Artes do Porto. Viveu em Paris e em Roma, onde iniciou a obra *O desterrado* (1872), premiada na Exposição Geral de Belas-Artes de Madrid de 1881.

⁶⁷ Informação retirada do website <http://www.museusoaresdosreis.gov.pt/pt-PT/museu/ContentList.aspx>, acedido a 16/04/2020.

⁶⁸ Informação retirada do website http://www.museusoaresdosreis.gov.pt/pt-PT/menu_historia/HighlightList.aspx, acedido a 16/04/2020.

Em 1942 foi inaugurado o museu, tendo sido ali depositadas as coleções do extinto Museu Municipal do Porto, incluindo obras que iam desde a pintura às artes decorativas. Seguindo os princípios museológicos da altura, o edifício cumpria requisitos tais como a qualidade arquitetónica, o estilo neoclássico e a tradição histórica⁶⁹. O estudo e divulgação das coleções foi evoluindo e aumentando à medida que se estruturava o acervo, estabelecendo-se novas práticas culturais. A partir de 1950, sob a direção do escultor Salvador Barata Foyo, então professor de escultura na Escola de Belas Artes do Porto, surgiu uma atração por novas coleções. Foi a partir da década seguinte que se começou a estreitar a relação com o público através da realização de experiências inovadoras para aquela época, tais como a realização de exposições temporárias e ação educativa.



Fig. 34 – Exemplo de luz zenital. Estátua do Conde de Ferreira ao fundo, obra de António Soares dos Reis (1876). Autor desconhecido.

⁶⁹ Informação retirada do webiste http://www.museusoaresdosreis.gov.pt/pt-PT/menu_edificio/HighlightList.aspx, acedido a 17/04/2020.

Nos anos seguintes desenvolveu-se a vertente educativa através de ações pedagógicas e surgiram apelos a artistas jovens após o 25 de Abril de 1974, afastando-se assim o museu do paradigma de colecionismo e abrindo portas para novas artes.

Foi, contudo, na última década do séc. XX que foi pensado para o Palácio dos Carrancas o projeto de remodelação do Museu Nacional de Soares dos Reis, da autoria de Fernando Távora. Este conjunto de alterações visou melhorar a exposição permanente, criar áreas destinadas a exposições temporárias, um aumento dos espaços de reserva, assim como a criação de um auditório e zonas de lazer e serviços. Seguindo a ideia de potenciar o estudo das coleções e a atividade do serviço de educação, foi também criada uma sala multimédia de especial relevância para o desenvolvimento destas atividades⁷⁰. No entanto, o projeto apenas ficou concluído em Julho de 2001.



Fig. 35 – Entrada principal do Museu Nacional de Soares dos Reis.
Fotografia de Filipa Brito.

⁷⁰ Informação retirada do website http://www.museusoaresdosreis.gov.pt/pt-PT/menu_historia/HighlightList.aspx, acedido a 17/04/2020.

Para além das obras de reabilitação deste edifício, é pertinente também para o estudo em questão destacar o desenho do espaço público à frente da entrada principal do palácio. Num paralelismo com o projeto desta tese, ambos partilham um objetivo comum, pretendendo controlar o tráfego e tornar os percursos pedonais mais atrativos, desenvolvendo estratégias que visam controlar a velocidade dos veículos através da escolha do pavimento.



Fig. 36 – Rua de Dom Manuel II.
Fotografia do autor, 2019.

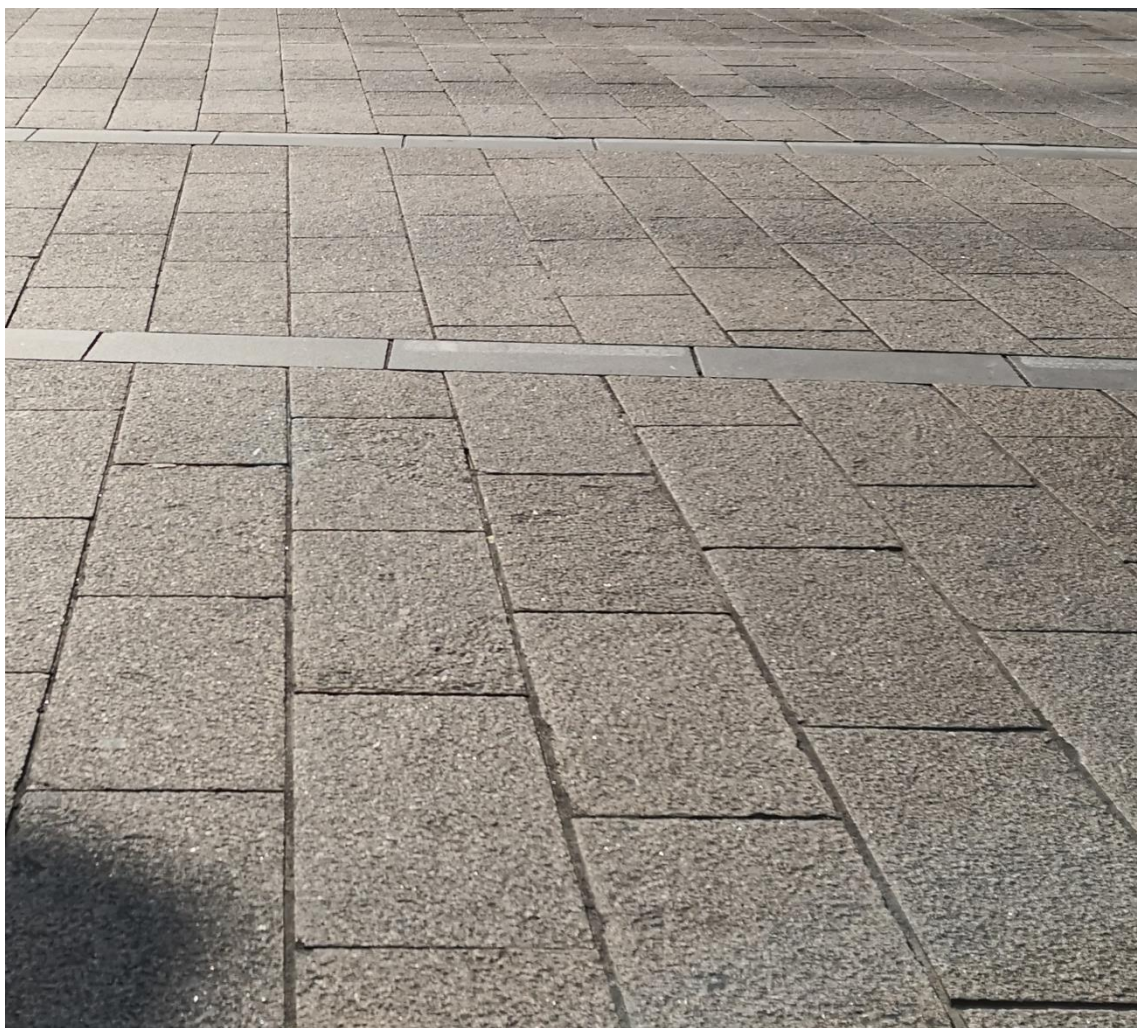


Fig. 37 – Rua de Dom Manuel II (detalhe do pavimento).
Fotografia do autor, 2019.

4.5. O Museu da Comunidade Concelhia da Batalha

Este último caso de estudo distingue-se dos anteriores, enfatizando-se as práticas museológicas que se desenvolvem no mesmo e focando-nos menos na arquitetura do edifício e do espaço público. O Museu da Comunidade Concelhia, na Batalha, foi eleito o Melhor Português em 2012 pela APOM – Associação Portuguesa de Museologia e premiado com o Kenneth Hudson em 2013, na Bélgica. As suas funções de investigação, conservação de património cultura e elaboração de narrativas são os principais objetivos desta instituição, procurando valorizar a história e a identidade do concelho da Batalha e dos seus habitantes. No seu interior podemos encontrar registos geológicos e arqueológicos, assim como representações dos principais acontecimentos históricos e artísticos, através de exposições dinâmicas e interativas⁷¹.



Fig. 38 – Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.
Autor desconhecido.

⁷¹ Informações retiradas do website <http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/cultura/museus/museu-da-comunidade-concelhia>, acedido a 22/04/2020.

As três exposições permanentes têm os nomes de Passado, Presente e Futuro. Na exposição do Passado, abordam-se as narrativas, ao longo do tempo, do território e dos seus ocupantes, culminando com a atualidade e passando obviamente pela construção do Mosteiro de Santa Maria da Vitória.



Fig. 39 – Exposição permanente Passado no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha. Autor desconhecido.

Na exposição do Presente, promovem-se os aspetos económicos, culturais e sociais da atualidade, sensibilizando os visitantes para a defesa dos valores socioculturais e naturais. Está incluído nesta exposição um programa de sensibilização desenvolvido pelo museu, com o apoio de especialistas, sobre a preservação do meio ambiente e de um futuro sustentável. É através dos seus meios audiovisuais interativos que esta exposição nos mostra rotas temáticas e caminhos naturais e culturais do território.

Na exposição do Futuro, mostra-se ao público o processo de desenvolvimento do Museu, integrando diversos trabalhos de investigação multidisciplinar, assim como a programação cultural do Município. O Museu conta ainda com a oferta de diversas atividades educativas como visitas orientadas, visitas de exploração, visitas-jogo, oficinas pedagógicas de expressão plástica e dramática, assim como atividades para férias escolares e festas de aniversário⁷², atraindo deste modo os públicos mais jovens.

No Museu podemos encontrar também características de especial destaque, nomeadamente no que diz respeito à acessibilidade das exposições. Nestas, são utilizadas ferramentas e estratégias comunicacionais que permitem a utilização dos recursos através de diferentes experiências sensoriais, permitindo a pessoas cegas, surdas, com mobilidade reduzida ou com deficiência intelectual a experiência do Museu, assim como material em diversos idiomas para pessoas estrangeiras. Numa parceria com o MINOM, desenvolve-se também um projeto chamado *Heróis do Museu*, que ao longo do ano letivo colabora com escolas e museus, promovendo a divulgação do património.



Fig. 40 – Exposição interativa no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.

Imagem retirada de uma reportagem do Jornal Região de Leiria.

⁷² Informações retiradas do website <http://www.museubatalha.com/servico-educativo>, acedido a 23/04/2020.



Fig. 41 – Réplica de tíbia de stegossaurio com legenda em Braille, imagem relevada e marca no chão para accionamento de audioguia.
Fotografia de Josélia Neves.



Fig. 42 – Observação de quadro com auxílio de audioguia.
Fotografia de Josélia Neves.



Fig. 43 – Planta tátil do museu.
Fotografia de Josélia Neves.

5. Leitura do lugar de intervenção

A vila de Coruche é dona de uma paisagem inconfundível, abraçada pelas lezírias e áreas de montado de sobreiro e pinheiro, marcadas por um sistema ecológico de grande riqueza em biodiversidade. É casa de tradições seculares ainda hoje intactas e de artesanato típico manifestado na cestaria, têxteis e obras de cortiça e barro. Assim como em diversas vilas e aldeias do ribatejo, é possível degustar a gastronomia típica por utilizar produtos locais tais como as carnes bravas, arroz ou pinhões. Os vários núcleos museológicos existentes, assim como o Observatório do Sobreiro e da Cortiça, aliados a vários eventos locais, nacionais e internacionais, ao longo do ano, revelam a cultura autóctone e impulsionam o seu crescimento.

5.1. Enquadramento histórico-geográfico do território

A vila de Coruche, situada no distrito de Santarém, é sede de concelho do décimo maior município de Portugal, o mais extenso do seu distrito, com uma área de cerca de 1 115,70 km² e aproximadamente 20 000 habitantes, subdividido em seis freguesias. O concelho de Coruche faz fronteira com os municípios de Benavente, Mora, Almeirim, Chamusca, Montemor-o-Novo, Ponte de Sor, Arraiolos, Salvaterra de Magos e a fração secundária do Montijo⁷³. A vila tem cerca de 9 000 habitantes e cerca de 50% do concelho é montado de sobreiro e pinheiro manso, sendo um grande produtor de cortiça, pinhão e madeira⁷⁴. As suas fauna e flora são de elevado valor ambiental e ecológico. Coruche possui uma paisagem intensa, marcada pelas cores das estações do ano, tanto na floresta como nas lezírias.



Fig. 44 – Centro da vila de Coruche e paisagem, vista do miradouro de Nossa Senhora do Castelo.
Fotografia do autor, 2019.

⁷³ Informações retiradas do website <https://www.visitcoruche.com/coruche>, acedido a 31/03/2020.

⁷⁴ Informações retiradas do website <http://www.visitteritorioscorticeiros.pt/project/coruche/>, acedido a 31/03/2020.

As terras férteis pelo aproveitamento da água do rio deste território conferem-lhe um carácter essencialmente agrícola, permitindo as culturas sazonais de destaque de regadio, milho, arroz e tomate. A exploração sustentável do montado garante a extração de cerca de 8% da cortiça de Portugal, sendo exportadas diariamente 5 milhões de rolhas de cortiça para todo o mundo, conferindo a Coruche o título de Capital Mundial da Cortiça⁷⁵. Neste sentido, o município organiza anualmente um evento designado FICOR, a Feira Internacional da Cortiça, em que são desenvolvidas diversas atividades, promovendo a utilização da cortiça como matéria prima, tendo maior importância acerca do tema o Coruche Fashion Cork onde são apresentadas coleções de roupa feitas por estilistas utilizando a cortiça como matéria prima, assim com o Wine & Cork, uma prova de vinhas com sommeliers e críticos de vinhos, onde se apresentam os vinhos e respetivas castas. Em toda a extensão da área onde ocorre este evento estão presentes peças de artesanato, feitas de cortiça, de variadas dimensões.



Fig. 45 – Feira Internacional da Cortiça, Coruche.
Autor desconhecido.

⁷⁵ Informações retiradas do website <http://www.visitteritorioscorticeiros.pt/project/coruche/>, acedido a 31/03/2020.

Esta vila ribatejana mantém estreitos laços com o rio Sorraia, que nasce na freguesia do Couço, resultante da junção da ribeira de Sor e a ribeira de Raia. Este rio recebe várias ribeiras ao longo da sua extensão, como as ribeiras da Erra, Divor e Juliano e o rio de Almansor, constituindo-se assim o afluente português do rio Tejo com a maior bacia hidrográfica de cerca de 7730 km² e sendo conhecido pela abundância de várias espécies de peixes⁷⁶. De elevada importância para os campos agrícolas, este rio desempenha um papel vital para a região. Existem registos históricos de utilização dos recursos hídricos por parte de romanos e árabes, não só na agricultura, mas também como via de comunicação. Era por seu intermédio que se exportavam produtos cultivados no Vale do Sorraia através de sistemas de irrigação que ainda hoje permanecem evidentes.

Na segunda metade do séc. XX, foi realizado o Plano de Irrigação do Vale do Sorraia, visando a construção das barragens de Montargil e Maranhão e o canal do Sorraia, com o propósito de melhorar o aproveitamento dos recursos hídricos, aumentando o rendimento agrícola.

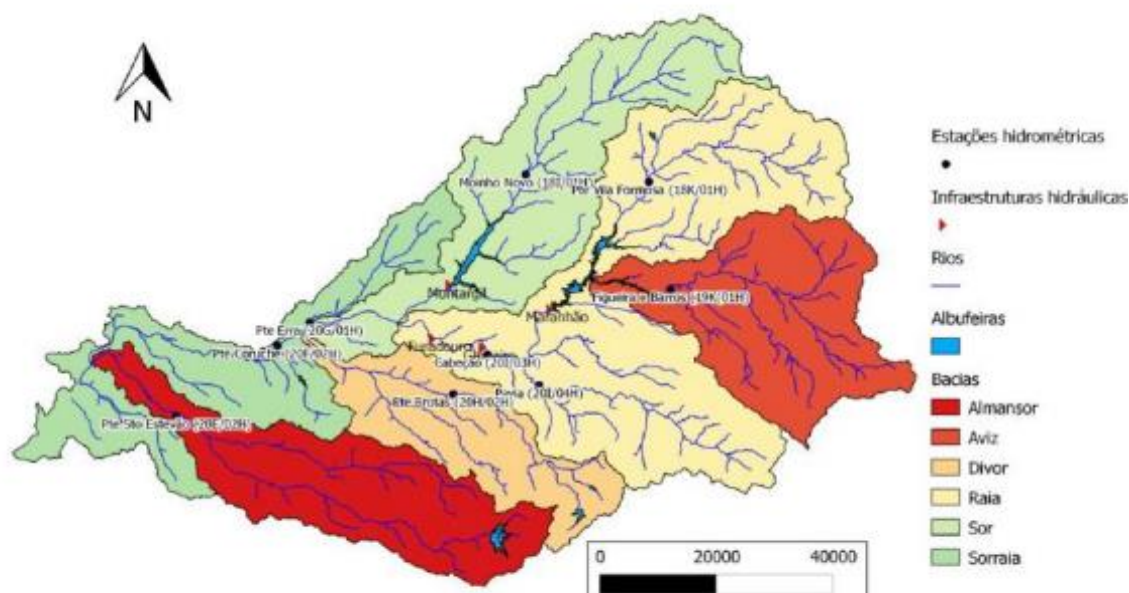


Fig. 46 – Rede Hidrográfica do Vale do Sorraia e respetiva rede hidrométrica.

⁷⁶ Informações retiradas do website <https://www.visitcoruche.com/rio-sorraia>, acedido a 04/06/2020.

Devido às características do montado de sobro e das planícies das lezírias, o concelho de Coruche tem vindo a oferecer mais e melhores condições ao turismo. Existem atualmente várias herdades e espaços modernos com ofertas de alojamento e experiências enogastrónomicas. Associadas a este turismo estão também várias atividades ao ar livre. Os açudes e percursos pedonais em trilhos, os riachos e o lago artificial da Quinta Grande são frequentemente aproveitados para a prática de passeios a cavalo, BTT, pesca, descidas do rio a canoa ou ski aquático. Todos estes elementos contribuem com a sua variedade e beleza para o aumento de passeios de balões de ar quente, com festival anual próprio, o Flutuar – Festival de Balonismo de Coruche, que conta com a participação de pilotos de balões de ar quente vindos de todos os continentes.



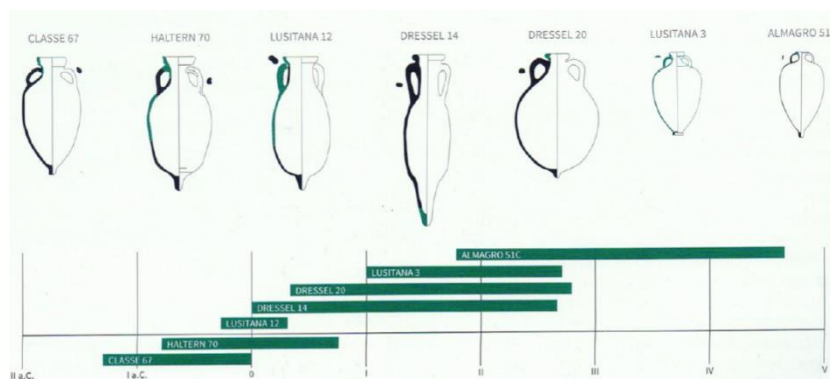
Fig. 47 – Festival Internacional de Balonismo de Coruche, 2018.
Autor desconhecido.

A ocupação humana do vale do rio Sorraia é registada a partir do Neolítico. O conjunto megalítico de Coruche, constituído por cerca de trinta monumentos, remontante ao 4º e 3º milénios a.C., apresenta objetos associados ao culto funerário⁷⁷. Este situa-se no extremo sudeste do concelho e foi intervencionado nos anos 30 do séc. XX. Existem também registos de ocupação romana no vale do Sorraia que sugerem um povoamento junto ao rio e uma atividade agrícola intensa entre os séc. I e V d.C.. A navegabilidade do rio impulsionou o transporte e comercialização de produtos agrícolas com outras regiões. Impossíveis de serem transportados e comercializados por terra, foi a capacidade de carga dos navios romanos que lhes permitiu maior rapidez de transporte destes produtos, resultando em custos mais baixos e uma acrescida rentabilidade através desta via de comunicação⁷⁸.



Fig. 48 – Principais sítios arqueológicos da era romana no vale do Sorraia.

Fig. 49 – Tipos de ânforas encontradas nos sítios arqueológicos do vale do rio Sorraia.



⁷⁷ Informações retiradas do website <https://www.visitcoruche.com/monumentos>, acedido a 04/06/2020.

⁷⁸ Informações retiradas do website <https://www.visitcoruche.com/coruche>, acedido a 31/03/2020.

5.1.1. O castelo de Coruche

O castelo de Coruche, uma fortificação no ponto alto da vila, foi edificado durante o período de domínio mouro, tendo tido especial relevância estratégica durante a Reconquista Cristã⁷⁹. Este posto de observação elevado, localizado no triângulo formado por Santarém, Lisboa e Évora, permitia controlar o vasto território a sul, desempenhando um papel crucial na ligação com Évora, sendo que a sua defesa estava associada à proteção dos acessos a Santarém⁸⁰.

O castelo era provavelmente construído em materiais menos resistentes, pois funcionaria mais como um posto avançado da defesa de Santarém⁸¹, funcionando mais pela sua localização estratégica do que propriamente pela sua robustez. Nos dias de hoje não se verificam registos da sua existência, apesar de ter sido reconstruído várias vezes. Devido à sua fraca materialidade, provavelmente não seria um castelo de grande dimensão e robustez, tendo sido alvo de ataques pela sua posição geográfica isolada e a sua proximidade ao território sarraceno, para além da atividade sísmica da região.

Há quem defenda que é este mesmo ponto alto que confere o nome à vila, contrariamente a outros que assumem que o nome deriva do árabe *Khurûj*, que significa saída no sentido de ponto de passagem⁸². Existe ainda uma opinião

⁷⁹ AA.VV. – *Coruche: O Céu, a Terra e os Homens*, coord. geral Cristina Calais, coord. executiva Ana Maria Correia, Cristina Calais, textos Ana Catarina Sousa, Ana Maria Correia, A. Nunes Pinto, Elin Figueiredo, José Antunes, Miguel Carvalho, Nuno Calado, Rosário Caeiro, Sónia Codinha, Vasco Gil Mantas, Victor S. Gonçalves, Vincent Debut, Câmara Municipal de Coruche/Museu Municipal de Coruche, p.99.

⁸⁰ SILVA, Mário Justino - *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, pp. 10-11.

⁸¹ RIBEIRO, Margarida - *Estudo histórico de Coruche*, Câmara Municipal de Coruche, 2009, p. 84.

⁸² REI, António. – “O actual norte alentejano no período hispano-árabe (711-1230)”, in: *Callipole: Revista de Cultura*, Câmara Municipal de Vila Viçosa, nº 18, pp. 123-131, p. 131, 2010, disponível em https://www.academia.edu/41911839/O_actual_norte_alentejano_no_per%C3%ADodo_hispano-%C3%A1rabe_711-1230_, acedido a 04/06/2020.

popular, provavelmente a mais difundida, que defende ser devido à existência abundante de corujas na região na altura.

*Teve um lugar estratégico na defesa, que é o nome de Coruche, que não é nada de coruja. Coruche é 'ponto alto', é um ponto mirante, esta vigia, que era um castelo.*⁸³

Domínio das ordens militares no Centro e Sul do país (com base no mapa de José Mattoso)

Principais castelos
Principais mosteiros

Domínio dos Templários
Domínio dos Hospitalários
Domínio da Ordem de Avis
Domínio da Ordem de Santiago



A Península Ibérica Islâmica e Cristã

----- Fronteira entre cristãos e muçulmanos em 1157
***** Fronteira entre cristãos e muçulmanos em 1210



Fig. 50 – Domínio das ordens militares no Centro e Sul e a Reconquista.

⁸³ Afirmação proferida por TELLES, Gonçalo Ribeiro, in: FRANCISCO, Domingos - *Coruche na obra do Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles*, It's Ready, 2005, p.47.

Devido ao papel que Coruche desempenhava na defesa de Évora, durante o séc. XII era um dos lugares mais expostos aos ataques muçulmanos⁸⁴, dada a sua posição avançada na fronteira islamo-cristã, não sendo esta uma fronteira fixa. Foi D. Afonso Henriques que conquistou o castelo aos mouros no ano de 1166 (quando se deu a conquista de Évora), entregando em 1176 a sua manutenção à Ordem Militar dos Freires de Évora, após a sua reparação. Esta ordem, mais tarde denominada Ordem de Avis, encontrava-se sob a chefia do seu primeiro mestre, D. Gonçalo Viegas de Lanhoso⁸⁵, antigo alcaide de Lisboa em 1171 e governador da Estremadura em 1173. Contudo, a responsabilidade desta ordem não se cingia apenas à manutenção do castelo, mas alargava-se ao alcácer velho de Évora.

Um dos ataques que resultou em grande destruição do castelo de Coruche deu-se em 1181 durante uma ofensiva dos almóadas liderados por Ibn Wanudin, dinastia originária do norte de África⁸⁶, após dois dias de cerco a Évora. Os mouros regressaram posteriormente a Sevilha, após o ataque que vitimou vários habitantes e onde foram feitos cativos cerca de 400 mulheres e 120 homens, tendo sido vários deles vendidos⁸⁷. É após este ataque que D. Afonso Henriques concede privilégios e benefícios a novos e antigos moradores, com o intuito de promover o repovoamento e a fixação de habitantes em Coruche⁸⁸. É no ano seguinte que Coruche recebe o seu foral, outorgado por D. Afonso Henriques em 26 de maio de 1182, seguindo o modelo do foral de Évora, sendo confirmado por D.

⁸⁴ MATTOSO, José – *D. Afonso Henriques*, Temas e Debates, 2007, p.359.

⁸⁵ MATTOSO, José – *Coruche na Idade Média*, in: *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Santarém*, 1989, pp. 13-21, p.17.

⁸⁶ CORREIA, Fernando Branco – “*Coruche Medieval: do final do Império Romano ao crepúsculo da Idade Média*”, in: *O Homem e o Trabalho – a magia da mão*, Coruche, Câmara e Museu Municipal, 2003, pp. 71-88, nota 15 da p. 74.

⁸⁷ MATTOSO, José – *D. Afonso Henriques*, Temas e Debates, 2007, p.367.

⁸⁸ SILVA, Mário Justino – *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, p.15.

Sancho I em 1189 e por D. Afonso II em 1218, mantendo-se até à reforma dos forais de D. Manuel no séc. XVI⁸⁹.

Nos anos de 1184 e 1189, o castelo de Coruche sofre dois ataques devastadores⁹⁰, normalmente pela altura das colheitas quando o saque seria mais proveitoso para os invasores. As condições da estrutura do castelo após estes incidentes não deveriam ser as melhores, visto D. Sancho I ter chegado a deixar em testamento uma quantia monetária destinada à reparação das muralhas deste castelo, entre outros⁹¹. Só em 1217, com a conquista definitiva de Alcácer do Sal, aliada à proteção concedida pelo castelo de Avis e pela região de Benavente, entregue a colonos francos, se conseguiu quebrar o ciclo de ataques a Coruche⁹². À medida que as forças da Reconquista avançavam para sul, Coruche e o seu castelo foram perdendo importância militar.



Fig. 51 – Guarita e ruínas da muralha do lado sul do castelo anteriores à construção do miradouro.

⁸⁹ ARAÚJO, Julieta – “Coruche e as suas gentes na Idade Média”, in: *Dimensões*, v. 37, 2016, pp. 61-73, p. 66, disponível em https://www.researchgate.net/publication/312413405_Coruche_e_as_suas_gentes_na_Idade_Media, acedido a 04/06/2020.

⁹⁰ SILVA, Mário Justino – *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, p.16.

⁹¹ SILVA, Mário Justino – *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, p.17.

⁹² SILVA, Mário Justino – *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, p.17.

5.1.2. A ermida de Nossa Senhora do Castelo

Reza a lenda que a ermida de Nossa Senhora do Castelo tenha sido fundada por D. Afonso Henriques. O *Conquistador* está presente em várias lendas do imaginário coruchense e no interior do santuário existe uma pintura a óleo representando este rei.

O clero presente na ermida pertencia ao padroado real e era administrado por uma irmandade apoiada pela Coroa. Esta tinha o nome de Real Irmandade de Nossa Senhora do Castelo, criada formalmente a 10 de março de 1657⁹³, mantendo-se ativa até aos dias de hoje.

Foi D. João I quem revigorou o culto mariano em Portugal, ordenando a realização de uma procissão solene a 14 de agosto, primeiro em Lisboa e mais tarde em todo o reino, como comemoração da vitória de Aljubarrota (14 de agosto de 1385). Tendo sido uma das maiores batalhas nacionais, foi o voto feito por aquele rei em memória da sua vitória que o levou a mandar construir o Mosteiro de Santa Maria da Vitória⁹⁴, vulgarmente conhecido por Mosteiro da Batalha. O nome deve-se ao fato do dia 14 de agosto ser a véspera da festa de Santa Maria de agosto. Terá sido por ordem real de D. João I que o culto da Assunção de Maria se tenha propagado por todo o reino, resultando assim na procissão do dia 15 de agosto que ainda se mantém uma tradição em Coruche, com o título de Nossa Senhora do Castelo, a padroeira da terra.

A procissão de Nossa Senhora do Castelo a 15 de agosto, tal como a bênção dos campos no final da mesma e a



Fig. 52 – Retrato de D. Afonso Henriques (atribuído) existente na Ermida de Nossa Senhora do Castelo. Pintura a óleo sobre tela. Autor desconhecido. Séc. XVIII (?).

⁹³ SILVA, Mário Justino – *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, p.19.

⁹⁴ SILVA, Mário Justino – *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, p.20.

missa de dia 14 de agosto onde se reza pela vitória na batalha de Aljubarrota são tradições ainda existentes. Sabe-se que, tal como outros cultos e devoções à padroeira, atraíram devotos de outras terras, chegando a haver no início do séc. XX comboios a preços muito reduzidos com destino às festas de Coruche. A atratividade destas festas não é, no entanto, exclusivamente religiosa, sendo que os festejos taurinos continuam a ter enorme adesão popular.



Fig. 53 – Miradouro da Ermida de Nossa Senhora do Castelo.
Fotografia do autor, 2019.

*Nas ruínas do Castelo
Uma imagem apareceu
Fazem-lhe uma Capela
E esse nome concebeu.*⁹⁵

Ao longo dos anos, os devotos ofereceram donativos à ermida, tanto monetários como materiais, geralmente associados ao pagamento de promessas relacionadas com a cura de doenças de entes queridos. Estes donativos iam desde pequenas ofertas em dinheiro até fatos completos, alguns bordados a ouro. Havia quem oferecesse notas no manto bordado a ouro da imagem durante a procissão, ostentando assim o seu poder económico perante a população. Assim sendo, o santuário alberga alguns fatos no seu interior, dádivas em pagamento de promessas por parte dos fiéis. As centenas de fotografias de militares mobilizados para a guerra do ultramar entre 1961 e 1974 também são de especial destaque no património desta igreja⁹⁶.



Fig. 54 – Fotografias dos militares chamados para combater no Ultramar português na sacristia da Ermida de Nossa Senhora do Castelo, Coruche.

⁹⁵ NÓBREGA, José Moisés de, *História da Vila de Coruche em Versos Simples e Primorosos*, Gráfica Moderna, 1944, p.4.

⁹⁶ SILVA, Mário Justino – *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013, p.34.

5.2. A vila de Coruche

Poucos são os registos existentes sobre construções rústicas ou urbanas anteriores ao século XVII em Coruche. No entanto, sabe-se que era na baixa de Coruche que, devido à proximidade com o rio Sorraia, se efetuavam as trocas comerciais e deveriam existir instalações para acomodar visitantes e residentes. Esta antiga zona de elevada importância para Coruche é adjacente à zona histórica da Vila, a uma distância de poucas ruas do local de projeto em estudo.

Nesse centro económico encontrava-se (e assim permanece até aos dias de hoje) o edifício dos Paços do Concelho, que nos dias de hoje serve de casa aos serviços da Câmara Municipal, tendo funcionado também como cadeia durante o reinado de D. Afonso V⁹⁷.

Desde 1564 até 1993, por alvará do Cardeal D. Henrique, existiu também um Hospital bastante próximo da baixa⁹⁸. Hoje em dia, pelo fato de o Rio Sorraia já não ter a importância que teve outrora, fruto do seu fator preponderante nas trocas comerciais, o Centro da Vila já não se considera nesta zona. Esta parte da vila encontra-se sensivelmente alinhada com a Ermida de Nossa Senhora do Castelo e tem uma vista privilegiada sobre o rio Sorraia e os campos agrícolas da margem oposta do rio.

Assume então o local de projeto uma importância acrescida, não só por ser um lugar de excelência para estreitar a relação da população e visitantes com o rio Sorraia e os campos, mas também por ser, em termos de localização, um ponto privilegiado para se admirar toda a paisagem circundante. Adquire ainda mais importância no perfil da vila pela proximidade à Ermida de Nossa Senhora do Castelo e ao seu miradouro, constituindo deste modo a imagem de marca da Vila.

⁹⁷ JANEIRO, Carlos – *O que nos dizem as casas: Conceitos e reconceitos na arquitectura doméstica de Coruche*, Trajectos da História, 2006, p.26.

⁹⁸ JANEIRO, Carlos – *O que nos dizem as casas: Conceitos e reconceitos na arquitectura doméstica de Coruche*, Trajectos da História, 2006, pp.26-27.

A zona histórica da Vila, onde se situa o local de intervenção de projeto, tem vindo a ser objeto de várias intervenções arquitectónicas e urbanas nos últimos anos, no sentido de a tentar revitalizar.

Não fora a localização de estruturas importantes como os Paços do Concelho, o Museu Municipal, igrejas, farmácias ou o pequeno comércio tradicional que ainda lhe emprestam alguma vitalidade, o Centro Histórico estaria hoje muito mais abandonado. Sendo uma vila de pequena dimensão, este núcleo deveria continuar a desempenhar um importante papel polarizador da vida social, pelo que, qualquer estratégia de salvaguarda se deve posicionar de modo a adequar-se aos tempos actuais, prevenindo o futuro.⁹⁹



Fig. 55 – Zona histórica da vila de Coruche e paisagem, vista do miradouro de Nossa Senhora do Castelo. Fotografia do autor, 2019.

⁹⁹ JANEIRO, Carlos – *O que nos dizem as casas: Conceitos e reconceitos na arquitectura doméstica de Coruche*, Trajectos da História, 2006, p.34.

5.2.1. A frente de rio

Considere-se como frente de rio a Avenida Luís de Camões em toda a sua extensão, assim como o trajeto pedonal próximo à praça de toiros, situados na margem direita do rio Sorraia. Esta avenida tem voltado a ganhar importância recentemente, visto ser um dos acessos principais à vila, alongando-se paralelamente à zona histórica. É neste percurso da frente ribeirinha que se podem encontrar pontos de interesse como o Jardim 25 de Abril, o Museu Municipal, a Praça de Toiros de Coruche ou o Parque da Água.

Não se resumindo a estes pontos de interesse, a frente de rio é extremamente próxima de vários edifícios e locais de importância da Vila, tais como a Câmara Municipal, a Igreja de São Pedro, o novo Rossio e o Pavilhão Gimnodesportivo. Torna-se evidente a importância da sua imagem, visto ser o local por onde passam mais visitantes e residentes.



Fig. 56 – Zona histórica da vila de Coruche vista a partir da margem sul do rio Sorraia. Fotografia do autor, 2020.

São vários os eventos anuais realizados em Coruche para os quais o desenvolvimento desta área é importante, tais como a Bienal de Artes de Coruche, a FICOR (Feira Internacional da Cortiça), o Festival de Balonismo, o Campeonato do Mundo de Pesca Desportiva ou os Sabores do Toiro Bravo.

Existem quatro acessos principais à vila, sensivelmente orientados pelos pontos cardeais. É na zona em questão que, através de dois deles, se tem a primeira imagem da vila, adquirindo por isso uma importância acrescida em termos de paisagem. A requalificação do Jardim 25 de Abril, a reorganização do estacionamento em ruas adjacentes e a criação de um anfiteatro dentro do jardim estão previstas numa obra atualmente em curso. Este anfiteatro, dada a sua proximidade do local de projeto, é de extrema relevância, sendo que a sua existência acrescenta valor cultural à zona da vila em questão.

É o rio Sorraia que marca a divisão entre o rural e o urbano, sendo que na sua margem esquerda existem apenas alguns edifícios de pequenas dimensões. A frente ribeirinha é o início de vários percursos pedonais de turismo, que se estendem à margem oposta do rio. Apesar dessa margem ser atualmente um leito de cheia e ser considerada reserva ecológica e reserva agrícola, continua a ser uma opção para uma futura expansão urbana a longo prazo. A atual expansão da vila, que se tem vindo a observar especialmente ao longo da última década, tem vindo a desenvolver-se paralelamente ao rio no sentido nascente, ao invés de se desenvolver na margem contrária, como se verifica em várias cidades.

5.2.2. O Museu Municipal de Coruche

O Museu Municipal de Coruche, localizado no centro histórico da vila, foi inaugurado em 2001 e integra desde 2002 a Rede Portuguesa de Museus¹⁰⁰. Conta com o prémio do triénio 2003-2005 de Melhor Museu Português pela APOM¹⁰¹, assim como uma Menção Honrosa na categoria de Melhor Exposição de 2008. Para além do edifício sede, o Museu Municipal de Coruche engloba três núcleos museológicos temáticos: o Núcleo Rural de Coruche, o Núcleo Tauromáquico de Coruche e a Escola-Museu Salgueiro Maia, focando-se na ruralidade, tauromaquia e educação, respetivamente.

O Núcleo Rural de Coruche, situado no centro da vila, funciona no antigo edifício dos Bombeiros Municipais de Coruche, tendo como objetivos a divulgação do património agrícola numa perspetiva de educação e promoção do desenvolvimento local. Foca-se no estudo e investigação, conservação e valorização dos ofícios, evidenciando as artes e saberes tradicionais¹⁰².

O Núcleo Tauromáquico de Coruche, situado nas proximidades do Museu Municipal, é palco da exposição “Tauromaquia de Coruche – História, Arte, Tradição” que evidencia a história da tauromaquia em Coruche. Apesar das diferentes versões acerca da longa história desta temática no concelho, este núcleo procura cruzá-las e evidenciar as mais consensuais.

A Escola-Museu Salgueiro Maia, situada em S. Torcato, foi o primeiro núcleo museológico do Museu Municipal de Coruche, inaugurada a 5 de Outubro de 2009. O seu objetivo é fazer um contraponto sobre a educação entre o antes e depois do 25 de Abril de 1974, recriando uma sala de aula do Estado

¹⁰⁰ Informação retirada do website <https://www.cm-coruche.pt/atividade-municipal/cultura/museu-municipal>, acedido a 27/04/2020.

¹⁰¹ APOM – Associação Portuguesa de Museologia, fundada em 1965, desenvolve atividades no âmbito museológico, como visitas de estudo ao estrangeiro, colóquios, atribuição de prémios e publicações.

¹⁰² Informação retirada do website <https://www.visitcoruche.com/museus>, acedido a 27/04/2020.

Novo. Em 2010 recebeu uma menção honrosa na categoria de Melhor Trabalho em Museografia dos prémios APOM.

As coleções do Museu Municipal de Coruche são constituídas essencialmente por espólio etnográfico e arqueológico que contribuem para o conhecimento e salvaguarda da identidade cultural e patrimonial do concelho de Coruche. Na coleção de arqueologia tem especial destaque o material cerâmico e lítico pré-histórico, assim como o material recolhido na intervenção arqueológica do sítio de S. Pedro, que incide nos períodos romano, medieval e moderno. Na coleção de etnografia estão presentes peças variadas de diversas categorias, desde alfaías agrícolas a brinquedos, passando pelos trajes, mobiliário e vidro. É de realçar também o acervo, assim como os fundos Margarida Ribeiro, Monte da Barca, Armando Lizardo e FotoCine, com cerca de 200.000 negativos¹⁰³.



Fig. 57 – Pátio do Museu Municipal de Coruche.
Fotografia do autor, 2019.

¹⁰³ Informação retirada do website <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-municipal-de-coruche/>, acedido a 29/04/2020.

A exposição permanente do edifício sede intitula-se “Coruche: o Céu, a Terra e os Homens” e conta a história de Coruche desde a antiguidade, abrangendo as temáticas do território e do património local, móvel e imóvel, material e imaterial, natural e cultural da região, dando especial destaque ao montado de sobro e à lezíria¹⁰⁴. A publicação acerca desta exposição recebeu também uma menção honrosa na categoria de Investigação a 29 de Maio de 2015 na Sala do Senado da Assembleia da República.

O programa do museu inclui um auditório e um centro de documentação, espaços de exposição permanente e de exposições temporárias, ateliers, assim como um pátio e cafetaria.



Fig. 58 – Pátio do Museu Municipal de Coruche.
Fotografia do autor, 2019.

¹⁰⁴ Informação retirada do website <https://www.visitcoruche.com/museus>,
acedido a 27/04/2020.

5.2.3. A Casa do Rio

A casa do rio está presente na zona histórica de Coruche desde o século XIX, não existindo certezas acerca do ano de construção. Sendo que outrora esta área se considerava a zona nobre da vila, com extrema importância a vários níveis devido aos serviços e comércio existentes, a importância e reputação desta casa eram também mais relevantes. Durante várias décadas foi residência de personalidades ilustres da vila como médicos ou juizes, em épocas em que geralmente apenas existia um médico por povoamento.



Fig. 59 – Casa do Rio, vista da rua Júlio Maria de Sousa.
Fotografia do autor, 2019.

A nível arquitetónico destaca-se pela sua grande dimensão comparativamente a outras casas da época localizadas na então zona nobre da vila. Era constituída pelo edifício principal de habitação e por dois volumes (situados entre este e o atual Museu Municipal de Coruche), sendo que estes se encontram completamente devolutos, mantendo apenas as fachadas da rua Júlio Maria de Sousa e as fachadas opostas, viradas para a avenida Luís de Camões. Dado o grau de degradação e o fato de terem sido meros arrumos ou tenham servido funções menores equivalentes, considera-se para este trabalho que constituem pouco valor arquitetónico e histórico.



Fig. 60 – Casa do Rio, vista do Museu Municipal de Coruche do lado da Avenida Luís de Camões. Fotografia do autor, 2019.

6. Proposta para o Novo Museu de Coruche

6.1. Programa

O desenvolvimento do programa para o novo museu de Coruche foi vastamente influenciado pelos conhecimentos adquiridos aquando da pesquisa efetuada acerca da Nova Museologia e das novas práticas museológicas inerentes à mesma. Assim sendo, o desenvolvimento e o processo criativo por detrás das áreas expositivas focaram-se essencialmente na criação de espaços que permitam uma utilização versátil por parte dos curadores e da comunidade para o desenvolvimento quer de exposições, quer de diversos tipos de atividades, sendo os espaços limitados por barreiras físicas mas geralmente desimpedidos ao nível dos seus interiores.

Por uma questão de coerência e organização de ideias, introduzir-se-á em primeiro lugar a parte do programa relativa às alterações efetuadas ao atual Museu Municipal de Coruche e à Casa do Rio. Relativamente ao existente Museu Municipal de Coruche, foi tomada a decisão de retirar o muro existente na avenida Luís de Camões de modo a criar uma praça de maiores dimensões e permitir que os fluxos pedonais possam ser mais fluídos entre a zona histórica e a avenida. Com o mesmo objetivo, retirou-se também um volume de apenas um piso onde estavam incluídas três pequenas salas que funcionavam como ateliers de artesanato, tendo sido criada uma área no novo museu destinada ao exercício desta atividade.

Relativamente à Casa do Rio, optou-se por retirar uma pequena escada que ligava o antigo pátio ao piso 1 devido à implantação do novo edifício e à ideia de ter um espaço público mais livre. Sendo assim, a entrada passa a ser efetuada pela fachada norte, visto ser a de maior importância desde que foi construída, devido ao fato de no séc. XIX, aquando da sua construção, a zona histórica ser vista como a zona nobre da vila e o rio ser visto como uma zona desinteressante onde se efetuavam as atividades piscatórias e de compra e venda de bens no porto João Felício. Esta fachada é marcada pelo seu

revestimento a azulejos antigos e por estátuas atualmente retiradas da fachada principal por questões de segurança. Devido à escala da Casa do Rio, a sua reabilitação passa pela permanência de quase todas as paredes, tendo sido removidas apenas as que impossibilitavam a criação de áreas expositivas ou que dificultassem a passagem de visitantes.

Tendo em conta as modificações efetuadas tanto à Casa do Rio como ao Museu Municipal de Coruche, o programa do novo museu tenta harmonizar o novo edifício com os restantes espaços. Dada a reduzida dimensão do auditório do Museu Municipal de Coruche, foi criado um auditório com maior capacidade e um desenho espacial e de isolamento acústico que permitem que este possa ser mais versátil do que o existente, ao mesmo tempo que dispõe de iluminação natural. O edifício é assim constituído por um grande hall a partir de onde se pode visualizar o piso 1, a escadaria, a loja e bilheteira, sendo as zonas de entrada em vidro, de modo a não existir uma barreira visual entre um lado e outro do edifício na zona de entrada, tornando-se visualmente mais permeável quer em relação ao rio, quer em relação à zona histórica, tanto no interior como no exterior do mesmo.

Desenhados de modo a permitir o desenvolvimento das práticas da nova museologia, os espaços expositivos são áreas desimpedidas. Dada a relação física e visual entre o piso 1 e o piso 0, o superior devido às suas características espaciais, é destinado a exposições temporárias. É a partir do piso 0 que se acede ao auditório e às zonas administrativas, existindo instalações sanitárias próximas a ambos. Relativamente ao piso -1, o seu desenho foi pensado numa ótica de desenvolvimento de atividades lúdicas e workshops, tal como a criação e exposição de obras de artesanato ou outras criadas no local. O acesso próximo da entrada do edifício e a boa iluminação natural conferem a este espaço as condições necessárias para desenvolver este tipo de atividades.

O piso -2, devido às suas características de escassa iluminação natural, foi pensado de modo a propiciar ao visitante, nas zonas de chegada, tanto por escadas como por elevador, um ambiente mas específico. Neste hall e pequeno corredor por onde se desenvolvem os acessos existem pontos de iluminação zenital, quer através do “fosso” na escadaria por onde se podem desenvolver obras de arte temporárias, quer penduradas a partir do teto até ao piso -2, quer meramente pintadas nas paredes, assim como duas entradas de luz zenital a norte.

A partir deste ponto de chegada que funciona só por si como espaço expositivo, acede-se à sala de maior pé direito com iluminação natural a norte. Confinada a uma área entre duas zonas expositivas, estão reunidas as condições ideais para exposições de conteúdos de grandes dimensões. Ao continuar o caminho por esta sala, chega-se à última sala do edifício, a sala multimédia. O percurso foi criado de modo a culminar na mesma, dadas as suas características. Ainda com um pé direito mais alto, esta área expositiva destaca-se das demais pela inexistência de luz natural, sendo deste modo apropriada para exposições de conteúdo multimédia e audiovisual, marcando assim o fim da exposição. No piso -3, uma pequena parte do edifício, encontram-se as áreas técnicas e os arrumos.

6.2. Conceito

A génese do conceito para a conceção tanto do edifício como do espaço público surge da ideia de melhoria dos percursos pedonais e das relações visuais. A nova margem norte, através da criação de um deck que permite expandir o espaço público pedonal e aliando-se à criação de uma pequena torre de acesso à cobertura do edifício e de uma ponte pedonal, qualifica-se pelo surgimento de espaços com uma nova escala e pela relação física e visual com a margem sul do rio Sorraia. Para além desta ligação, a cobertura do museu também é acessível através de escadas a nascente e a poente, integrando-se assim nos novos percursos, assim como nos fluxos já existentes.

Este conjunto de propostas visa responder ao problema da escassa relação visual com o rio e a margem oposta, passando a ser possível observar a paisagem a partir da cobertura do edifício, assim como a partir do espaço público ao nível térreo, deixando de existir um muro como barreira visual na margem do rio, ao ser substituído por uma guarda mais leve a permeável, quer a nível visual quer, a nível construtivo e material.

Tendo em conta que o local de intervenção se situa na zona histórica de Coruche e que esta engloba características específicas ao nível da arquitetura, nomeadamente no que diz respeito à cêrcea máxima do edificado e ao fato de ser uma área urbana maioritariamente constituída por edifícios de habitação, houve uma preocupação acrescida em desenhar um edifício com uma altura relativamente baixa. Não ultrapassando os 7m de altura, a cobertura do museu consegue atingir uma cota que lhe permite tornar-se num miradouro agradável, de modo a não prejudicar excessivamente os prédios de habitação próximos, que não excedem os 5 pisos.

Assim, a construção desenvolve-se enterrada, na maioria das vezes em meios pisos e zonas de pé direito duplo, de modo a potenciar o aproveitamento da luz exterior. A forma estreita e alongada do terreno confere ao museu um aspeto exterior mais fino, sendo compensado visualmente pelo desenho de uma pála a norte e outra a sul. A segunda desempenha um papel fundamental, não só a nível de alçado, enfatizando a área de miradouro e a zona de permanência da cobertura, mas também a nível técnico, permitindo a criação de vãos de maiores dimensões recuados que jogam com os “cheios” da fachada e o design futurista do edifício.

A ideia da criação de pisos intermédios surge precisamente devido ao fato de o edifício ser constituído por pisos enterrados, sendo possível existirem entradas de luz para os pisos inferiores na fachada sul, protegidas pela pála, através da ligeira elevação do piso 1, permitindo a entrada de luz tanto para o piso 1 como para o piso 0 e -1 através dos mesmos vãos. Relativamente à fachada norte, a solução é ligeiramente diferente devido à existência do piso 0 e -2 nessa zona, mas segue o mesmo princípio: foram criados dois bancos em betão que permitem que a luz entre pelos vãos a norte e ilumine o piso -2 através de iluminação zenital, sendo a luz norte a mais qualificada para o efeito.

6.3. Proposta Urbana

Uma das questões principais para a melhoria do espaço público e dos fluxos pedonais da avenida Luís de Camões é o trânsito automóvel. Esta via serve atualmente para fazer a ligação entre o trânsito que entra na vila de Coruche vindo de oeste e se dirige quer para sul, quer para este ou para o centro da vila, tendo inevitavelmente trânsito de veículos pesados. Dadas as características da avenida, do muro e do desenho do espaço público, a passagem desse tipo de veículos prejudica a experiência de um passeio à beira rio. Assim, e não existindo uma alternativa viável atualmente, procedeu-se à criação de uma estrada que permite desviar o trânsito de veículos pesados por outro local a apenas 1km da avenida, perto da linha ferroviária, impedindo-os de passar na avenida, mas garantindo a ligação a norte e a sul, ao mesmo tempo que mantém a alternativa de passagem de sul para este. Deste modo, passa a verificar-se apenas a passagem de veículos ligeiros ou pesados para cargas e descargas de mercadoria em edifícios localizados na avenida.

Relativamente à margem sul do rio Sorraia, foi criada uma área de expansão urbana. Esta intenção deve-se ao fato de em várias cidades, o crescimento natural da mesma ser desenvolvido em ambas as margens, tirando o dobro do proveito das potencialidades do rio enquanto elemento de fruição. Em Coruche, têm sido criados alguns percursos pedonais na margem sul, que terminam na ponte pedonal que existe próxima da linha ferroviária. Esta intenção de projeto tem como objetivo elaborar uma zona que pudesse vir a ser, no futuro, uma área verde com equipamentos de lazer e que complementasse os percursos pedonais do novo jardim, do espaço público próximo ao museu e da ponte pedonal, rematando as novas realidades urbanas do local. Nesta ótica, a ponte pedonal faria a ligação entre dois espaços verdes distintos, incentivando à expansão urbana na margem sul.

Tendo em conta esta premissa, pensou-se na criação de um deck com o intuito de alargar o espaço público da margem norte e aproximar as pessoas do rio. O surgimento de uma guarda em madeira visualmente mais leve e permeável, contrariamente ao aspeto maciço, pesado e opaco do muro existente, também contribui para esta aproximação. O deck começa junto ao Jardim 25 de Abril e termina próximo ao largo de Santo António, fazendo assim a ligação entre dois marcos da paisagem local. A criação de uma ponte pedonal que parte deste deck e termina na margem sul do rio foi pensada de modo a que exista uma passagem pedonal entre margens mais próxima desta nova centralidade urbana.

6.4. Proposta Arquitetónica

A proposta arquitetónica do edifício teve como principais condicionantes a paisagem e a localização geográfica da vila e consequentemente o clima. A criação das palas contribui para o design do edifício enquanto simultaneamente lhe confere características de conforto a nível térmico, permitindo a existência de vãos de maiores dimensões protegidos do sol pela mesma e marcando as entradas principais do edifício. Tendo em conta que na vila de Coruche, durante os meses quentes, é normal serem ultrapassados os 40°C, as palas são imprescindíveis não só em termos visuais para as fachadas, assim como para garantir conforto quer ao interior, quer ao exterior do edifício. Visto isto, dado que a avenida Luís de Camões é atualmente constituída por materiais e elementos densos, a escolha dos materiais foi pensada de modo a criar um ambiente mais permeável visualmente e por sua vez mais fresco.

A substituição do muro maciço existente entre o espaço público e a margem do rio por uma guarda de madeira mais leve, assim como a criação de um deck, minimizam as barreiras ao vento, conferindo simultaneamente uma inércia térmica menor. Aliado a estas escolhas, manteve-se a calçada de grandes dimensões na via rodoviária e a calçada de menores dimensões no restante espaço público. Foram projetadas zonas de relva tanto próximas à fachada como na cobertura do edifício, assim como um espaço verde de maiores dimensões, protegido do sol por árvores e criando uma barreira visual para a via rodoviária, numa procura de qualidades que confirmam ao espaço público maior conforto nos dias de calor, tornando-o mais fresco e aliviando o aspeto maciço e pesado da avenida, procurando referências visuais com a margem oposta.

Relativamente às materialidades do edifício, seguindo a lógica dos materiais mais leves e visualmente permeáveis do espaço público, optou-se por uma guarda de vidro na cobertura

e nas escadas da mesma. Visto que esta guarda de vidro está recuada relativamente à fachada sul, a sua transparência e posicionamento evitam que o patamar intermédio quebre o aspeto visual do volume, destacando a forma do edifício a nível de alçado. A nível de pavimentos, a opção escolhida para a cobertura foi o betão branco e para as respetivas escadarias foi pedra. Para a maioria dos espaços interiores do edifício optou-se pelo mármore travertino, sendo o pavimento do auditório em madeira.

No que diz respeito às fachadas, devido à volumetria menos tradicional do museu, os envidraçados são planos recuados à face interior da parede e com caixilhos encastrados, de modo a apenas ser visível o plano de vidro, ficando a caixilharia escondida acima do teto falso e abaixo do pavimento. Relativamente aos planos de parede e às palas, optou-se pelo revestimento a pedra.

7. Conclusões finais

Os conhecimentos adquiridos ao longo deste trabalho permitiram perceber a história da museologia e os conceitos associados à mesma. Tendo sido a década de 70 das mais relevantes na evolução da nova museologia, entende-se que as suas ideias revolucionárias tivessem sido desenvolvidas em contextos sociais e políticos específicos. Os seus princípios são a base dos museus modernos, onde a população passa a ter um papel ativo nas exposições, deixando de ser um mero observador, sendo que o espaço do museu ganha um foco na educação e desenvolvimento das comunidades. O próprio conteúdo dos museus abandona as simples coletâneas de objetos, passando a englobar outros tipos de arte, expostos em diferentes suportes, cada vez mais inovadores.

A relação entre o público e o objeto cresce através da criação de espaços como auditórios ou bibliotecas, assim como outros que propiciem atividades como workshops ou eventos lúdicos, dinamizando e atraindo uma maior variedade de público. Os museus desenvolvem ainda atividades e parcerias com outras organizações culturais locais, assim como com escolas, com o objetivo de abranger diferentes temáticas através da participação de especialistas de diversas áreas. Tendo em conta as novas vertentes dos museus, existe uma ambição dos mesmos em tornarem-se cada vez mais pólos culturais.

O aumento da oferta que os museus atuais apresentam, assim como a sua importância cultural nas cidades são essenciais para a preservação do património. Esta é muito mais do que a simples manutenção, reabilitação e restauro de objetos patrimoniais arquitetónicos ou outros. A sua preservação, assim como a preservação das identidades culturais, estão interligadas. Ao aumentar a atratividade de um ponto de interesse na cidade, aumenta-se consequentemente a atratividade dos elementos patrimoniais existentes na proximidade. A arquitetura desempenha um papel preponderante neste sentido, valorizando o património e despertando o interesse pelo mesmo, através de estratégias de revitalização urbana, melhoria dos espaços públicos e criação

de elementos arquitetónicos que criem interesse por uma determinada área urbana.

Inevitavelmente, devido às novas exigências supracitadas, a arquitetura tem que se adaptar. Deste modo, o projeto desenvolvido teve como foco a polivalência dos espaços, conferindo ao museu a capacidade de resposta a nível de atividades socio-culturais desejadas. Assim sendo, o desenho dos espaços museológicos permitem que estes possam simultaneamente expor objetos, assim como desenvolver atividades lúdicas ou workshops. A disposição dos pisos com relações visuais entre eles, assim como os limites físicos das salas expositivas foram pensados de modo a criarem o mínimo de obstáculos possível ao desenvolvimento de atividades que possam ser entendidas como mais alternativas no campo museológico, pensando no futuro. Deste modo, o museu tem capacidade para desenvolver exposições de objetos físicos ou coleções, assim como atividades socio-culturais, workshops, palestras ou conteúdo multimédia.

Dada a mutabilidade constante da nova museologia, a ideia de criar espaços com o mínimo de barreiras físicas possível foi transposta também para o exterior do edifício. Deste modo, é possível que tanto a arte como a cultura possam ser desfrutadas no exterior. A cobertura é na sua maior parte desimpedida, contendo apenas algum mobiliário urbano, o que permite que este espaço possa ser utilizado para exposições temporárias urbanas efémeras, ou que a própria cobertura possa ser utilizada para outro tipo de atividades, tornando-a versátil. O mesmo acontece na praça a este do edifício proposto, onde se encontra o pátio do museu municipal de Coruche. Neste pátio desenvolvem-se atualmente pequenos concertos e eventos de recitação de poemas, entre outros. Ao abrir a praça para o espaço público e incluindo sombreamento, confere-se maior qualidade ao espaço e aproxima-se a cultura das pessoas. Este conjunto de propostas têm como objetivo criar um pólo de cultura que seja mais do que um edifício, o seu interior e as suas exposições, mas que seja uma zona da vila onde a cultura e a

arte têm um palco, não se limitando a estarem confinadas ao interior do museu mas extravazando para fora do mesmo, despertando interesse e atraindo novos visitantes.

A zona histórica de Coruche foi em tempos o centro da vila, considerada zona nobre. Hoje em dia, esta localidade luta numa tentativa de revitalização da mesma. Tendo em conta a ideia de que os museus têm como objetivo tornarem-se pólos culturais, atraindo cada vez mais pessoas, esse mesmo objetivo deve ser transmitido e percecionado do ponto de vista arquitetónico e urbano. Foi nesse sentido que o desenho tanto do espaço público como do edifício em si e a forma como se situa no terreno enquanto simultaneamente respeita a envolvente a nível visual e de escala foram desenvolvidos. O edifício desenvolve-se quer em altura, quer enterrado, com o intuito de não ser demasiado enterrado devido ao baixo nível freático por se localizar muito próximo do rio Sorraia, mas não crescendo demasiado em altura, respeitando a zona histórica onde se encontra. Os envidraçados, as passagens exteriores, os eixos visuais, as permeabilidades das guardas do deck e da cobertura foram desenvolvidos tendo como objetivo o aumento da permeabilidade visual e espacial, aproximando o rio da zona histórica, assim como a cultura das pessoas.

8. Bibliografia e fontes

8.1. Bibliografia geral

Coruche:

CORREIA, Fernando Branco - *“Coruche Medieval: do final do Império Romano ao crepúsculo da Idade Média”*, in: *O Homem e o Trabalho – a magia da mão*, Câmara e Museu Municipal de Coruche, pp. 71-88, 2003.

FRANCISCO, Domingos - *Coruche na Obra do Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles*, It's Ready, 2005.

JANEIRO, Carlos - *O que nos dizem as casas: Conceitos e reconceitos na arquitectura doméstica de Coruche*, Trajectos da História, 2006.

MATTOSO, José - *“Coruche na Idade Média”*, in: *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Santarém*, pp. 13-21, 1989.

MATTOSO, José - *D. Afonso Henriques*, Temas e Debates, 2007.

NÓBREGA, José Moisés de - *História da Vila de Coruche em Versos Simples e Primorosos*, Gráfica Moderna, 1944.

PEREIRA, José Luiz - *Coruche velhinha...ninguém sabe a tua idade...*, Câmara Municipal de Coruche, 1995.

RIBEIRO, Margarida - *Estudo histórico de Coruche*, Câmara Municipal de Coruche, 2009.

ROQUE, José Joaquim – *A Morfologia Urbana da Vila de Coruche*, Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação, 2016.

SILVA, Mário Justino - *Coruche: memória, culto e identidade*, Guide – Artes Gráficas, Lda., 2013

Museus e museologia:

ANDERSON, Gail - *Reinventing the Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*, Lanham: AltaMira Press, edição 2004.

CAFÉ, Daniel Calado – *Património, Identidade e Memória: Proposta para a criação do Museu do Território de Alcanena*, Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007.

NUNES, Bernardo Miguel Amaral Lucas – *A “Nova Museologia” na Reabilitação do Património Industrial – Uma Proposta de Intervenção nos Armazéns Abel Pereira da Fonseca*, Projecto/Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2017.

MARTINS, Amália Madeira - *Génese, Inovação e Futuro’ de uma experiência em Museologia Social – O caso do Museu do Trajo em São Brás de Alportel*, Dissertação de Mestrado em Museologia, ULHT, 2009.

TEIXEIRA, David José Varela - *O Ecomuseu de Barroso – A nova museologia ao serviço do desenvolvimento local*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2005.

8.2. Webgrafia

Arquitetura e museologia:

FERNANDES, Gilson – *Arquitetura de Museus: entre tradição e modernidade*, in: *Ensaio e Práticas em Museologia*, vol. 2, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012, pp. 143-162, disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10521.pdf>, acedido a 28/08/2020.

GUIMARAENS, Cêça – *Arquitetura, Patrimônio e Museologia*, in: *Simpósio 59 ENANPARQ*, 2010, disponível em <http://anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-746-1-SP.pdf>, acedido a 20/08/2020.

HERREMAN, Yani – *Arquitectura y museología: del MOMA al Guggenheim de Bilbao o los inicios del museo moderno y su arquitectura*, in: *Alteridades* 19(37), pp. 103 – 115, disponível em https://www.researchgate.net/publication/262540484_Arquitectura_y_museologia_del_MOMA_al_Guggenheim_de_Bilbao_o_los_inicios_del_museo_moderno_y_su_arquitectura, acedido a 28/08/2020.

LUPO, Bianca - *O museu como espaço de interação: arquitetura, museografia e museologia*, in: *Revista CPC*, nº 27, pp. 217-243, 2019, disponível em https://www.researchgate.net/publication/335217899_O_museu_como_espaco_de_interacao_arquitetura_museografia_e_museologia, acedido a 20/08/2020.

MOUTINHO, Mário – “*Por uma arquitetura ao serviço da museologia contemporânea*”, in: *Cadernos De Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, n.º 57(13), pp. 61-67, 2019, disponível em

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6622>, acedido a 20/08/2020.

Coruche:

ARAÚJO, Julieta – “*Coruche e as suas gentes na Idade Média*”, in: *Dimensões*, v. 37, 2016, pp. 61-73, disponível em https://www.researchgate.net/publication/312413405_Coruche_e_as_suas_gentes_na_Idade_Media, acedido a 04/06/2020.

REI, António. – “*O actual norte alentejano no período hispano-árabe (711-1230)*”, in *Callipole: Revista de Cultura*, Câmara Municipal de Vila Viçosa, nº 18, 2010, in: https://www.academia.edu/41911839/O_actual_norte_alentejano_no_per%C3%ADodo_hispano-%C3%A1rabe_711-1230_, acedido a 04/06/2020, pp. 123-131.

SIMÕES, Joana; OLIVEIRA, Rodrigo Proença de – “*Modelos de gestão de bacias hidrográficas: aplicação do IRAS-2010 e do AQUATOOL ao aproveitamento hidroagrícola do Vale do Sorraia*”, in: *Recursos Hídricos: Revista da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos*, volume 35, nº 2, pp. 29-39, 2014, disponível em https://www.aprh.pt/rh/pdf/rh35_n2-3.pdf, acedido a 04/06/2020.

Museus e museologia:

BRÜNINGHAUS-KNUBEL, Cornelia – *A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas*, in: *Como gerir um Museu: Manual Prático*, ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, pp. 129-144, disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184713>, acedido a 27/08/2020.

CARVALHO, Ana - “*Decifrando conceitos em Museologia - Entrevista com Mário Caneva Moutinho*”, in: *Museologia e Interdisciplinaridade* 4 (8), pp-252-69, 2015, disponível em https://www.researchgate.net/publication/296003033_Decifrando_Conceitos_em_Museologia_Entrevista_com_Mario_Caneva_Moutinho, acedido a 04/06/2020.

CHAGAS, Mário – “*Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas*”, in: *Cadernos de Sociomuseologia*, nº5, pp. 5-18, 1996, disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/248>, acedido a 04/06/2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François - *Conceitos-Chave de Museologia*, (tradução de B. Soares e M. Cury), ICOM/Armand Colin, Paris, 2010, disponível em <https://icom-portugal.org/multimedia/Conceitos-Chave%20de%20Museologia.pdf>, acedido a 04/06/2020.

DUARTE, Alice - “*Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora*”, in: *Revista Museologia e Património*, Universidade Federal do Rio de Janeiro – vol. 6, nº2, pp. 99-117, 2014, disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmu/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

GREGOROVÁ, Anna, in: *ICOFOM, International Committee for Museology - MuWop no.1: Museology - science or just practical museum work?*, Vinos Sofka, Estocolmo, 1980, disponível em [http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icom/pdf/MuWoP%201%20\(1980\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icom/pdf/MuWoP%201%20(1980)%20Eng.pdf), acedido a 04/06/2020.

HERREMAN, Yani – *Exposição, Exibições e Mostras*, in: *Como gerir um Museu: Manual Prático*, ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, pp. 99-112, disponível em

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184713/PDF/184713por.pdf.multi>, acedido a 28/08/2020.

LEITE, Pedro Pereira - *A Nova Museologia e os movimentos sociais em Portugal*, 2014, disponível em https://www.academia.edu/10013326/A_nova_museologia_e_os_movimentos_sociais_em_Portugal, acedido a 04/06/2020.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura - “*Reflexões sobre a nova museologia*”, in: *Cadernos de Sociomuseologia*, Edições Universitárias Lusófonas, nº18, pp. 93-139, 2002, disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>, acedido a 04/06/2020.

WOOLLARD, Vicky – *Acolhimento do Visitante*, in: *Como gerir um Museu: Manual Prático*, ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, pp. 113-128, disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184713>, acedido a 28/08/2020.

YUNES, Gilberto Sarkis – *Os novos museus e espaços culturais e as antigas centralidades: Instrumentos de unificação e valorização de fragmentos urbanos*, in: *Simpósio 69 ENANPARQ*, 2010, disponível em <http://anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-749-1-SP.pdf>, acedido a 20/08/2020.

Património:

Carta de Cracóvia - *Princípios para a conservação e restauro do património construído*, 2000, disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>, acedido a 20/08/2020.

Carta de Veneza - *Conservação dos Monumentos e dos sítios*, 1964, disponível em

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>, acedido a 20/08/2020.

FERREIRA, Vítor - *Olhares Sobre o Património Cultural*, in: *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte* nº7, 2011, disponível em https://www.researchgate.net/publication/260247302_Olhares_Sobre_o_Patrimonio_Cultural, acedido a 22/08/2020.

PONTE, António – *Os modelos de gestão dos museus e do património cultural como processos de valorização patrimonial*, in: *Museologia e Património - Volume 2*, Instituto Politécnico de Leiria, 2019, pp. 37-83, disponível em <https://www.ipleiria.pt/esecs/wp-content/uploads/sites/15/2019/11/museologiapatrimonio-volume-2-corrigido.pdf>, acedido a 27/08/2020.

Websites:

Coruche:

<https://www.cm-coruche.pt/atividade-municipal/cultura/museu-municipal>, acedido a 27/04/2020.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-municipal-de-coruche/>, acedido a 29/04/2020.

<https://www.visitcoruche.com/coruche>, acedido a 31/03/2020.

<https://www.visitcoruche.com/monumentos>, acedido a 04/06/2020.

<https://www.visitcoruche.com/museus>, acedido a 27/04/2020.

<https://www.visitcoruche.com/rio-sorraia>, acedido a 04/06/2020.

<http://www.visitteritorioscorticeiros.pt/project/coruche>, acedido a 31/03/2020.

Casos de estudo:

<https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>, acedido a 03/04/2020.

<http://archquisition.blogspot.com/2014/02/praca-de-lisboapasseio-dos-clerigos.html>, acedido a 03/04/2020.

<https://www.casadamusica.com/pt/a-casa-da-musica/espacos/sala-suggia/?lang=pt>, acedido a 09/04/2020.

<http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/cultura/museus/museu-da-comunidade-concelhia>, acedido a 22/04/2020.

www.fundacaoedpt.pt/pt/conteudo/o-maat, acedido a 02/04/2020.

<http://www.museubatalha.com/servico-educativo>, acedido a 23/04/2020.

http://www.museusoaresdosreis.gov.pt/pt-PT/menu_historia/HighlightList.aspx, acedido a 16/04/2020.

<http://www.museusoaresdosreis.gov.pt/pt-PT/museu/ContentList.aspx>, acedido a 16/04/2020.

<http://portoby.livrarialello.pt/conheca-casa-da-musica>, acedido a 07/04/2020.

<https://www.timeout.pt/porto/pt/musica/casa-da-musica>, acedido a 09/04/2020.

<https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/casa-da-musica>, acedido a 09/04/2020.

Museus e museologia:

<http://anparq.org.br/dvd-enanparq/index.htm>, acedido a 20/08/2020.

<https://www.britishmuseum.org/closure>, acedido a 03/06/2020.

<https://www.guggenheim.org/at-large>, acedido a 03/06/2020.

<https://icom.museum/en/standards-guidelines/museum-definition/>, acedido a 10/03/2020.

www.icom-portugal.org, acedido a 10/03/2020.

<http://icom-portugal.org/icom-portugal-quem-somos/>, acedido a 10/03/2020.

<https://www.louvre.fr/en/audio-guide>, acedido a 03/06/2020.

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>, acedido a 04/06/2020.

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>, acedido a 04/06/2020.

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6622>, acedido a 20/08/2020.

<https://www.villagreta.pl/en/ecomuseum>, acedido a 04/06/2020.

<https://visitmertola.pt/mertola-vila-museu/>, acedido a 04/06/2020.

8.3. Autores vários e catálogos

Coruche:

AA.VV. – *500 Anos: Procissão em Honra de Nossa Senhora*, coord. geral Ana Maria Correia, textos Ana Maria Diamantino Correia, Ana Kol, António Camões Gouveia, António Gil Malta, Aurélio Lopes, Diana Rafaela Pereira, Jorge de Brito e Abreu, Mário Justino Silva, Miguel Gonçalves Ferreira SJ, Câmara Municipal de Coruche/Museu Municipal de Coruche.

AA.VV. – *Arte sacra no concelho de Coruche: inventário artístico da Arquidiocese de Évora*, coord. geral Maria do Céu Ramos, coord. científica Artur Goulart de Melo Borges, texto António Gil Malta, Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2014 [ed. Biligue em português e inglês, trad. Sintraweb].

AA.VV. – *Coruche: O Céu, a Terra e os Homens*, coord. geral Cristina Calais, coord. executiva Ana Maria Correia, Cristina Calais, textos Ana Catarina Sousa, Ana Maria Correia, A. Nunes Pinto, Elin Figueiredo, José Antunes, Miguel Carvalho, Nuno Calado, Rosário Caeiro, Sónia Codinha, Vasco Gil Mantas, Victor S. Gonçalves, Vincent Debut, Câmara Municipal de Coruche/Museu Municipal de Coruche.

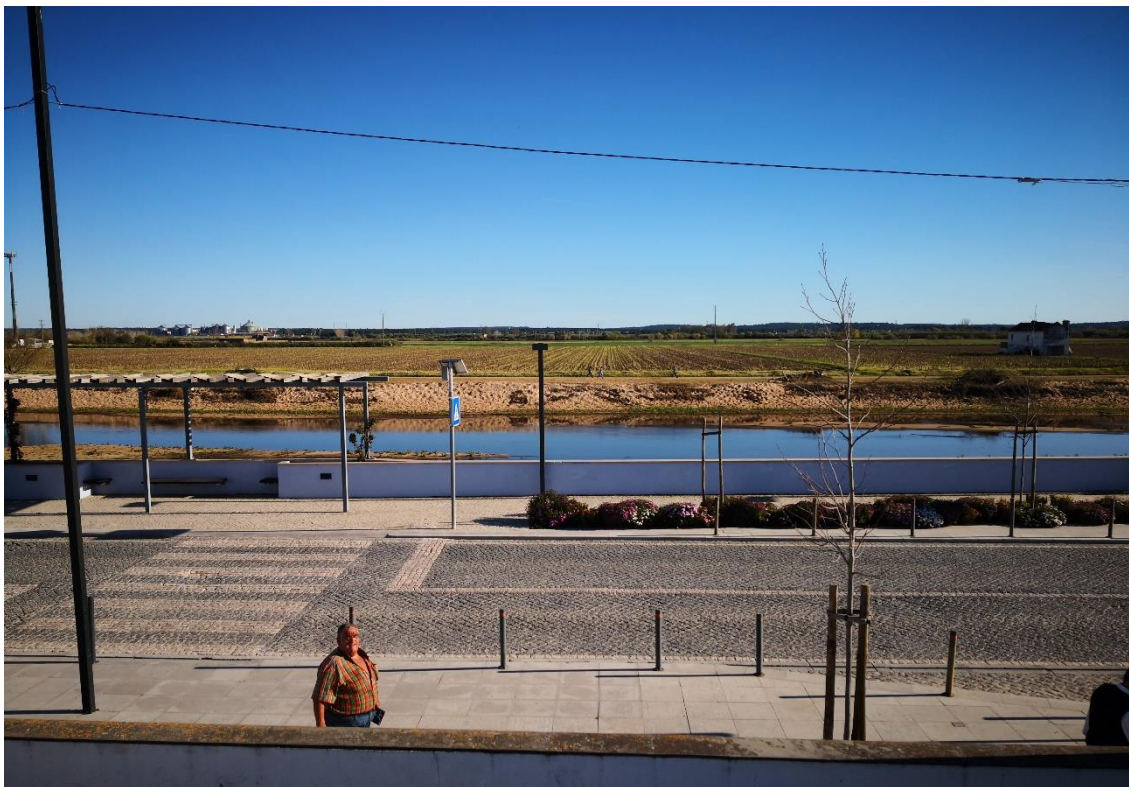
9. Anexos

9.1. Registos fotográficos





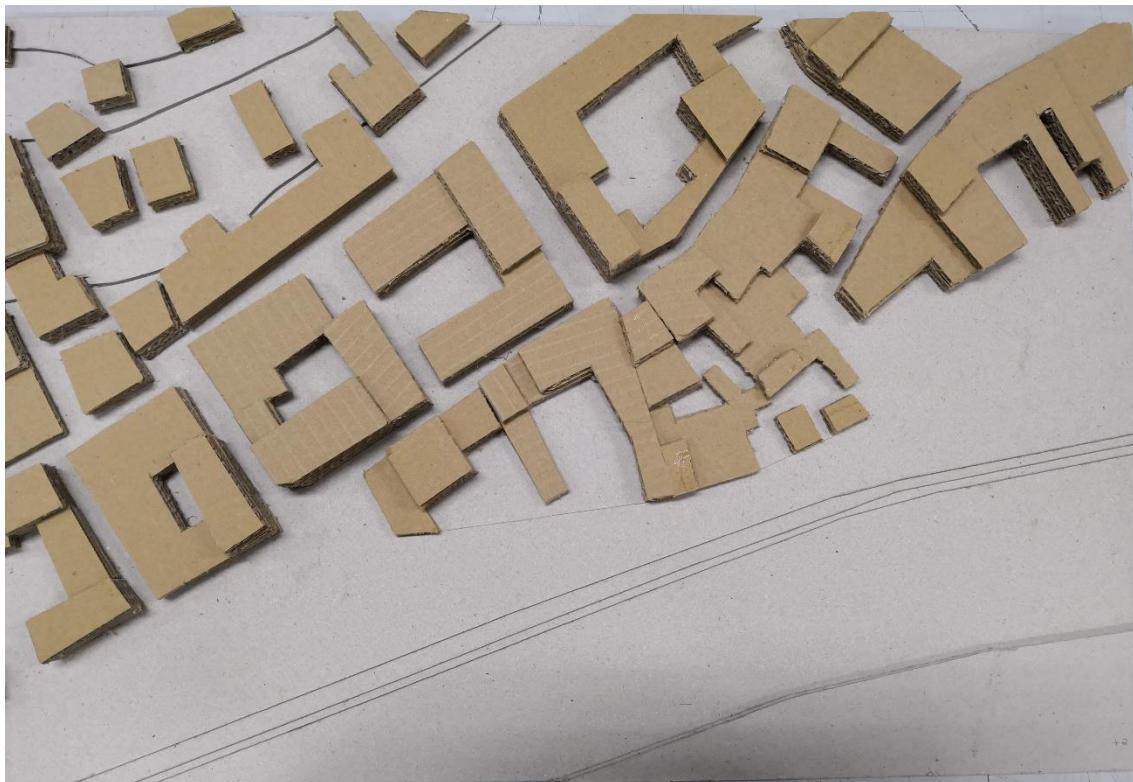


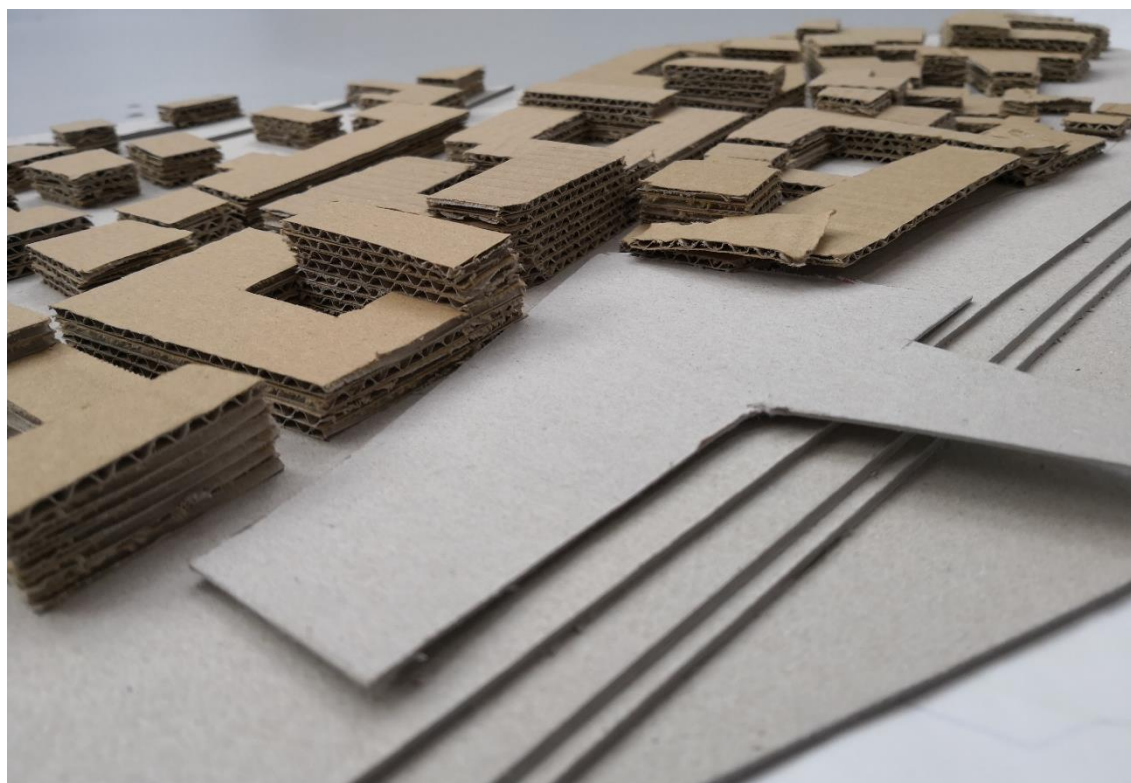


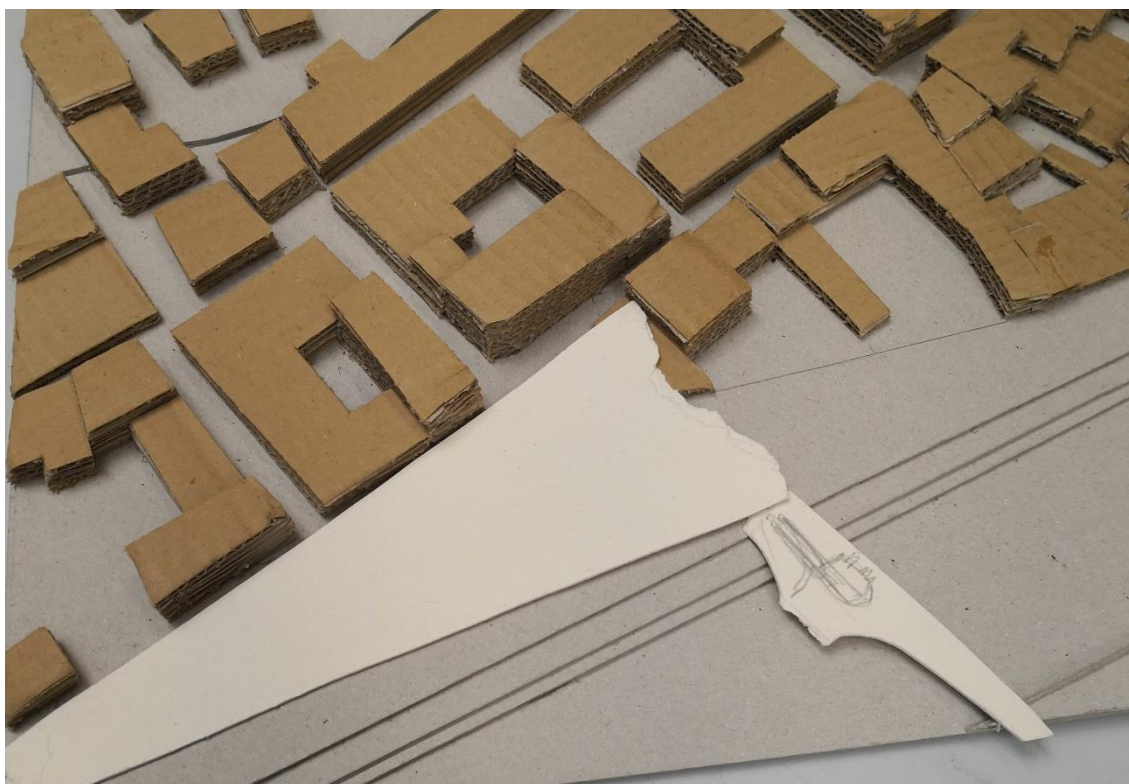


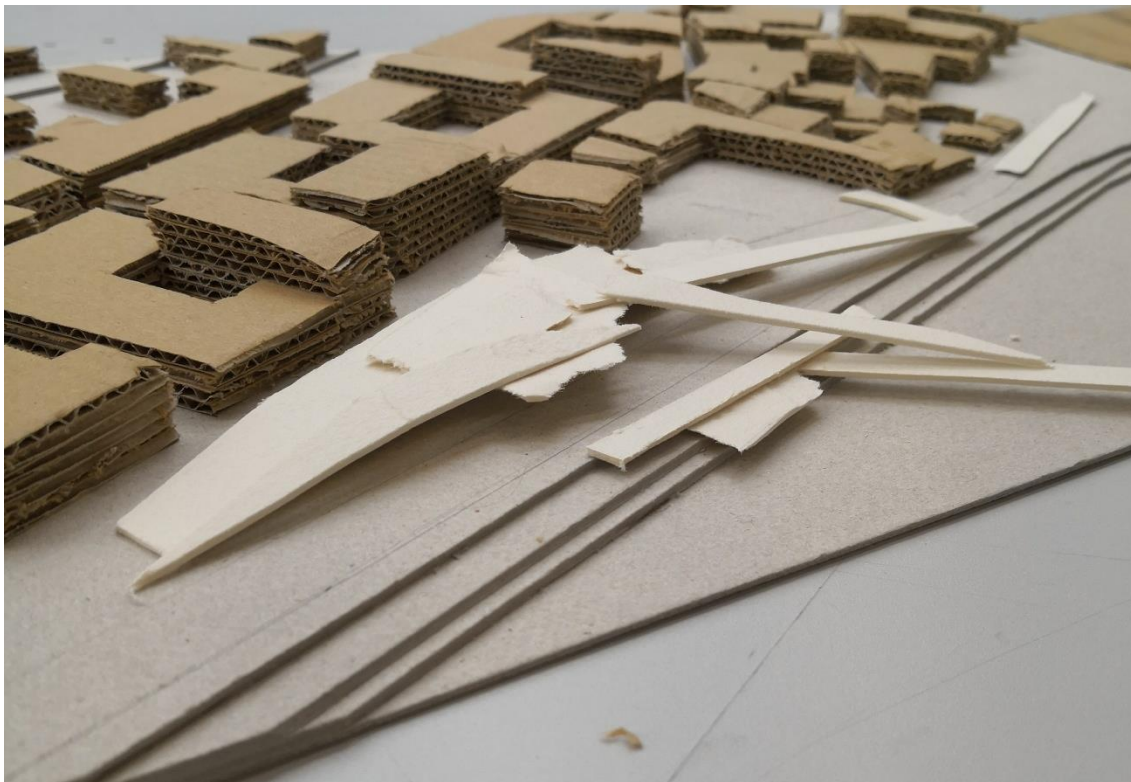


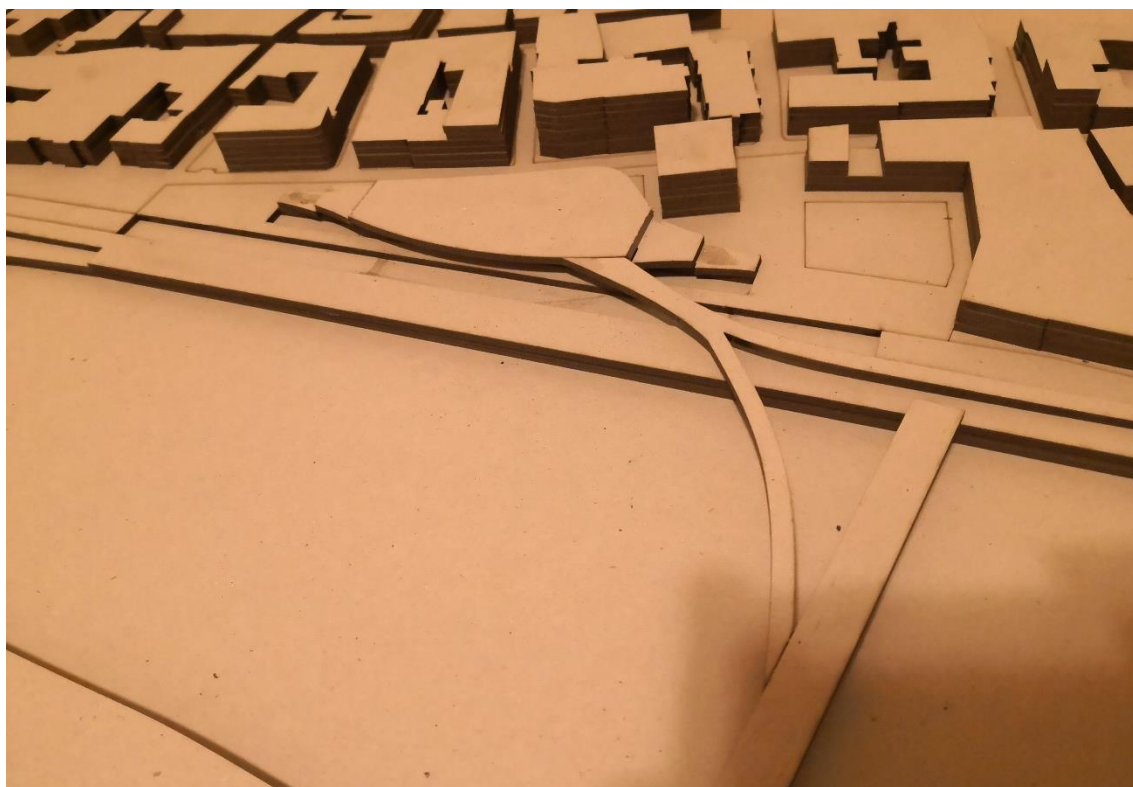
9.2. Maquetes

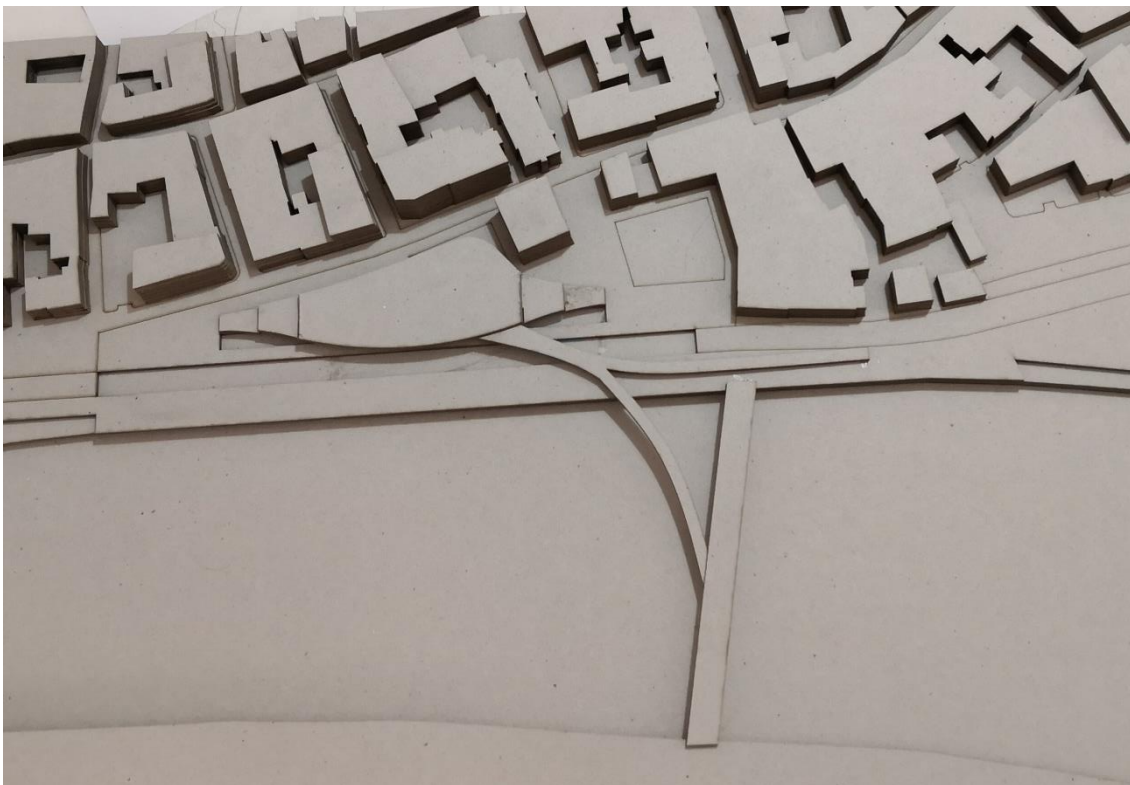


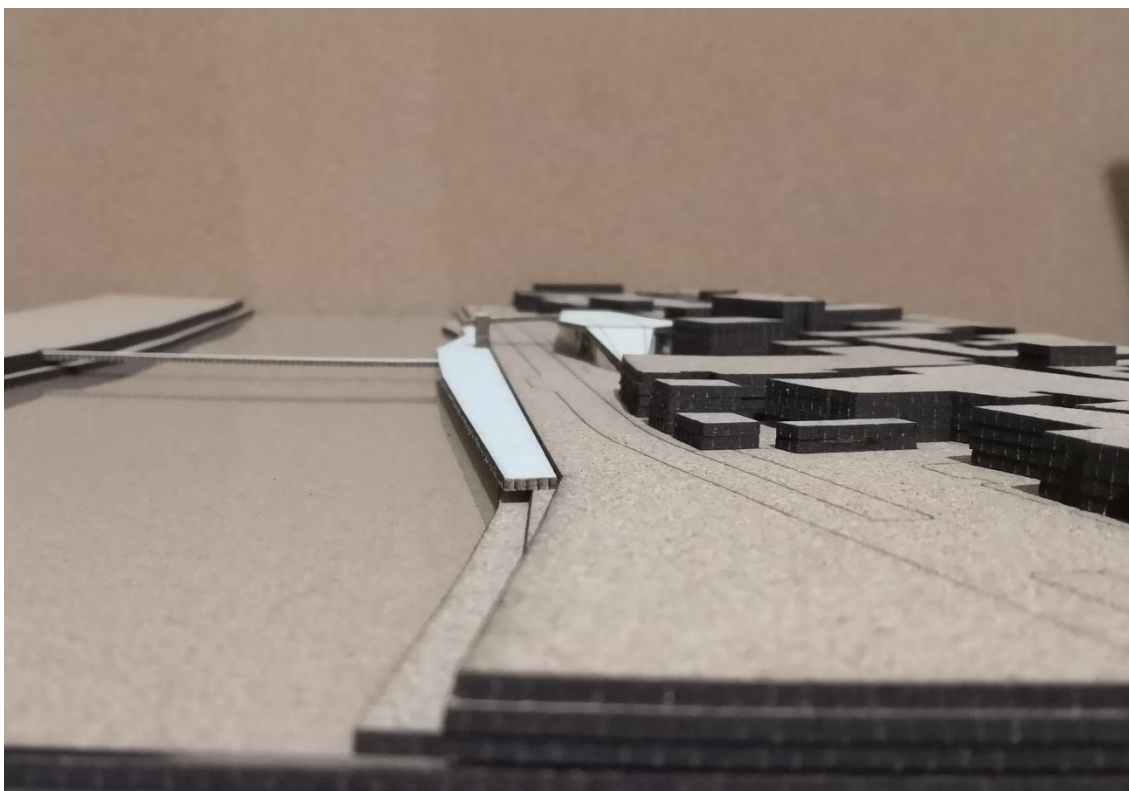


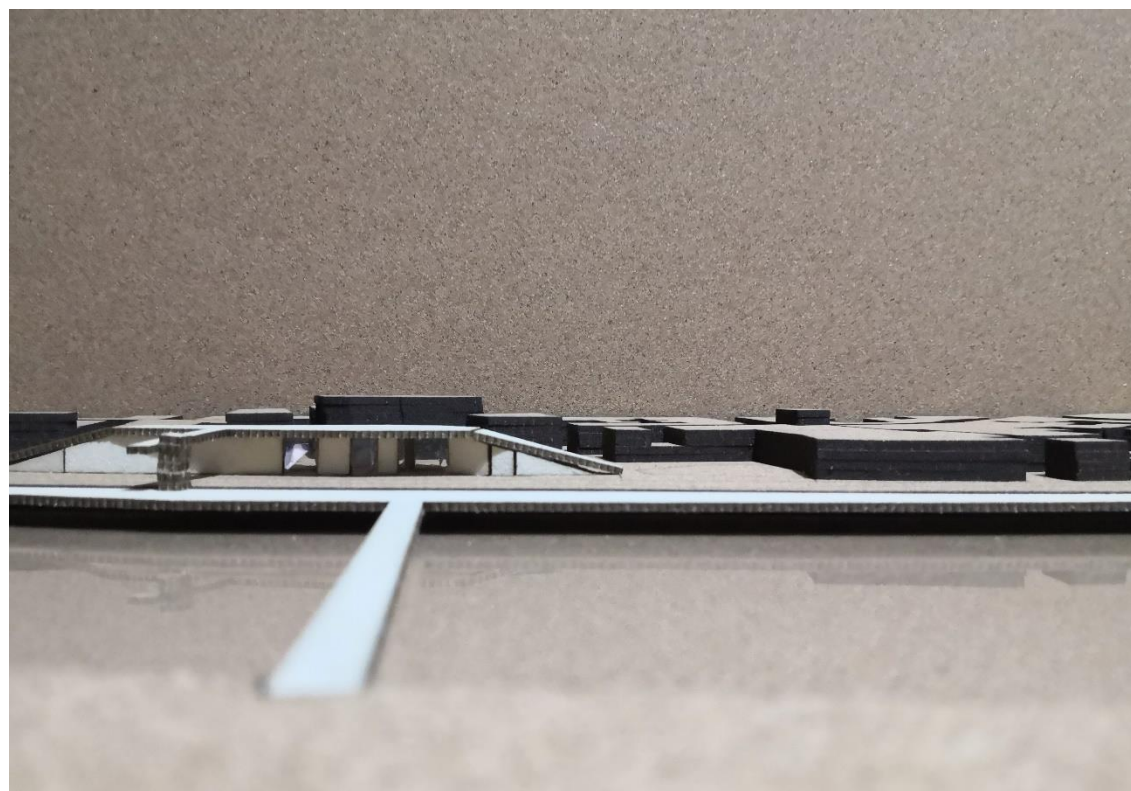
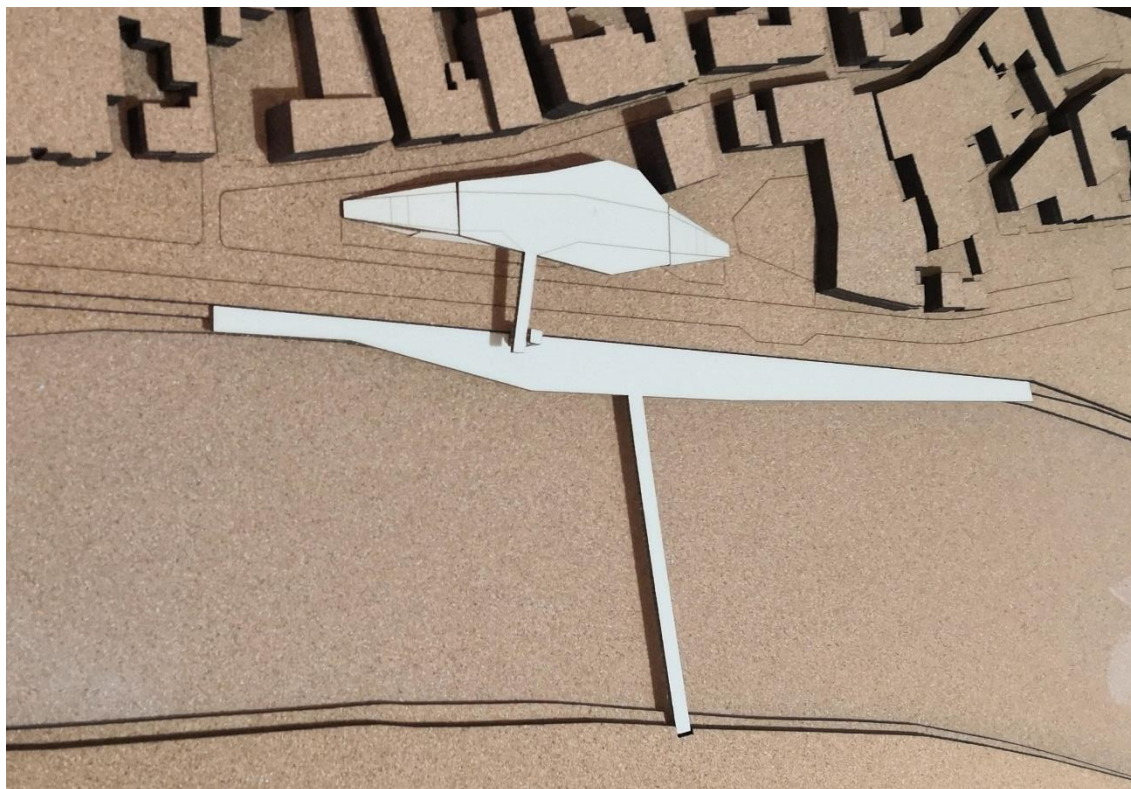


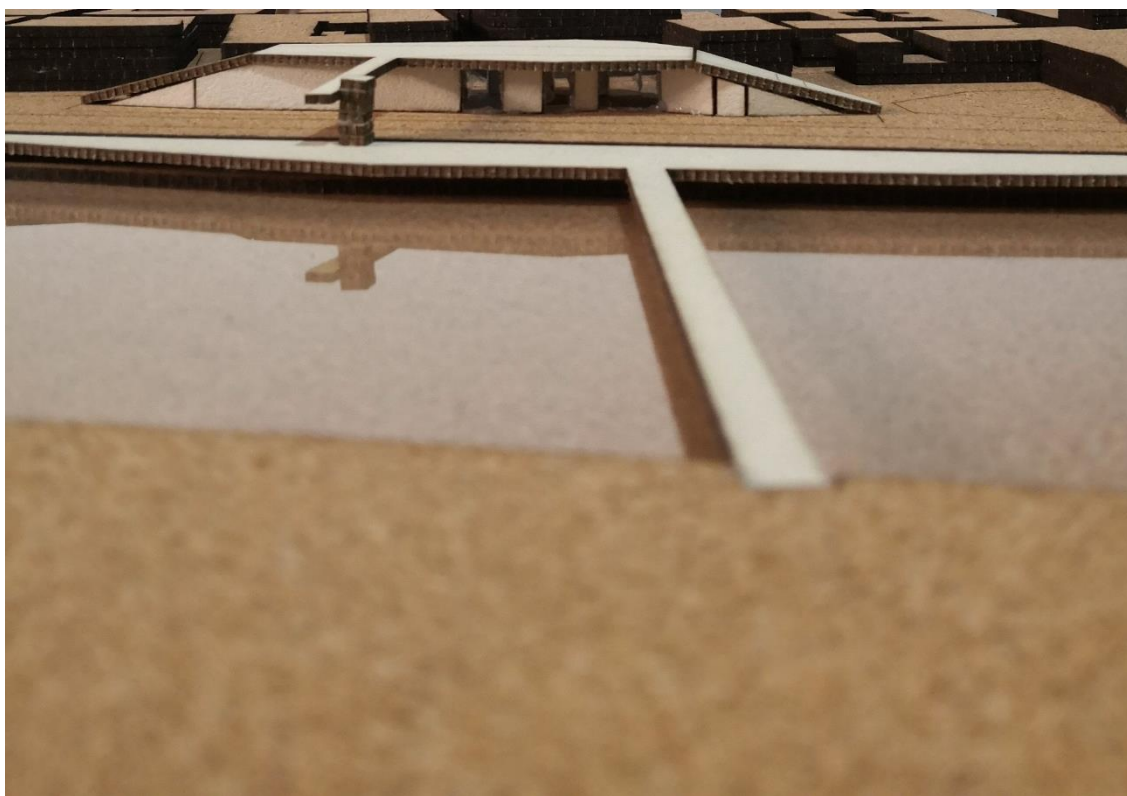








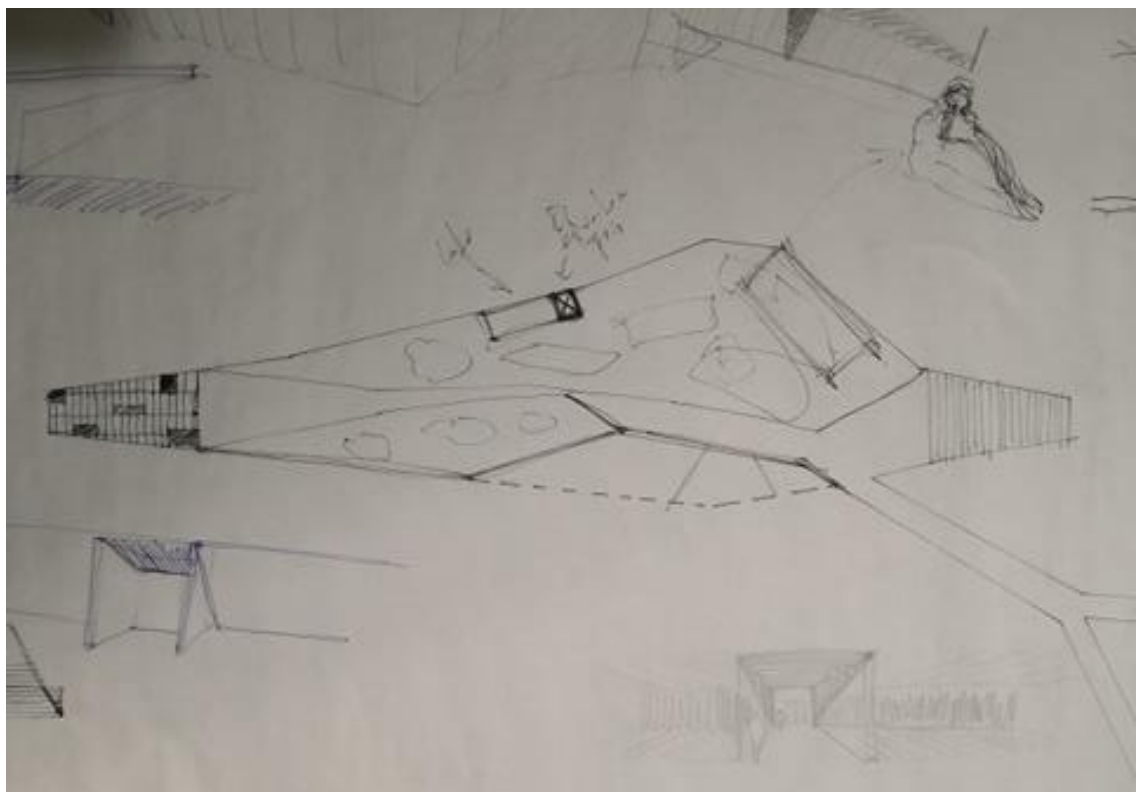
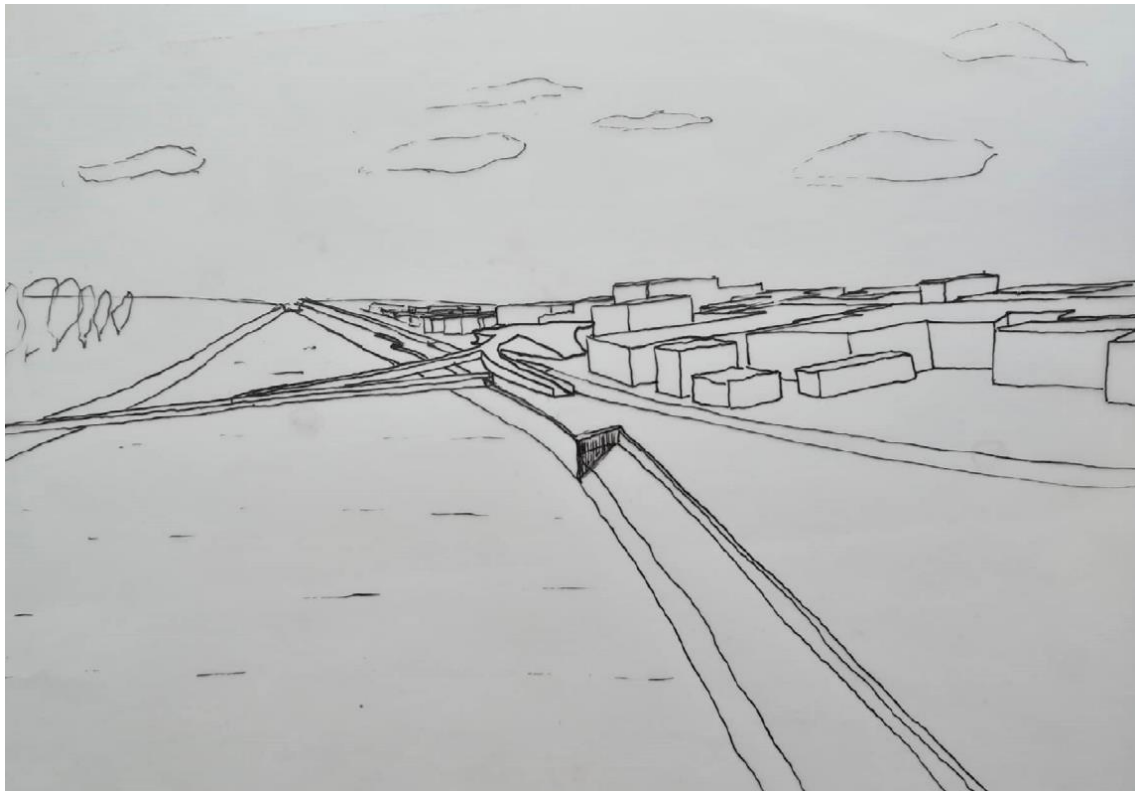


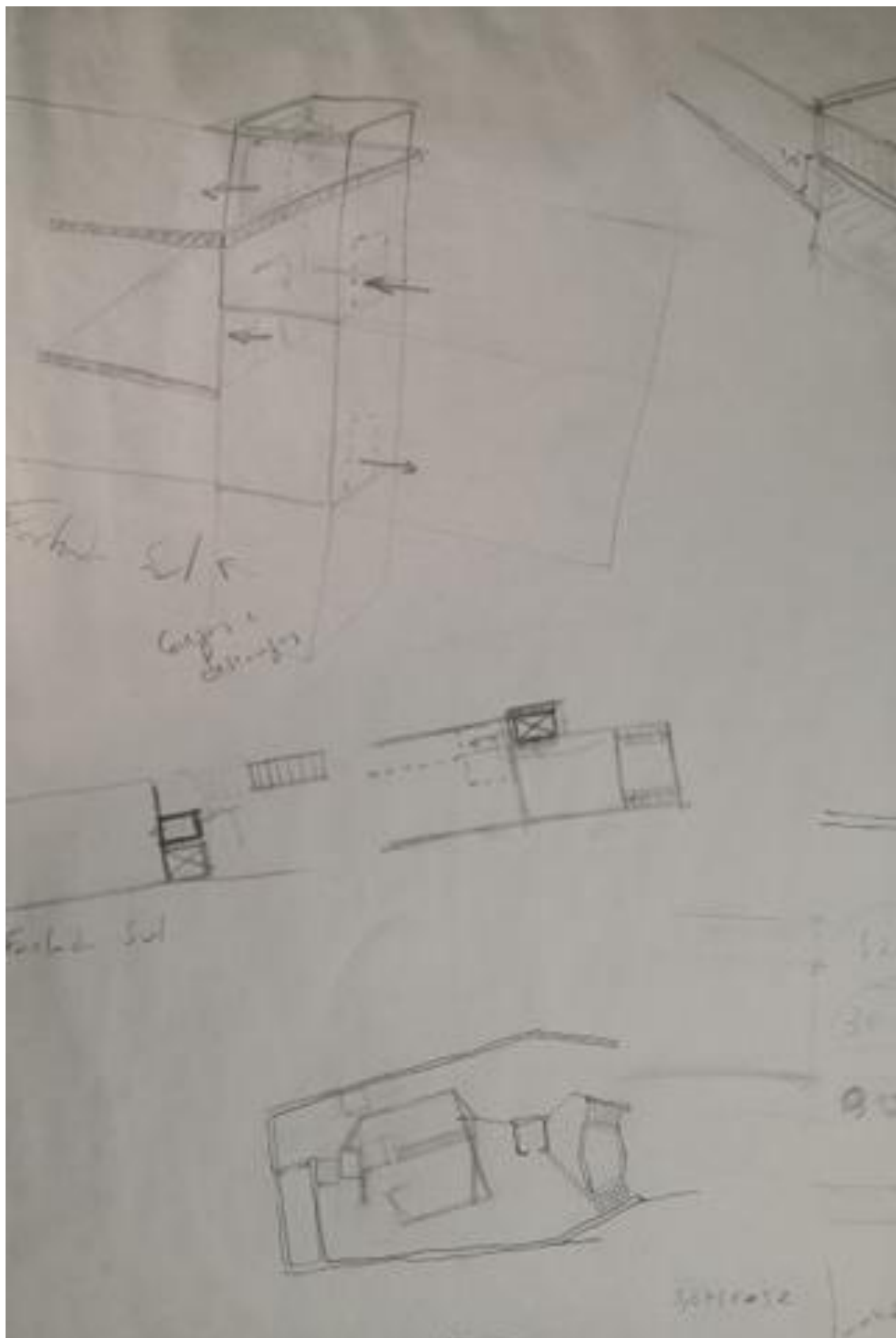


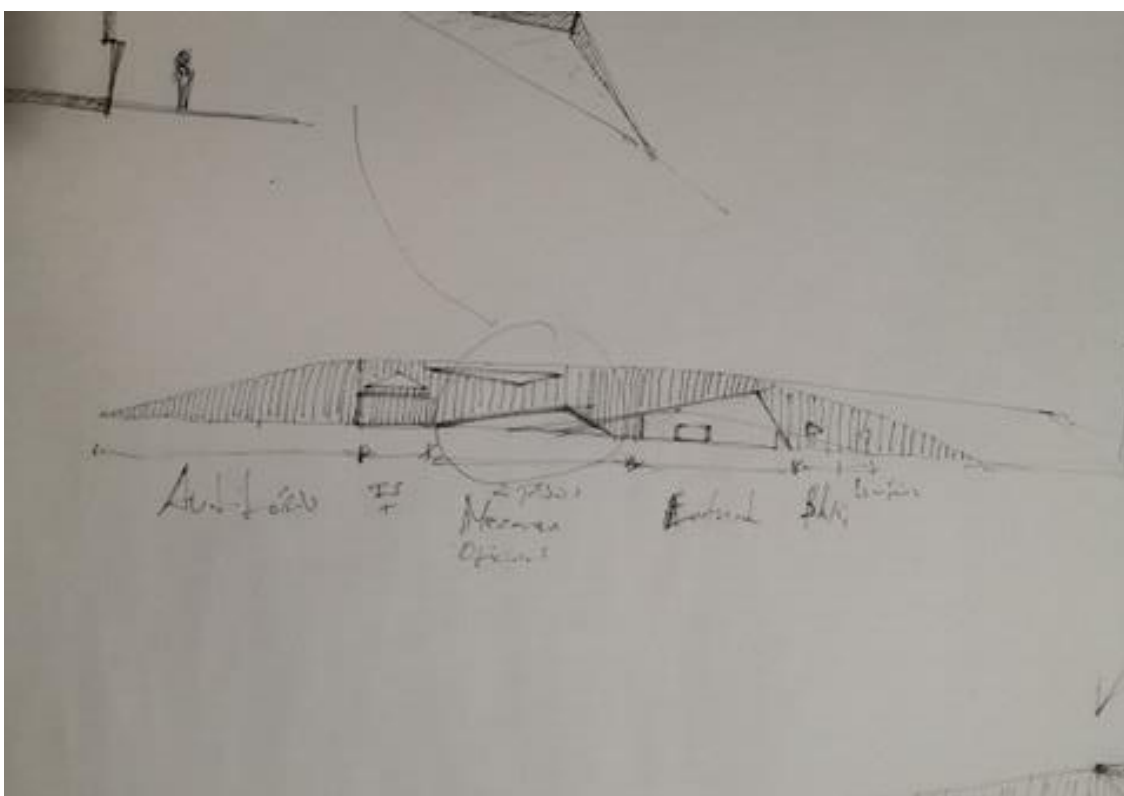
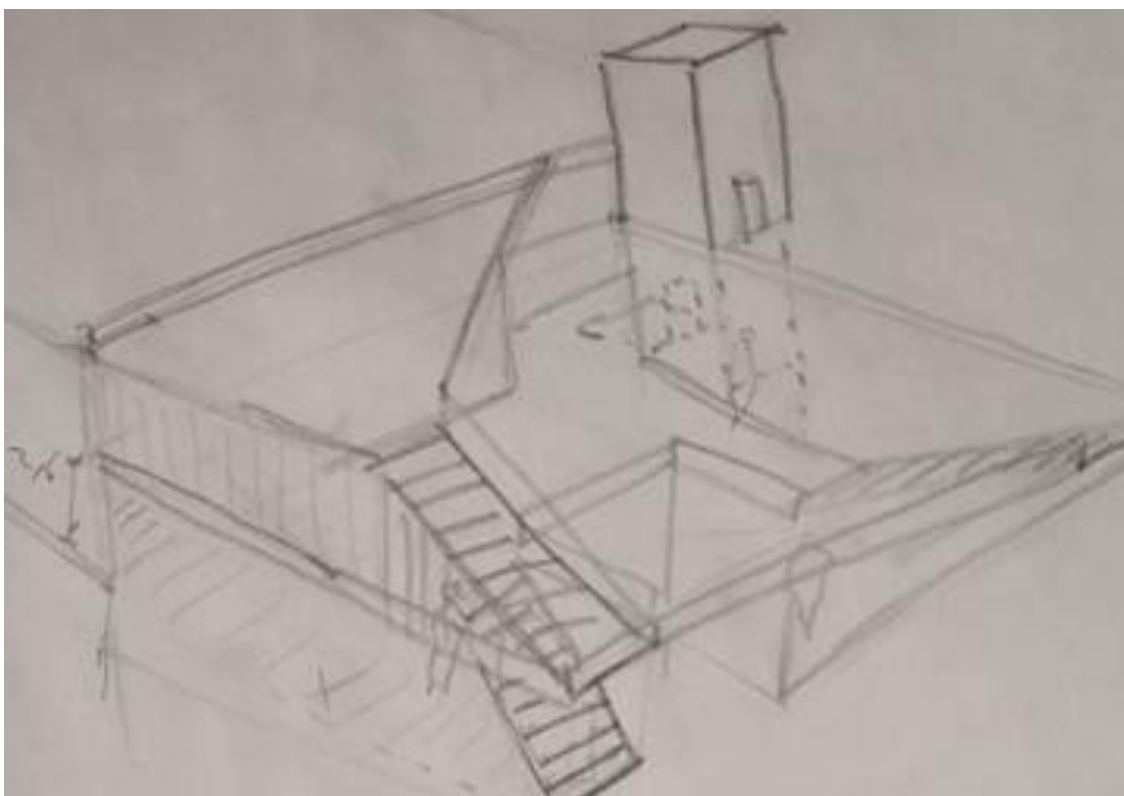


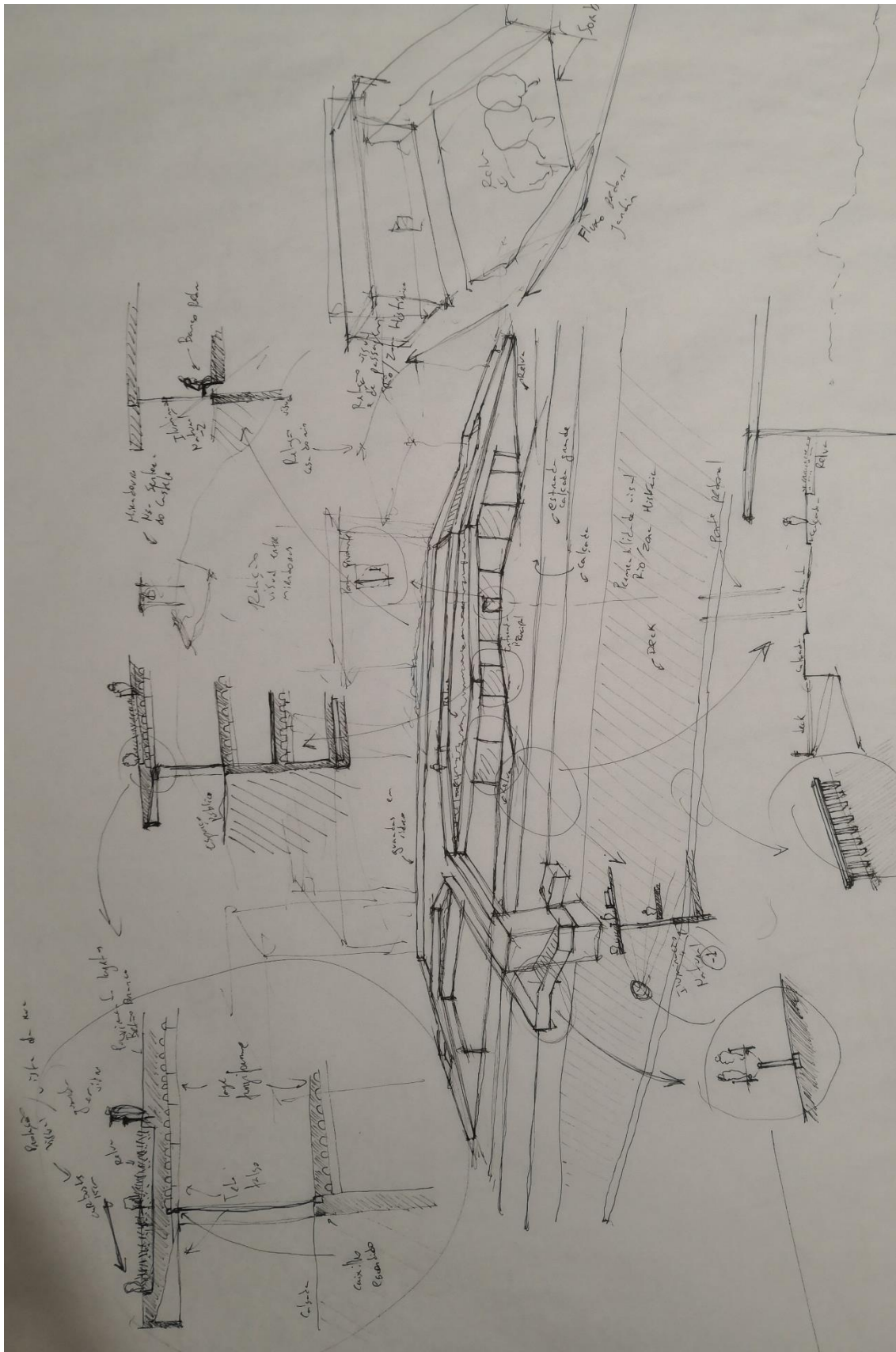
9.3. Esquícios











9.4. Painéis Síntese

Índice de peças desenhadas:

01 – Planta de localização à escala 1:2000 e Planta de implantação à escala 1:500.

02 – Corte AA' e Planta Piso-3 à escala 1:200.

03 – Corte BB' e Planta Piso -2 à escala 1:200.

04 – Corte CC' e Planta Piso -1 à escala 1:200.

05 – Alçado norte e Planta Piso 0 à escala 1:200.

06 – Alçado este e Planta Piso 1 à escala 1:200.

07 – Alçado sul e Planta Piso 2 à escala 1:200.

08 – Alçado oeste e Planta de Coberturas à escala 1:200.

09 – Corte BB' à escala 1:50.

10 – Axonometria explodida à escala 1:200.

11 – Renders ilustrativos.

12 – Renders ilustrativos.

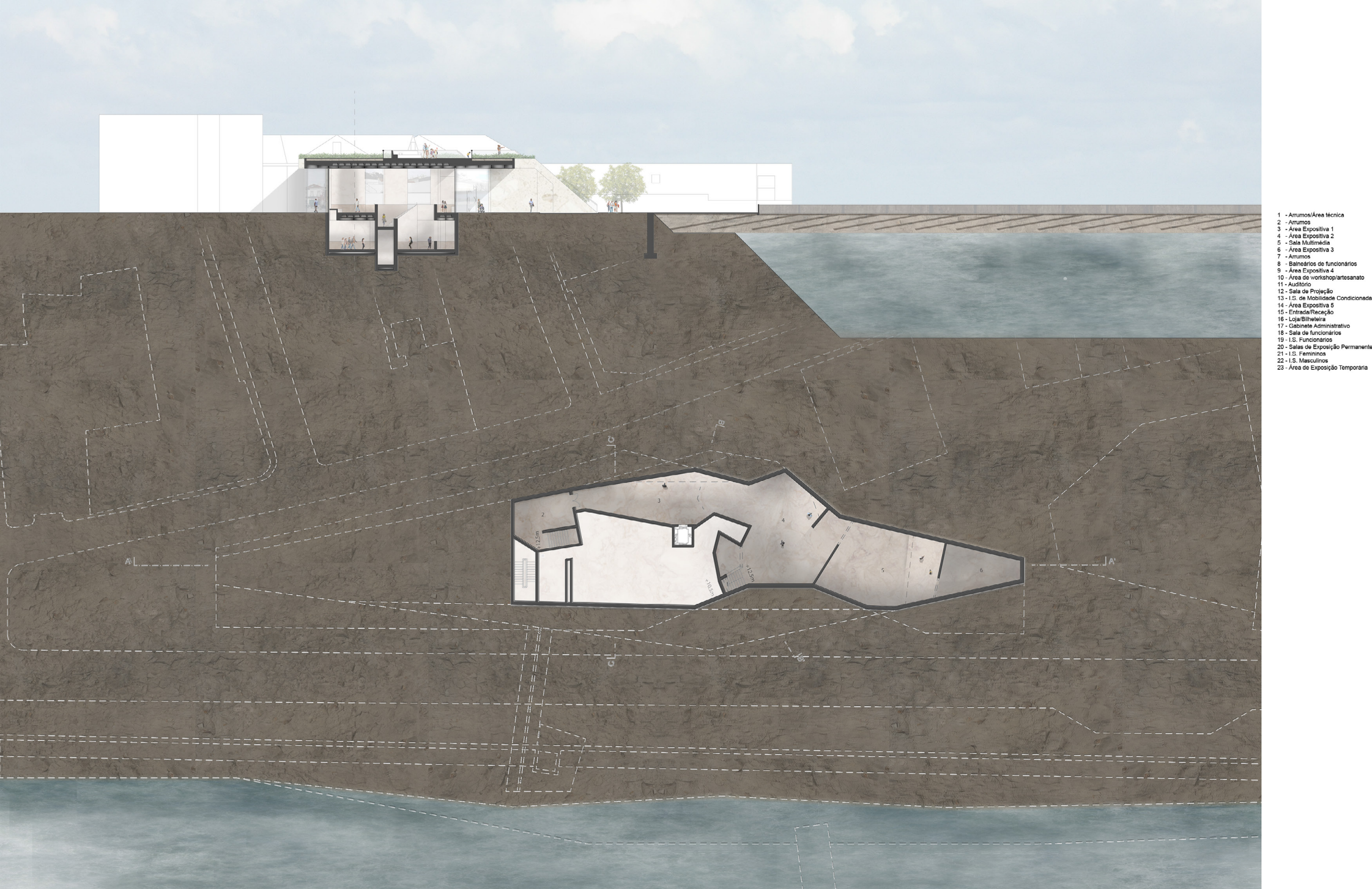


P01



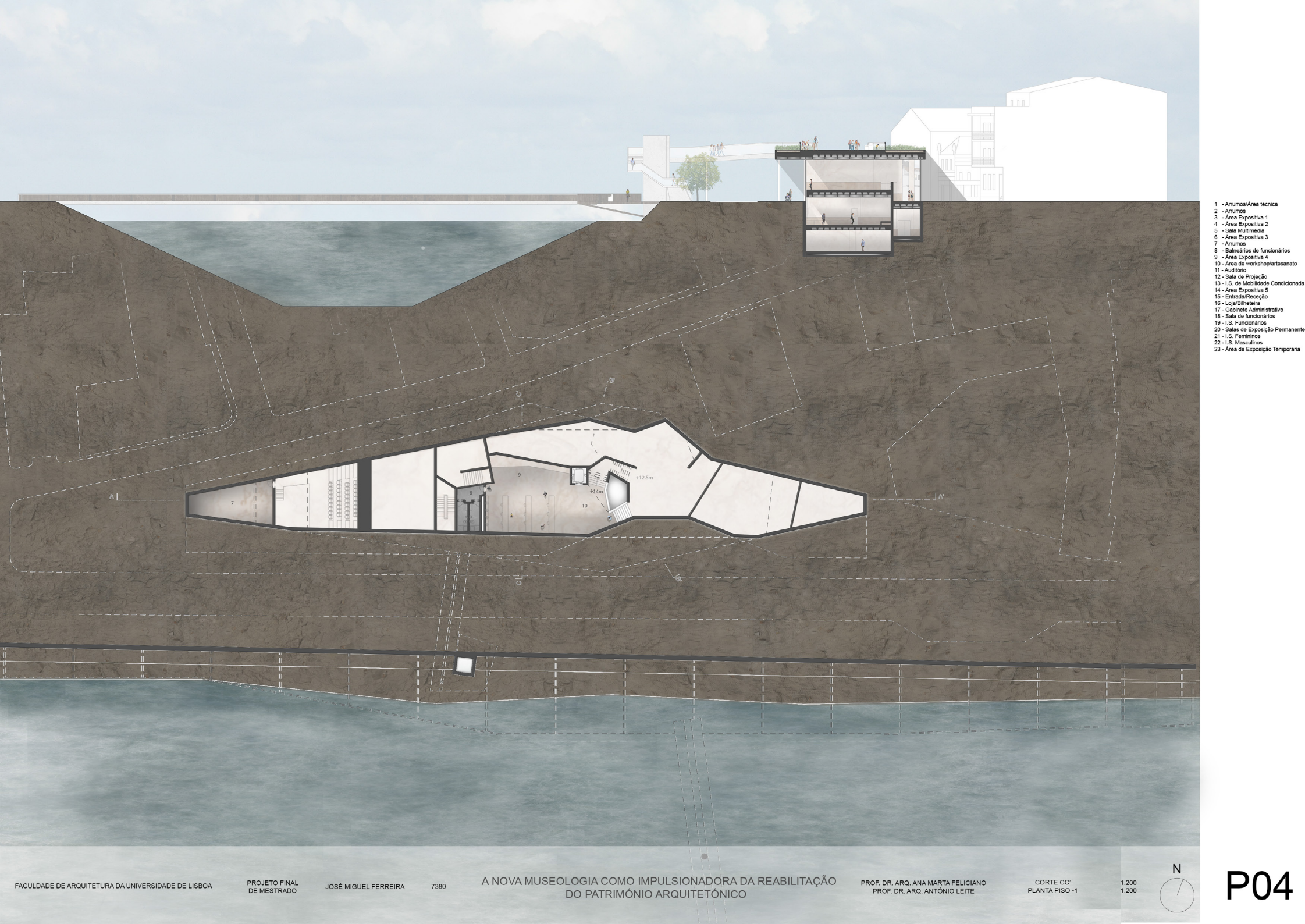
- 1 - Arrumos/Área técnica
- 2 - Arrumos
- 3 - Área Expositiva 1
- 4 - Área Expositiva 2
- 5 - Sala Multimédia
- 6 - Área Expositiva 3
- 7 - Arrumos
- 8 - Banheiros de funcionários
- 9 - Área Expositiva 4
- 10 - Área de workshop/artesanato
- 11 - Auditorio
- 12 - Sala de Projeção
- 13 - I.S. de Mobilidade Condicionada
- 14 - Área Expositiva 5
- 15 - Entrada/Recepção
- 16 - Loja/Biblioteca
- 17 - Gabinete Administrativo
- 18 - Sala de funcionários
- 19 - I.S. Funcionários
- 20 - Salas de Exposição Permanente
- 21 - I.S. Femininos
- 22 - I.S. Masculinos
- 23 - Área de Exposição Temporária





- 1 - Armazém/Área Técnica
- 2 - Armazém
- 3 - Área Expositiva 1
- 4 - Área Expositiva 2
- 5 - Sala Multimédia
- 6 - Área Expositiva 3
- 7 - Armazém
- 8 - Banheiros de funcionários
- 9 - Área Expositiva 4
- 10 - Área de workshop/artesanato
- 11 - Auditório
- 12 - Sala de Projeção
- 13 - I.S. de Mobilidade Condicionada
- 14 - Área Expositiva 5
- 15 - Entrada/Receção
- 16 - Loja/Bilheteira
- 17 - Gabinete Administrativo
- 18 - Sala de funcionários
- 19 - I.S. Funcionários
- 20 - Salas de Exposição Permanente
- 21 - I.S. Femininos
- 22 - I.S. Masculinos
- 23 - Área de Exposição Temporária





- 1 - Arrumos/Área técnica
- 2 - Arrumos
- 3 - Área Expositiva 1
- 4 - Área Expositiva 2
- 5 - Sala Multimedia
- 6 - Área Expositiva 3
- 7 - Arrumos
- 8 - Banheiros de funcionários
- 9 - Área Expositiva 4
- 10 - Área de workshop/artesanato
- 11 - Auditorio
- 12 - Sala de Projeção
- 13 - I.S. de Mobilidade Condicionada
- 14 - Área Expositiva 5
- 15 - Entrada/Recepção
- 16 - Loja/Bilheteira
- 17 - Gabinete Administrativo
- 18 - Sala de funcionários
- 19 - I.S. Funcionários
- 20 - Salas de Exposição Permanente
- 21 - I.S. Femininos
- 22 - I.S. Masculinos
- 23 - Área de Exposição Temporária





- 1 - Armazém/Área técnica
- 2 - Armazém
- 3 - Área Expositiva 1
- 4 - Área Expositiva 2
- 5 - Sala Multimédia
- 6 - Área Expositiva 3
- 7 - Armazém
- 8 - Banheiros de funcionários
- 9 - Área Expositiva 4
- 10 - Área de workshop/artesanato
- 11 - Auditório
- 12 - Sala de Projeção
- 13 - I.S. de Mobilidade Condicionada
- 14 - Área Expositiva 5
- 15 - Entrada/Recepção
- 16 - Loja/Bilheteira
- 17 - Gabinete Administrativo
- 18 - Sala de funcionários
- 19 - I.S. Funcionários
- 20 - Salas de Exposição Permanente
- 21 - I.S. Femininos
- 22 - I.S. Masculinos
- 23 - Área de Exposição Temporária





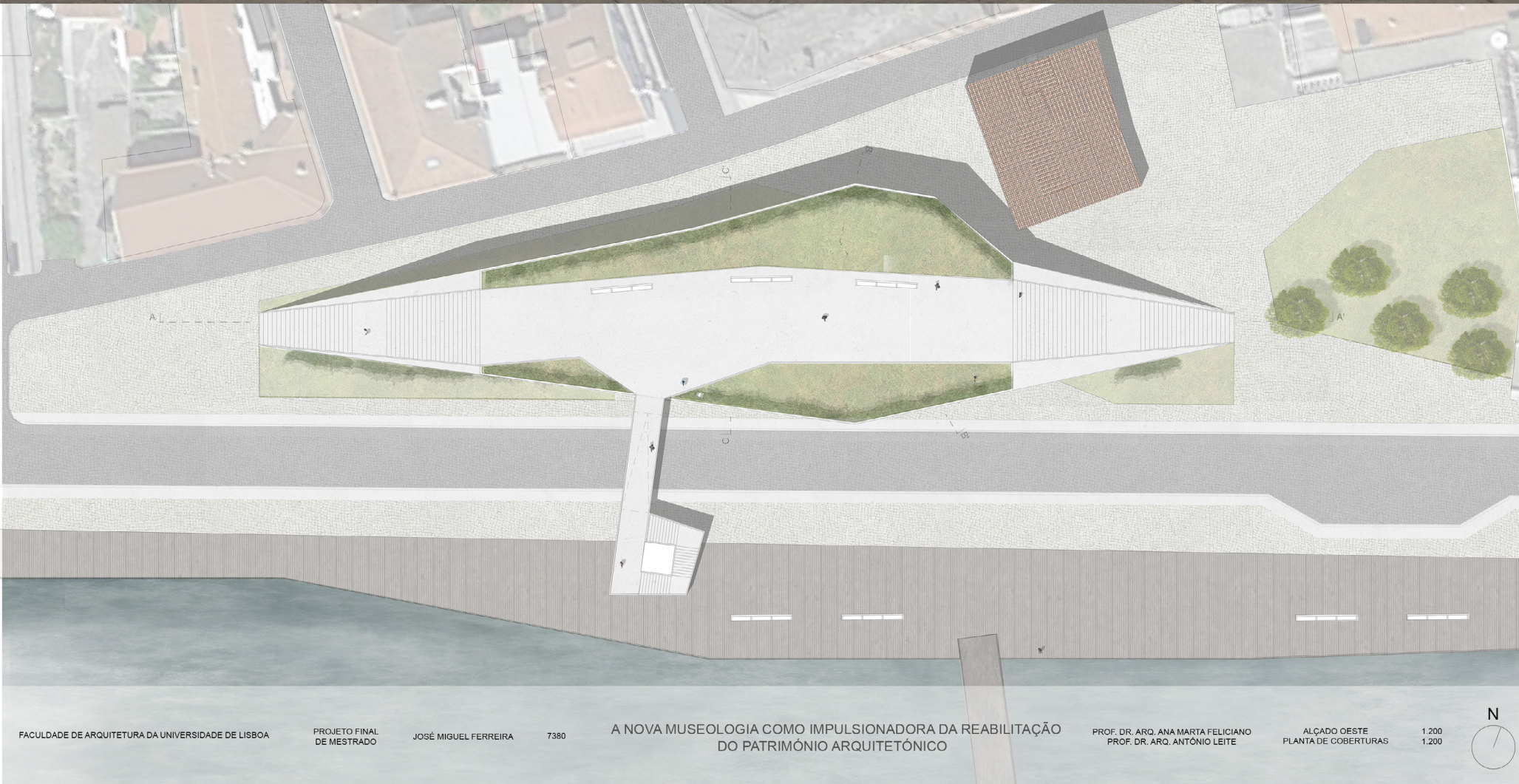
- 1 - Arrumos/Área técnica
- 2 - Arrumos
- 3 - Área Expositiva 1
- 4 - Área Expositiva 2
- 5 - Sala Multimedia
- 6 - Área Expositiva 3
- 7 - Arrumos
- 8 - Banheiros de funcionários
- 9 - Área Expositiva 4
- 10 - Área de workshop/artesanato
- 11 - Auditorio
- 12 - Sala de Projeção
- 13 - I.S. de Mobilidade Condicionada
- 14 - Área Expositiva 5
- 15 - Entrada/Recepção
- 16 - Loja/Bilheteira
- 17 - Gabinete Administrativo
- 18 - Sala de funcionários
- 19 - I.S. Funcionários
- 20 - Salas de Exposição Permanente
- 21 - I.S. Femininos
- 22 - I.S. Masculinos
- 23 - Área de Exposição Temporária





- 1 - Armazens/Área técnica
- 2 - Armazens
- 3 - Área Expositiva 1
- 4 - Área Expositiva 2
- 5 - Sala Multimédia
- 6 - Área Expositiva 3
- 7 - Armazens
- 8 - Banheiros de funcionários
- 9 - Área Expositiva 4
- 10 - Área de workshop/artesano
- 11 - Auditório
- 12 - Sala de Projeção
- 13 - I.S. de Mobilidade Condicionada
- 14 - Área Expositiva 5
- 15 - Entrada/Recepção
- 16 - Loja/Bilheteira
- 17 - Gabinete Administrativo
- 18 - Sala de funcionários
- 20 - Salas de Exposição Permanente
- 21 - I.S. Femininos
- 22 - I.S. Masculinos
- 23 - Área de Exposição Temporária





- 1 - Arrumos/Área técnica
- 2 - Arrumos
- 3 - Área Expositiva 1
- 4 - Área Expositiva 2
- 5 - Sala Multimedia
- 6 - Área Expositiva 3
- 7 - Arrumos
- 8 - Banheiros de funcionários
- 9 - Área Expositiva 4
- 10 - Área de workshop/artesanato
- 11 - Auditório
- 12 - Sala de Projeção
- 13 - I.S. de Mobilidade Condicionada
- 14 - Área Expositiva 5
- 15 - Entrada/Recepção
- 16 - Loja/Bilheteira
- 17 - Gabinete Administrativo
- 18 - Sala de funcionários
- 19 - I.S. Funcionários
- 20 - Salas de Exposição Permanente
- 21 - I.S. Femininos
- 22 - I.S. Masculinos
- 23 - Área de Exposição Temporária



